

TAGARELAS

uma abordagem da escrita com outras escritas

FLÁVIA DANIELLE SORDI SILVA MIRANDA

RAQUEL SALEK FIAD



 Pedro & João
editores

TAGARELAS

uma abordagem da escrita com outras escritas

FLÁVIA DANIELLE SORDI SILVA MIRANDA

RAQUEL SALEK FIAD

2024



SUMÁRIO

Prefácio - LAços entre nós e eLA s	5
Apresentação - Um início que desveLA...	12
Capítulo 1 - CapituLAR a escrita	20
Capítulo 2 - CapituLAR o que se percebe sobre a escrita	52
Capítulo 3 - CapituLAR abordagens da escrita	91



Conclusão - Um final que interpeLA!

135

Referências - TagareLAmos com elas e eles

139

LeiA - Lista LeiA

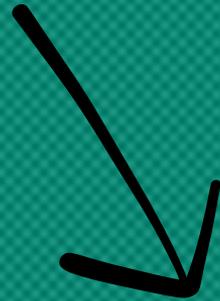
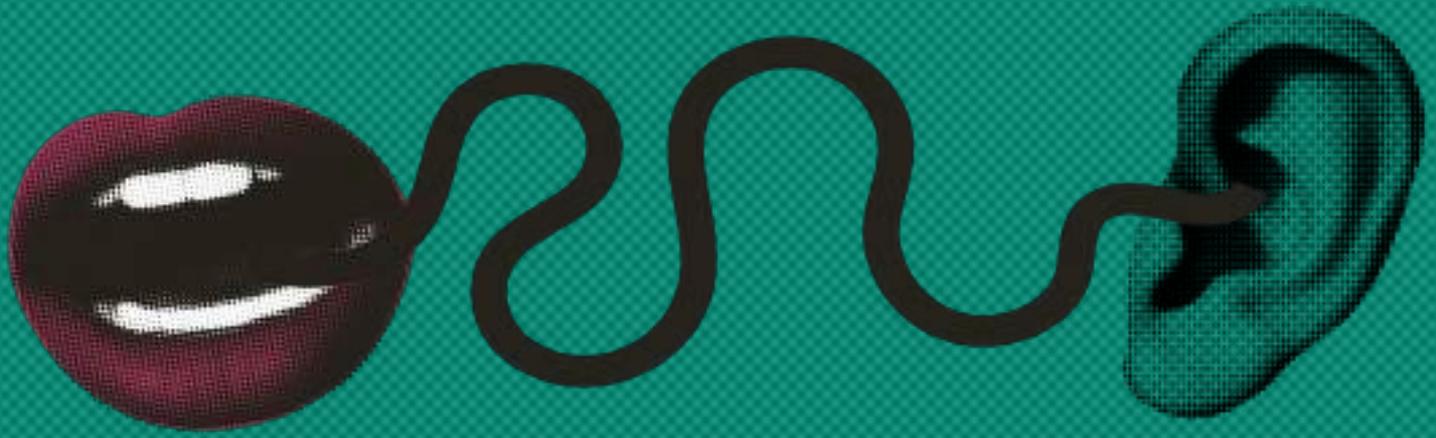
143

Sobre nós - A dupLA

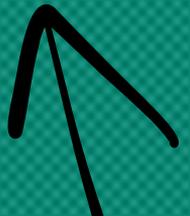
150

Agradecimentos - LAdo a LAdo

154



PREFÁCIO





LAÇOS ENTRE NÓS E ELAS

Larissa Giacometti Paris – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Fellipe Bruno Silva Oliveira – Rede Municipal de Campinas/SP

Giovana Siqueira Príncipe – Instituto Federal de São Paulo (IFSP)

Joice Eloi Guimarães – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Rómina de Mello Laranjeira – Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)

Antes de começarmos a tagarelar, é de bom tom primeiramente nos apresentarmos. Somos integrantes do Grupo de Pesquisa “Escrita: ensino, práticas, representações, concepções”, coordenado pela Raquel, uma das autoras desta obra, e tendo a Flávia, a outra autora, também como integrante. Somos também professores das áreas da Educação, Linguística e Linguística Aplicada, da educação básica e do ensino superior, da graduação em Letras e Pedagogia e, por fim, da pós-graduação em Letras. Mas, acima de tudo, somos tagarelas: adoramos prostrar, durante horas, sobre diferentes temas em nossos encontros do Grupo de Pesquisa. Em uma dessas entusiasmadas reuniões, fomos convidados pela Flávia e pela Raquel a prefaciarmos, coletivamente, o livro em questão.

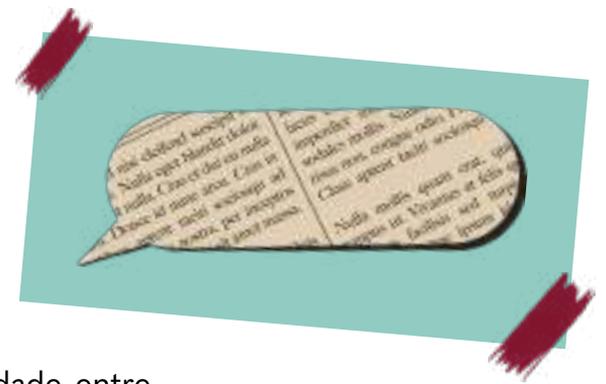
Escrever o prefácio de uma obra é uma grande responsabilidade, pois simboliza a confiança em nossa leitura para promover esse primeiro diálogo entre a palavra outra (das autoras), a palavra própria (as nossas) com aquelas que certamente

virão na corrente ininterrupta da comunicação em que esta obra agora se insere. Dessa forma, na posição de quem escreve o prefácio, é um privilégio poder ler o livro – em primeira mão e antes do grande público – e nos depararmos com a inusitada expressão de eureka: um feliz achado, uma grata descoberta, um (in)esperado encontro. E, por esse motivo, desde já, agradecemos o convite e a confiança.

Como prefaciadores, iremos expor nossas sensações, impressões e emoções que foram sendo despertadas ao longo da leitura e que, oportunamente, geraram reflexões em nós. A começar pelo título, que destaca as letras LA, abreviação de Linguística Aplicada. Logo de início, portanto, Flávia e Raquel já demarcam explicitamente o posicionamento como pesquisadoras dessa área. Aliás, ao longo de todo o texto, em diferentes partes e posições, a sigla LA salta aos olhos do leitor, como um lembrete da filiação das autoras.

Mas, para além de autoras tagareLAS, deparamo-nos com outras facetas da Flávia e da Raquel. De forma bastante pessoal e intimista, mas, ao mesmo tempo, cientificamente séria e rigorosa, ambas nos revelam nuances de seus outros “eus”: as professoras, as pesquisadoras, as linguistas aplicadas, mas também a mãe, a filha, a anfitriã, a mulher, a esposa, a palestrante, a pessoa religiosa, a adulta responsável por diferentes tarefas etc. Em todos esses papéis, vê-se claramente o uso da escrita como prática social em diferentes gêneros produzidos pelas autoras a partir de situações de interação concretas, com diferentes propósitos e interlocutores, como bilhetes, cartões de datas comemorativas, listas, agendas, diários, postagens em redes sociais, entre outros. A escolha das autoras em partir de textos autênticos, ou seja, de textos criados em suas ações cotidianas, nos diferentes papéis que desempenham socialmente, e não daqueles criados pro-





positalmente para ilustrar algum conceito, evidencia a indissociabilidade entre linguagem e vida que orienta as reflexões na área da Linguística Aplicada e uma característica ímpar da obra.

A escrita, em diversos eventos e inserida em diversas práticas de letramento, constitui o fio condutor do livro. A esse respeito, em meio a uma explosão de diferentes sentidos atribuídos à palavra letramento e ao seu conceito, nas pesquisas científicas e, também, nos mais variados usos que têm emergido na grande mídia e nas redes sociais (um certo modismo superficial em falar sobre letramento, podemos assim dizer), é um alento contar com uma obra que possui sua base epistemológica bem definida e fundamentada: a perspectiva sociocultural dos letramentos.

Tal perspectiva tem sido amplamente adotada, usada, teorizada e (re)significada nas universidades brasileiras e nas salas de aula da educação básica desde, pelo menos, a década de 1990. Sobre esse aspecto, não poderíamos deixar de ressaltar, no contexto brasileiro, o forte contributo da Raquel na formação de professores e de pesquisadores e, também, na expansão dessa perspectiva. É compreensível e justa, portanto, a sua reputação como pesquisadora na área.

São mais de trinta anos de discussões profícuas que, mais recentemente, têm refletido sobre os papéis das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação nas práticas de leitura, escrita e oralidade. O livro retrata muito bem esse contexto histórico de emergência das teorias socioculturais no Brasil e ainda acrescenta novos olhares para a questão da multimodalidade das práticas letradas, que não são exclusivas dos ambientes digitais.

A obra, pelo seu caráter de divulgação científica, busca não ser excessivamente teórica, uma vez que consegue desagarrar-se do exagero do “teoreticismo” e do

desserviço que um rebuscamento vocabular pode provocar. Também não cogita se constituir como um manual imediatista sobre o ensino de escrita, não pretende ser um guia inflexível para aprender a escrever, e, muito menos, um modelo simplista; não se firma, portanto, como um conhecimento acabado e fechado.

Ao contrário, Flávia e Raquel buscam tagarelar, prosear, conversar, dialogar – seja entre elas, seja com o leitor, seja com outras pesquisadoras da LA, seja com os conceitos teóricos, enfim. Trata-se de uma obra que se propõe a provocar reflexões sobre a escrita, a inspirar novas atitudes acerca dessa prática, a fazer alusão a outros caminhos teórico-metodológicos e, por isso mesmo, de uma maneira crítica e criteriosa, traz exemplos, analisa eventos de letramento, aponta sugestões e apresenta as potencialidades dessa perspectiva sociocultural da escrita para o ensino da produção textual.

Por esse motivo, o livro é singular na forma leve e didática (há, inclusive, atividades práticas propostas ao final de cada capítulo) com que apresenta conceitos-chave e exemplos reais e situados advindos dos acervos pessoais das autoras. A própria organização das seções propicia, em diferentes momentos, interações multimodais da obra com o leitor ao contar com elementos visuais (setas, cores, desenhos de balões), boxes, vídeos (com tradução em Libras) e áudios. A Lista Leia, ao final, é o remate especial ao nos apresentar, com requinte, sugestões de bibliografia sobre as temáticas abordadas.

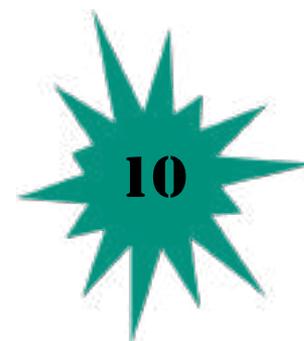
Todos esses elementos que compõem o livro colaboram com o intuito das autoras de nos fazerem tagarelar internamente, sobretudo no diálogo com tantos outros textos, orais e escritos que vão clareando nossa visão sobre a escrita e instigando-nos a ler mais sobre o assunto, para além da obra, confirmando o



tom de obra inacabada pontuado por elas, pelos diálogos que não cessam. Os vídeos, que são disponibilizados, por exemplo, mostram as autoras tagarelando com outras tagarelas. Neles, pesquisadoras dos estudos dos letramentos compartilham experiências diretamente ligadas aos temas tratados nos capítulos, tais como: projetos de letramento, etnografia e letramentos acadêmicos. Essas pesquisadoras, além de compartilharem suas histórias com a Flávia e a Raquel, sobre suas trajetórias nos estudos dos letramentos, também nos dão sugestões de leituras, muitas delas disponíveis gratuitamente, fomentando ainda mais nossas possibilidades de continuar tagarelando.

Em outras palavras, Flávia e Raquel são capazes de costurar primorosamente as fundamentações teóricas e as dinâmicas da vida, circunstanciadas a todo momento pela escrita, a partir do princípio da indissociação entre teoria e prática. Elas nos presenteiam, assim, com uma visão panorâmica sobre a escrita, mas sempre situada, sem descuidar do rigor teórico que subjaz a perspectiva adotada. É a teoria edificada refletindo e refratando a prática vivida, é a prática experienciada refletindo e refratando a teoria construída, em um constante movimento pendular de (re)transformações.

Embora as autoras esclareçam que a obra foi pensada para ser lida por qualquer pessoa (seja ela ligada ou não aos estudos da linguagem), pensamos ser imprescindível enfatizar que o livro é de grande valia para graduandos e pós-graduandos das áreas de Letras e de Educação e, também, para professores que atuam na educação básica com o ensino da escrita, entre outros. Logo, o livro pode suscitar reflexões de profissionais da educação básica e do ensino superior, no âmbito da formação docente inicial e continuada. A nosso ver, tanto alunos/as



em formação ou professores iniciantes, que se deparam pela primeira vez com a teoria sociocultural dos letramentos, quanto professores com vasta experiência em sala de aula, que buscam revisitar essa perspectiva a partir de novas nuances, podem se beneficiar com a leitura.

Convidamos, por fim, o leitor a tagarelar com as autoras, a adentrar no universo da escrita como prática social e, assim como nós, a deleitar-se com a leitura de uma obra inovadora e acessível ao grande público.

Daqui, dali e acoLÁ, 15 de agosto de 2024.

Integrantes do Grupo de Pesquisa “Escrita: ensino, práticas, representações, concepções”, liderado por Raquel Salek Fiad (Unicamp/CNPq)



APRESENTAÇÃO



UM INÍCIO QUE DESVELA...

Esta não é uma obra aos moldes convencionais da academia. Foi proposi-
tadamente pensada para extrapolar os limites já conhecidos (e frequente-
mente cerceadores!) da escrita acadêmica. Propõe-se, assim, a dialogar
com o maior número de pessoas possível, pesquisadores ou não, envolvidos com
os estudos da linguagem ou nada disso. Admitindo o sentido mais clássico do
vocábulo que dá título ao livro, assumimos a ação de tagarelar, ou seja, conver-
sar livremente, sem deixar de demarcar, no entanto, nossa posição disciplinar
na Linguística Aplicada (LA), o que caracteriza de modo particular essas duas
autoras como tagarelas e nos fez grafar algumas palavras, ao longo do livro, des-
tacando as letras **L** e **A**.

Retomamos o nome “TagareLA” de dois projetos homônimos anteriores¹ de
extensão universitária já concluídos, acrescentando, agora, uma marca de plural,
para intitular esta produção, decorrente de mais uma – dentre tantas! – parceria
entre nós. Este trabalho é o resultado de uma atividade de capacitação, em que
a Flávia (da Universidade Federal de Uberlândia) foi recebida pela Raquel (na Uni-

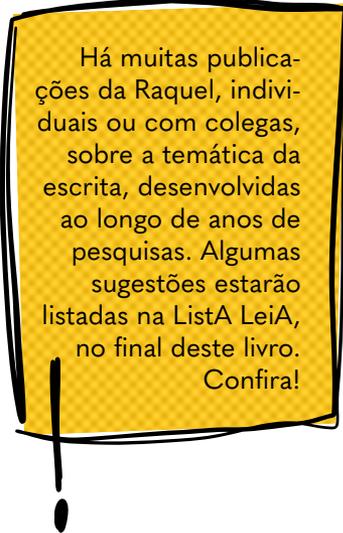
1 Referimo-nos aqui aos projetos de extensão, coordenados pela Flávia: 1) “TagareLA”, realizado em 2020, vinculado ao “Programa Rede de Extensão” da Universidade Federal de Uberlândia e 2) “TagareLA: versão Letramentos Acadêmicos”, realizado em 2022, com vínculo com a mesma universidade. Ambos envolveram pesquisadores de diversas instituições em seus desenvolvimentos. Para a comunidade externa, foram gratuitos e abertos a qualquer interessado, acontecendo remotamente.

versidade Estadual de Campinas), novamente unindo UFU e Unicamp, de agosto a novembro de 2023.

Aqui, consoante à proposta de divulgação científica, no âmbito da LA², nosso foco está na escrita e suas muitas possibilidades! Abordamos conceitos já consolidados no campo da LA, todos relativos à escrita, nosso recorte orientador, de uma forma leve e didática, tagereLAndo juntas, o que, na realidade, já fazemos bastante e há um bom tempo 😍

O que nos motiva e sustenta esta empreitada conjunta são, pesadamente, os princípios do campo dos Letramentos Acadêmicos/*Academic Literacies*/ACLITS (cf. Lillis e Scott, 2007; Lillis et al. 2015), os quais há, pelo menos, trinta anos têm questionado práticas de leitura e escrita no contexto acadêmico e debatido possibilidades de transformação dessas práticas.

De nossos lugares na academia, entretanto, temos visto e vivenciado o quão distante estamos de que essas mudanças aconteçam ou simplesmente que a



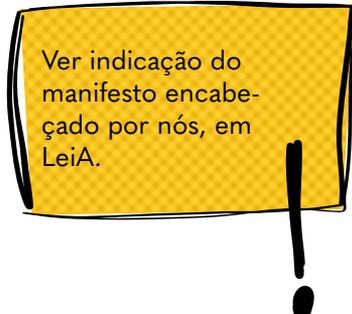
Há muitas publicações da Raquel, individuais ou com colegas, sobre a temática da escrita, desenvolvidas ao longo de anos de pesquisas. Algumas sugestões estarão listadas na ListA LeiA, no final deste livro. Confira!

² Os projetos de extensão supracitados já correspondiam ao objetivo de realizar divulgação científica na LA. Ainda recentemente, Silva (2021) adverte ser a “divulgação científica, outro ramo de atuação profissional para o qual eu chamo a atenção dos linguistas aplicados. Também é necessário ousar na divulgação de pesquisas realizadas. A LA precisa ser divulgada entre os cidadãos comuns” (Silva, 2021, p. 22).

escrita seja conhecida e ensinada em outros moldes. Como se vê, é um tema que sempre nos interessou. Nossas pesquisas são voltadas para o assunto... Mas, aqui, não falaremos propriamente sobre nossos trabalhos acadêmicos. O foco estará em abordar a temática sem tantos jargões científicos, ainda que tudo o que iremos trazer esteja fundamentado em estudos já feitos na LA e em outros campos de estudo.

Nesse movimento, portanto, a estrutura toda do livro é a de um bate-papo, ou seja, quisemos que esta produção tagareLAssesse do início ao fim, como vocês já puderam perceber na leitura do prefácio, elaborado pelo diálogo entre diferentes participantes (e queridos amigos!) de nosso grupo de pesquisa. A conversa continuará entre nós mesmas, ao longo das páginas que virão. Ainda, gostaríamos que gerasse diálogos com pessoas diferentes, como os leitores perceberão ao final de cada capítulo, quando trazemos convidadas para tagareLAr.

Para esse novo jeito – pelo menos para nós – de escrever sobre escrita, pensamos em um modo de apresentação textual com boxes, cores, interjeições e comentários, enfim, com configurações menos parecidas com as afamadas normas e convenções das

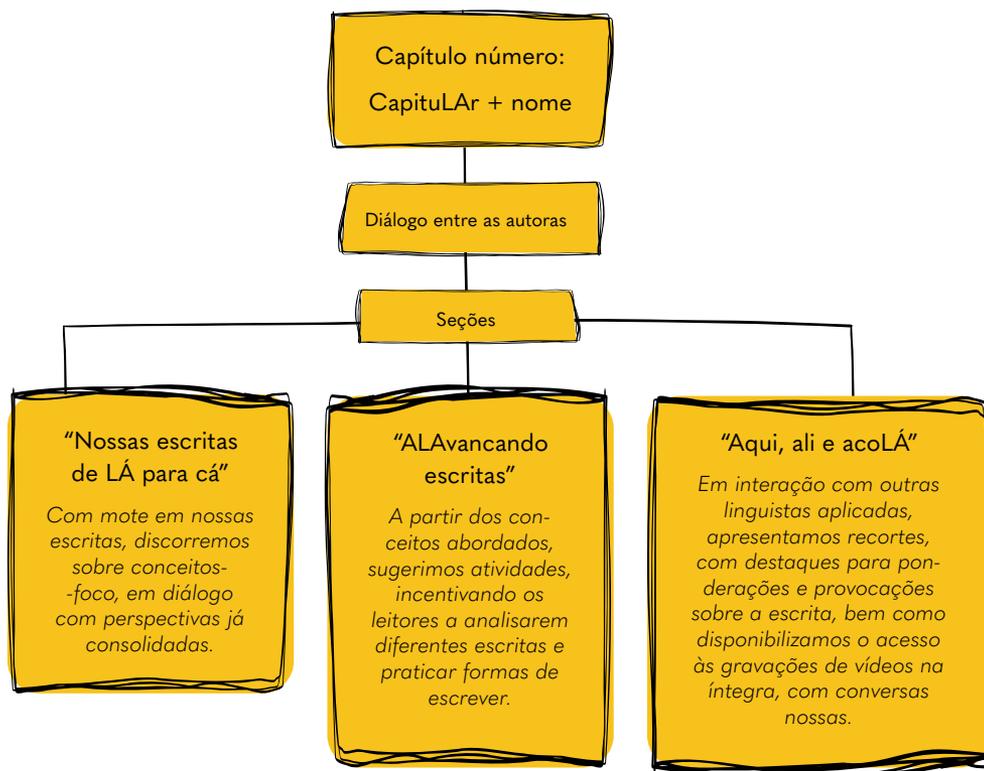


Ver indicação do manifesto encabeçado por nós, em LeiA.

escritas acadêmicas. Ao longo de toda a obra, os leitores irão se deparar com apontamentos particulares em textos coloridos, puxados de algumas palavras específicas, como já puderam notar desde esta apresentação. Além disso, verão várias imagens de nossas escritas, já publicadas ou não, produzidas ao longo de nossas vidas, bem como comentários pessoais e trechos de diálogos entre nós e com as outras professoras e pesquisadoras. Ademais, traremos algumas citações de estudiosos para mostrar, nas suas palavras, pontos relativos aos conteúdos de que estaremos faLAndo.

Igualmente, a organização dos capítulos se deu de forma a propiciar o andamento dessas várias conversas, sempre sob o escopo da LA, num movimento de desenroLAr assuntos e conceitos. Estruturalmente, trazemos um trio de capítulos, que se iniciam sempre por um diálogo entre as autoras, intercalando entre perguntas da Raquel para a Flávia ou o contrário. Além disso, eles são compostos sempre por três seções, que se repetem em todos, com títulos e subtítulos que brincam com a sigla LA. Explicamos:

Figura 1 – Estrutura organizacional padrão dos capítulos do livro



Fonte: as autoras

No Capítulo 1 – CapituLAR a escrita – iniciamos nosso diálogo, focalizando os conceitos de *escrita como prática social*, *letramentos vernaculares ou autogerados* e *escrita multimodal*, buscando contextualizar a escrita em sua diversidade e complexidade. Para ampliar os diálogos, trazemos uma boa conversa sobre

o assunto, com a Profa. Dra. Glícia Azevedo, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Enquanto, no Capítulo 2 – CapituLAr o que se percebe sobre a escrita – continuamos a conversa, explorando modos de se analisar e compreender práticas de escrita, práticas de letramentos. Assim, mobilizamos os conceitos de *etnografia*, *etnografia como teorização profunda e conversas sobre o texto*. A colega que veio nos ajudar, no diálogo, foi a Profa. Dra. Luanda Rejane Soares Sito, da Universidade de Antioquia, na Colômbia, (UdeA).

No Capítulo 3 – CapituLAr abordagens da escrita –, por sua vez, destacamos uma perspectiva em especial, que é a dos letramentos e trabalhamos os conceitos de *letramentos sociais*, *letramentos escolares* e *letramentos acadêmicos*. Dessa vez, a conversa foi apoiada pela contribuição da Profa. Dra. Adriana Fischer, da Universidade Regional de Blumenau (FURB).

Das conversas com as colegas, que foram gravadas em vídeos legendados a serem apresentados no fim de cada capítulo, recortamos excertos que foram revisados/adequados pelas tagareLAs convidadas para serem tanto reproduzidos no livro quanto interpretados gentil e habilmente, em Libras, pelo Prof. Ms. Rafael Carlos Lima da Silva (Unifal), que também é autor do livro *Libras: aprendizagem na vida cotidiana* (2022). Ainda que seja pouco, foi uma forma possível de tornarmos o conteúdo mais acessível.

Após os três capítulos, há nossa conclusão, bem como indicação de todos os autores e autoras cujas referências trouxemos como forma de tagareLAr mais e mais. Por último, construímos uma listagem singuLAr – a ListA LeiA – com nossas indicações de trabalhos acadêmicos de base para conhecimento e estudo mais aprofundado.



Certamente, com a leitura desta obra, você irá conhecer também as autoras e suas colegas convidadas um pouco melhor... Não foi algo premeditado, mas acabou sendo uma característica deste livro ser idealizado e executado por mulheres, FLÁvia Sordi e Raquel FiAd, além de estabelecer uma interação efetiva com outras mulheres, linguistas aplicadas, Glícia Azevedo, Luanda Sito e Adriana Fischer, uma linda e forte característica também da LA, como, ricamente, nos lembrou a primeira deLAs, em uma das conversas a que você terá acesso.

Finalmente, reconhecemos que nada trazemos de inovação ou originalidade em termos teórico-metodológicos em LA. Afinal, visamos produzir um livro de divulgação científica, ou seja, que parte de estudos e conceitos já firmados para propaLÁ-los. Com efeito, nosso intuito não foi criar um conteúdo inédito, mas ampliar conhecimentos e conhecedores, expandir diálogos, estar em interação com colegas e divulgar mais possibilidades de escrita, aLArgando a visão dos leitores sobre essa prática de linguagem (Geraldi, 2011). Sentimo-nos flexíveis para estabelecer o formato de nossos dizeres e inconfidentes nas provocações que pensamos (esperamos!) ter feito desLAnchar em quem nos lê, em você! Aspiramos que, do mesmo modo, nossos leitores se sintam abertos para dizer/escrever e provocados a se transformar com suas escritas. Tão logo, se isso lhe parece interessante, precisamos perguntar: vamos tagareLAr?

As autoras



CAPÍTULO 1



1. CAPITULAR A ESCRITA

Flávia, qual seu pensamento, hoje, sobre o conceito de escrita, depois de um tempo trabalhando com o tema?

Cada vez mais eu compreendo, vejo sentido e gosto da perspectiva social da escrita, dos letramentos múltiplos (Street, 1984), que veio com minha imersão no campo da Linguística Aplicada, na Unicamp, e especialmente, com você, Raquel! Esse entendimento da escrita, revozeando autores seminais que já a desenvolveram teoricamente - como Barton (2007), Heath (1983), Street (1984), Kleiman (1995) e pesquisadores do nosso grupo “Escrita: ensino, práticas, representações e concepções”, entre tantos outros - reafirma o conceito de escrita que engloba pessoas, contextos, culturas, relações de poder, identidade etc. Como docente universitária e orientadora de outras pesquisas, busco promover essa visão de escrita e vejo uma boa recepção das pessoas. Elas conseguem perceber mais sentido naquilo que escrevem, pesquisam ou mesmo estudam e ensinam, no caso dos alunos e dos professores.

Continuando com você, leitor, o mote da conversa, reviramos nossos arquivos e selecionamos escritas diferentes que produzimos com finalidades e em épocas distintas. Decidimos recuperá-las para tratar de alguns conceitos bastante recorrentes em estudos linguísticos e, especialmente, na LA. Neste capítulo, abordaremos especialmente estes:

- Escrita como prática social
- Letramentos vernaculares/autogerados
- Escrita multimodal

Eles já foram desenvolvidos teoricamente por vários autores e têm sido retomados em trabalhos na LA. Neste capítulo, nossa intenção será explorá-los com o objetivo de divulgá-los de uma forma mais acessível, por meio de um método que parte de nossas escritas para compreensão dos conceitos.

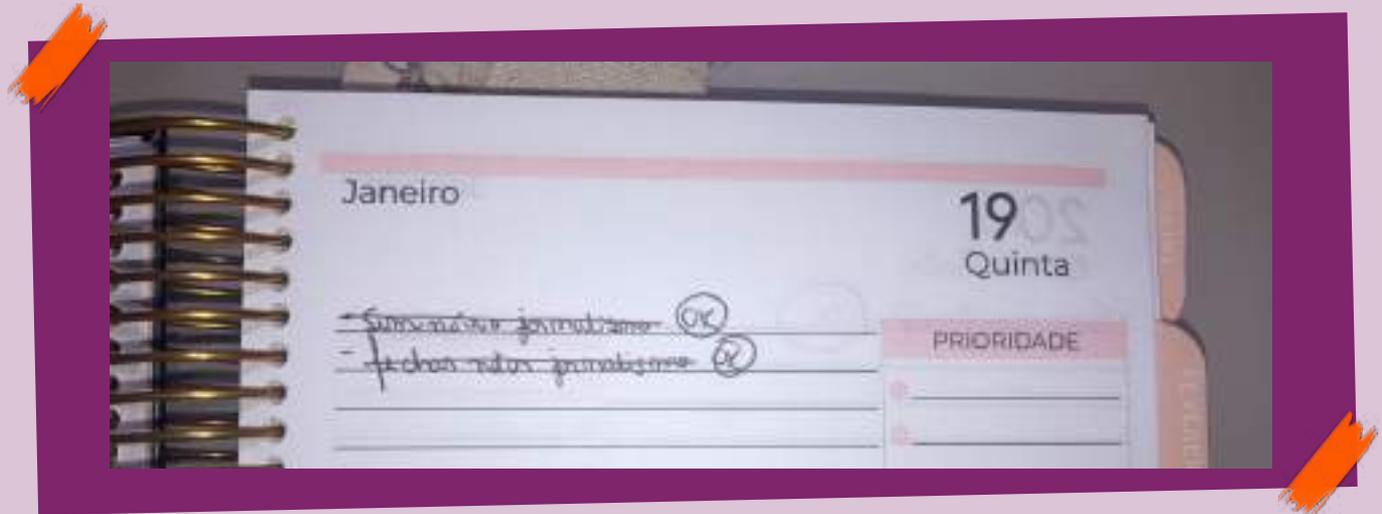
1.1. Nossas escritas de LÁ para cá

Somos duas pessoas que escrevem muito: agendamos nossos compromissos, registramos nossas reuniões de trabalho, produzimos textos acadêmicos... e, também, trocamos mensagens pelo celular com diferentes pessoas o tempo todo, comentamos nas redes sociais de nossos amigos, fazemos listas de compras para

ir ao supermercado e digitamos o nome daquela série pela qual buscamos para assistir no serviço de *streaming*, entre TANTAS outras escritas! Textos de hoje, de ontem ou para amanhã e depois. Escritas acadêmicas ou não! Algumas delas irão auxiliar, doravante, a refletirmos sobre a própria escrita.

O primeiro exemplo vem de uma página da agenda da Flávia, do dia 19 de janeiro de 2023:

Exemplo 1 – Fotografia de uma página de agenda pessoal com anotações



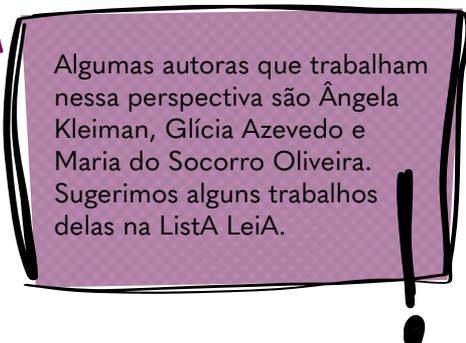
Fonte: acervo pessoal da Flávia

Naquele janeiro da página em tela, a universidade onde a Flávia é docente estava em aulas – o que não é um período letivo comum – tendo em vista reajustes do

calendário acadêmico da graduação, depois da pandemia de 2020. A marcação indica duas tarefas programadas para o dia, ambas de trabalho como professora: uma em sala de aula e a outra burocrática. Na primeira, vemos um lembrete sobre o dia previamente planejado para que uma turma de graduação em Jornalismo, referente à disciplina ministrada pela Flávia à época, iria apresentar seminários. Na segunda, encontramos uma recordação de que seria necessário calcular as notas dos alunos daquela mesma turma para depois registrá-las no sistema acadêmico da universidade. Ambas as escritas foram feitas pela Flávia, na condição de professora da turma e de servidora da universidade.

No entanto, a escrita em questão foi inscrita em um suporte particular, como forma de organização pessoal de sua rotina profissional. Desse modo, a escrita assumiu a função de um lembrete para compromissos laborais com prazo estipulados com e por pessoas diferentes (professora e alunos – universidade e professores) e que, portanto, não poderiam ser esquecidos ou deixados para depois. Além disso, funcionou como uma checagem sobre a realização dos compromissos, uma vez que houve tanto a pontuação do que precisava ser feito, com tracinhos, como um retorno às mesmas anotações para apontar que elas foram realizadas, inserindo-se um “ok”.

Este primeiro exemplo, quando deixa de ser visto isolado em si mesmo, mas colocado sob uma ótica de prática cotidiana de muitas pessoas, pode nos mostrar que essa constância de escrever anotações em agendas adquire o sentido daquilo que os estudiosos compreendem como *prática social*. Ou seja, a escrita com sentido e papel para vivência em sociedade.



Algumas autoras que trabalham nessa perspectiva são Ângela Kleiman, Glícia Azevedo e Maria do Socorro Oliveira. Sugerimos alguns trabalhos delas na ListA LeiA.

Eu sempre tive agendas, desde a época de estudante e gosto das agendas no papel. Hoje em dia, preciso anotar tudo que é importante na agenda para não esquecer!

Já criei uma norma própria para minhas anotações, com traços e símbolos que só eu sei o que significam (risos). Também gosto de voltar e riscar e/ou dar um “ok” para o que já fiz, porque nem sempre é possível fazer o que tinha sido planejado. Assim, consigo me organizar melhor e remarcar se for o caso...

Flávia

O segundo exemplo é um pequeno trecho de uma escrita maior, intitulada por Raquel de “Dicas-Subaúma”. O texto foi escrito por ela para ser enviado às pessoas que vão, pela primeira vez, a Subaúma, uma praia pouco conhecida no litoral norte da Bahia, onde ela tem uma casa. É um local pouco explorado pelo turismo, menos visitado e foge aos padrões das praias já urbanizadas como as do Sudeste do país e mesmo outras vizinhas a Subaúma:

Exemplo 2 – Excerto do texto “Dicas-Subaúma”

O QUE LEVAR

Em Subaúma não tem banco nem caixa eletrônico. É bom levar algum dinheiro para miudezas. Os supermercados aceitam cartões. Tem uma farmácia super básica. Os medicamentos de uso constante e uma farmacinha preventiva devem ser levados.

É bom levar protetor solar e repelente. Dependendo da época do ano, tem pernilongos ao entardecer e à noite.

Celular CLARO não pega em Subaúma. Geralmente o wifi do Treebies funciona razoavelmente. VIVO pega.

Vtagem é 220.

Roupas simples, bem à vontade: shorts, camisetas, biquini, canga etc

Fonte: acervo pessoal da Raquel

Esse texto, escrito pela Raquel como anfitriã, tem a função de fornecer informações aos visitantes para que se previnam em relação ao local. Geralmente essas informações constam de guias turísticos, o que não acontece com Subaúma, e

faz falta aos visitantes de outros estados do país, já que não encontrariam essas informações com facilidade.

Diferentemente do primeiro exemplo, em que a Flávia escrevia para si mesma, o texto da Raquel é pensado para ser direcionado a outras e diferentes pessoas, estabelecendo uma função informativa. Relaciona-se a outra prática social, a da comunicação e orientação para os hóspedes, o que mostra outra possibilidade para a escrita.

Percebi que era necessário enviar informações aos amigos e parentes que iam a Subaúma. A cada visita, *e-mails* com recomendações. Até que resolvi escrever um texto juntando as diversas recomendações, que não eram as mesmas para todas as pessoas. Sei que nem todas as informações têm a mesma relevância para diferentes visitantes. O texto foi enviado já a várias pessoas e vou fazendo pequenas adaptações de acordo com as peculiaridades de cada um.

Raquel

Para esse entendimento da escrita como prática social, é interessante (re)conhecer a perspectiva dos estudos dos letramentos, que na concepção dos **Novos Estudos dos Letramentos**, compreendem a escrita e a leitura como práticas sociais.

Além de assumirmos a escrita pela perspectiva dos letramentos, como prática social, percebemos como as escritas são heterogêneas. Nesse ponto, chamamos a atenção para a gama de possibilidades de escritas, próximas ou distantes e, às vezes, muito diferentes da grande maioria dos textos que se produz ou se lê na escola e até mesmo na universidade. Esse dado nos recorda uma característica importante, que é a existência de *letramentos vernaculares/autogerados*. Para explorar mais esse conceito, novamente buscamos, em nossos acervos particulares, exemplos que se afastam das habituais escritas acadêmicas.

A primeira escrita que iremos apresentar foi produzida, no início de 2019, pela Flávia, em um caderno de memórias sobre a gestação de sua filha Helena e os primeiros momentos da maternidade. Aquele começou a ser alimentado com textos desde a descoberta da gravidez e se direciona diretamente à criança, como pode ser lido em uma de suas páginas escritas e intitulada como “Seu lugarzinho”:

Brian Street escreveu que “Recentemente, porém, a tendência tem sido no rumo de uma consideração mais ampla do letramento como uma prática social e numa perspectiva transcultural. Dentro dessa perspectiva, uma mudança importante foi a rejeição por vários autores da visão dominante do letramento como uma habilidade ‘neutra’, técnica, e a conceitualização do letramento, ao contrário, como uma prática ideológica, envolvida em relações de poder e incrustada em significados e práticas culturais específicos – o que eu tenho descrito como ‘Novos Estudos do Letramento’” (Street, 2014, p. 17).

Exemplo 3 – Imagens de caderno de memórias

" Cada nova vida 'permite-nos descobrir a dimensão
mas gratuita do amor, que nunca leva de nos surpreen-
der. É a beleza de ser amado primeiro: os filhos
são amados antes de chegar." (Papa Francisco.)

Os filhos são amados antes de chegar...

... Você, minha filha, já é muito amado por nós.

Eram nós os memórias para registar o novo
AMOR

Temos mais amor, que já transformamos nos 
desde o momento em que descobrimos a alegria de
sua vida.

Fonte: acervo pessoal da Flávia

8) Sua chegada

Neste momento, papai e Lion têm dorçomem, já é tarde e a mamãe está surtada com seu quarto com muitos livros e livros na cabeça. Seu quarto já está pronto para ti entrar. Os últimos dias foram uma festa - festa, um dia de um monte de gente que já tá com fome e quer ajudar quer participar: a vovó Ana levando todos as suas coisas, a Bia passando, o da ajudando o quarto, a Bia de comida e fazendo sua malinha, a Dinda organizando e confeccionando as lições, a Amândine organizando as garotas, o papai ajudando de tudo de casa e principalmente a mamãe. Sabe, Helena, todos querem que você se sente amada, vai a nova extensão. Eu estou para tudo e vai ficando cada dia. Ainda com sonho sua presença física pro do trabalho, porque você está aqui comigo. Olho para mimso trabalho e vejo você que de fato aqui dentro. Enorme e linda! Olho do lado e vejo um lugarzinho todo especial, preparado para você e sem nenhuma dúvida, segura, abençoada e protegida, com detalhes escolhidos pela mamãe e com quadradinhos de amor de outras tantas pessoas que tá amam, e com você pelo papai. Os pensamentos vão longe ao saber que em alguns dias você estará aqui pro do meu corpo. Vem Helena, no seu tempo que não o novo!

O exemplo mostra uma prática de escrita sem compromisso com instituições ou subordinada a exigências escolares e/ou acadêmicas. É motivada pela vontade de uma mãe que autogera e registra memórias para serem lidas no futuro por sua filha.

eu comprei este caderno quando estava grávida e decidi que iria registrar ali alguns períodos da gravidez e dos primeiros dias da minha filha. Não havia nenhuma regra ou periodicidade para escrever nele. Há narrativas de dias durante e após a gravidez, poemas, marcas do pezinho e da mãozinha dela e por aí vai... A ideia sempre foi a de que a Helena pudesse ler os textos um dia e conhecer melhor as emoções e pensamentos da sua mãe e, principalmente, sua própria história.

Flávia

Nosso outro exemplo de uma escrita vernacular ou autogerada faz parte de um texto de memórias, escrito pela Raquel, no ano de 2013, depois de uma viagem que ela fez ao Líbano, incentivada por sua irmã, a Bia, em uma excursão organizada por um padre libanês:

Exemplo 4 – Trechos de texto de memórias

Uma viagem ao Líbano

No primeiro dia da viagem (27 de junho), em Harissa, Líbano, tive vontade de escrever sobre o Líbano que fui conhecendo nos poucos dias em que fiquei no país.

Foram anos de expectativa pra conhecer o Líbano, mais forte ainda nos meses que antecederam a viagem. Reuniões, emails, facebook, almoço, missas, aulas de árabe foram acontecendo desde o dia em que a Bia me enviou um email com a chamada da viagem e a pergunta “Vamos?” Não pensei duas vezes.

O país que encontrei era muito do que eu imaginava. O Líbano tem uma beleza natural imensa, tem muita história, mas é cheio de divisões religiosas e políticas, que maltratam o país.

Não deu tempo de escrever enquanto estava no Líbano. Voltando a Campinas, aqui estão algumas das minhas impressões e sensações após esta viagem que marcou minha vida.

-
- As cidades, a cor das casas, as pedras, a vegetação

Conheci algumas cidades no litoral e muitas nas montanhas. No litoral, conheci de Beirute a Batroum, passando por Jounieh e Byblos. Nas montanhas, são cidades pequeninas, juntas umas das outras. Nessas cidades pequenas, as construções são de dois a três andares, com muito uso da pedra (calcário) que está em todo o país. As casas se misturam às montanhas e à vegetação. Nos quintais das casas, nessas cidades pequenas, são frequentes o pé de oliveira e pés de frutas (uva, figo, pêssego, nozes, amêndoas, damasco, ameixa...). Fiquei sabendo que, no Líbano, não há plantação de tâmaras. Nesta época do ano, algumas frutas já estavam no ponto (pêssego, damasco, ameixa) e outras ainda verdes (uvas, figos, amêndoas, nozes).

Bem diferente dos textos acadêmicos publicados pela Raquel, no exemplo, conhecemos uma escrita motivada pela vontade de registrar sentimentos e vivências de uma viagem, a qual tinha grande significado para sua vida pessoal e que não precisava se pautar em convenções ou padrões institucionais específicos. Por essa razão, este trecho é interessante para pensarmos na concepção de letramentos vernaculares ou autogerados.

Por outro lado, é relevante também para desfazer uma ideia equivocada de que esses letramentos seriam mais simples ou portadores de conteúdos menos importantes. Nesse sentido, é significativo pensar que, para além de um registro de viagem e das sensações pessoais da Raquel, encontramos a avaliação crítica de um país, do ponto de vista religioso e político, bem como traços da geografia, da vegetação, da arquitetura, da agricultura, enfim, percepções de diversos ângulos que ela gostaria de marcar para amigos e parentes. É, então, mais uma possibilidade de escrita.

Esses trechos foram escritos em 2013, ao voltar de uma viagem ao Líbano. Escrevi para transmitir, aos meus parentes e amigos, as minhas sensações na viagem que fiz ao país de meus antepassados. Foi a realização de um sonho que eu já não acreditava que iria conseguir transformar em realidade. Durante a viagem fui fazendo pequenas anotações em um caderninho (prática que realizo em todas as viagens) e transformei essas anotações em um texto de memória.

Raquel

Esses últimos exemplos analisados nos mostram escritas que se ligam a práticas mais descoladas das exigências de instituições dominantes, convertendo-se, pois, em práticas letradas autogeradas ou vernaculares.

Por fim, o conceito derradeiro sobre o qual tagaremos neste primeiro capítulo se volta ao reconhecimento de uma particularidade dos textos, a escrita multimodal, ou seja, a de que os textos são multimodais. Para entendê-la melhor, reproduzimos mais outras duas escritas nossas. Iniciamos com um rascunho de um roteiro para uma palestra em um grupo de jovens da igreja católica, escrito pela Flávia, em 2012, em uma folha simples de papel:

A linguista aplicada Ana Elisa Ribeiro tem diversas publicações nesse assunto. Indicamos obras dela na ListA LeiA.

Virgínia Zavala nos ajuda a entender que “a perspectiva socio-cultural da leitura e da escrita estabelece uma distinção entre práticas letradas dominantes ou oficiais e práticas letradas autogeradas ou vernaculares. Estas últimas se referem à leitura ou escrita que não estão reguladas por regras formais e procedimentos de instituições sociais dominantes e que têm sua origem na vida cotidiana (Barton e Hamilton 1998). As práticas letradas dominantes ou oficiais se associam com organizações formais como a educação, a religião, a lei, a burocracia e o trabalho (entre outros âmbitos), de modo que estão mais formalizadas e valorizadas. Apesar disso, é importante destacar que esta divisão entre práticas letradas autogeradas ou vernaculares e dominantes ou oficiais não é rígida” (Zavala, 2011, p. 58).

Muita gente tem a ideia equivocada de que a escrita seria apenas a reprodução do alfabeto e, mesmo quando ele está presente, há a crença de que não há variações em seu uso. O exemplo acima desmitifica tais concepções porque, mesmo em uma escrita feita à mão, usando o sistema alfabético em língua portuguesa, existem grifos, setas, palavras dentro de retângulos para destaque, rasuras. Além disso, o tamanho das letras é empregado de forma distinta, com grafia de algumas letras maiores e de outras menores, a depender da função do que está escrito e como seria mobilizado na exposição oral da escrevente, na condição de palestrante.

É interessante que essa escrita multimodal se relaciona a uma prática de oralidade, a palestra/pregação, no contexto religioso. Também é curioso que, no exemplo, redigido analogicamente, a multimodalidade é verificada, a despeito da ausência de tecnologias digitais, corroborando a posição de alguns teóricos de que é uma característica da escrita.

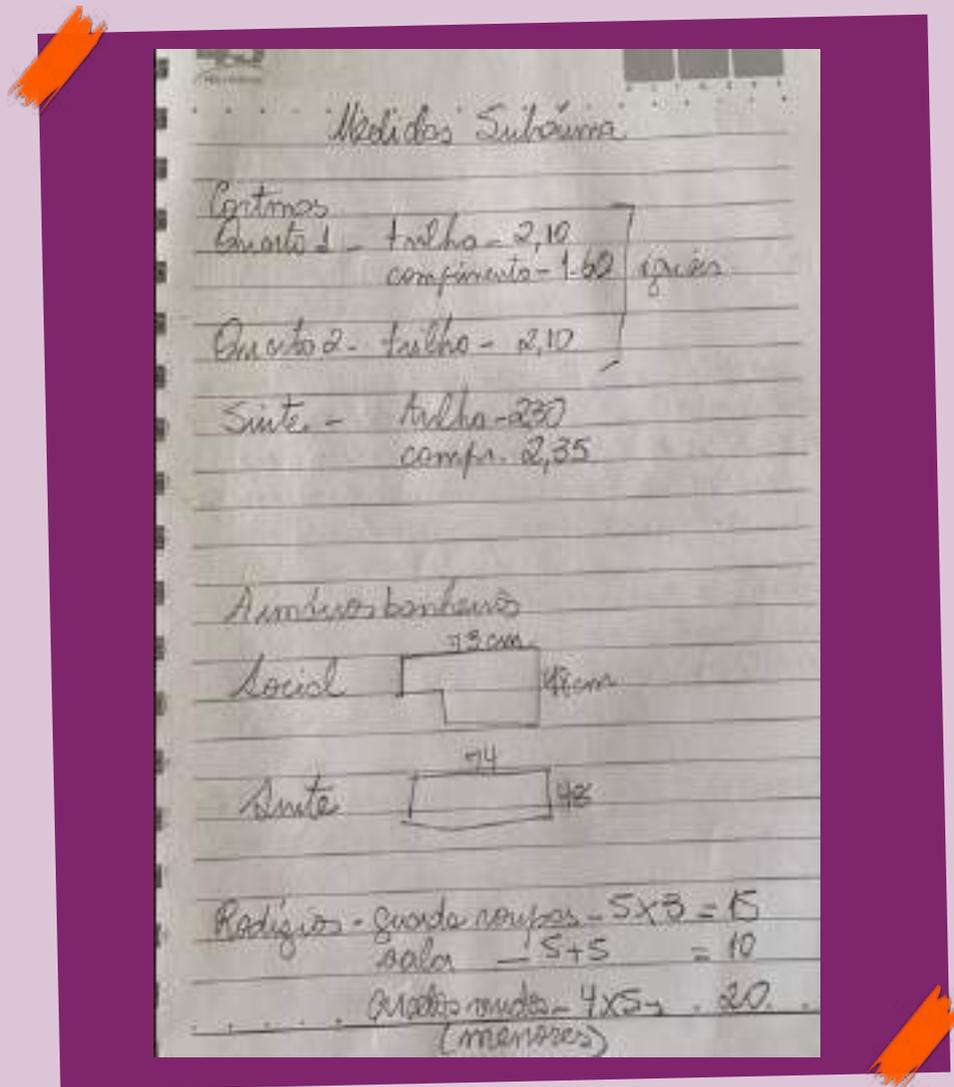
Podemos citar aqui Gunter Kress, Ana Elisa Ribeiro e Carla Coscarelli, entre outros. As duas últimas autoras, tagarelando com os estudos do primeiro, escreveram recentemente que: “Segundo os trabalhos de Kress, e dele com seus parceiros, a multimodalidade é uma característica de todos os textos” (Ribeiro e Coscarelli, 2023, p. 64) e ainda que não querem transmitir “a falsa ideia de que os textos multimodais surgiram recentemente ou que necessariamente estejam relacionados às tecnologias digitais. Em vários trabalhos, Kress afirma que a multimodalidade sempre existiu, embora o interesse por ela, este sim, tenha sido despertado com mais intensidade recentemente” (Ribeiro e Coscarelli, 2023, p. 65).

Eu participei durante muitos anos do grupo de jovens da Igreja Católica. Ali, era muito comum serem feitas palestras/pregações. Houve um momento em que eu tinha uma função no grupo, na qual também me cabia fazer algumas delas. Geralmente, há um tema prévio, que pode ou não se basear em alguma passagem bíblica. No conteúdo, sempre é necessário mobilizar as palavras da Bíblia. Eu sempre gostava de fazer rascunhos com exemplos e sequências que pudessem orientar a minha fala, ainda que nem sempre eu dissesse o que estava anotado.

Flávia

Outro exemplo de escrita multimodal é o seguinte, uma página de um caderno de anotações da Raquel, usado no ano de 2023:

Exemplo 6 – Fotografia de página de caderno de anotações



Fonte: acervo pessoal da Raquel

Também é um manuscrito (ainda existem!) em que a disposição dos itens no papel em grupos de acordo com as informações anotadas, com separação das linhas entre os itens e o uso de recursos como os desenhos, letras e números, parênteses e colchetes, símbolos, ilustram a multimodalidade presente na escrita.

Assim como no exemplo anterior, é uma escrita que dispensa tecnologias digitais para ser produzida ou divulgada. Por outro lado, ela pertence a uma prática social diferente, ligada à organização e planejamento da Raquel para arrumação de um local, indicando as diversas possibilidades também dos textos multimodais.

Essas anotações foram feitas para me lembrarem das providências que precisava tomar em relação a um apartamento e, também, para detalharem os itens: medidas e tamanhos de cortinas, armários dos banheiros e rodízios para vários móveis. Costumo fazer sempre anotações para me lembrarem e para ajudarem ao procurar os itens e ao comprá-los. Faço as anotações no papel e levo esse papel comigo quando vou às lojas.

Raquel

1.2. ALAvancando escritas

Após termos explorado os conceitos foco do capítulo, na seção anterior, chegou o momento de eles serem mobilizados em algumas práticas que iremos propor. O intuito é promovermos atividades com e de escritas não institucionalizadas para continuarmos a tagareLAR.

- Em qual prática social esta escrita se insere?
- Por que o cartão se configura como um exemplo de letramento vernacular ou autogerado?
 - Que modalidades são percebidas no cartão? Explique por que o fato dele ter sido produzido todo à mão não descaracteriza a existência da multimodalidade.
 - Você já produziu textos semelhantes a este? Em que contexto e para quem?
 - Você já recebeu textos semelhantes a este? Em que contexto e de quem?

Se você respondeu afirmativamente às últimas questões, que tal buscar esses textos para rever? 😊

Nesta prática, é importante você observar que há uma escrita produzida para o contexto familiar, em que uma filha escreve, espontaneamente, para sua mãe, na data comercial em que se celebra o dia dessa última. É uma escrita autogerada e composta por dizeres na modalidade escrita alfabética, bem como por desenhos, balões e cores dispostos na folha, em diferentes direções, evidenciando uma escrita multimodal que não precisou de tecnologias digitais para ser desenvolvida. Foi feita à mão, com lápis e caneta. Lembrar se você já escreveu ou mesmo recebeu cartões desse tipo é uma boa maneira de perceber como esses textos já fizeram ou ainda fazem parte do seu cotidiano. 😊

Sobre a prática 1



PRÁTICA 2

Agora, é a sua vez de trazer um exemplo de escrita para tagareLAR conosco. O que você escreve sem obrigações escolares, acadêmicas, profissionais ou institucionais?

Busque em suas escritas pessoais, algum texto que tenha produzido com essa característica autogerada para retornar. A partir da escrita selecionada, reflita:

- Onde sua escrita está inscrita?
- De qual(is) prática(s) social(ais) sua escrita faz parte?
- Em quais aspectos a sua escrita se difere de escritas institucionalizadas?
 - Como você avalia a possibilidade de produzir escritas variadas? Comente se você já havia pensado sobre isso ou não.
 - Qual o significado desta escrita para você? Comente se ele tem o mesmo significado para outras pessoas.
 - Descreva os modos como sua escrita se compõe. Todas as escritas são formadas assim? O que pode (ou não) mudar e por quê?

Talvez você não tenha se dado conta de como a escrita pode estar presente em sua vida e na das pessoas que estão à sua volta. A ideia, nesta segunda prática, é retornar uma dessas escritas e conscientemente analisá-la. Além disso, colocar a sua escrita em confronto com as de outras pessoas para perceber semelhanças, diferenças, valores, composições. Refletir sobre a escrita para você e para o(s) outro(s). Ainda, analisar formas, situações, possibilidades de escritas em nossa sociedade poderá ser muito interessante! 😊

Sobre a prática 2

1.3. Aqui, ali e acoLÁ – com Glícia Azevedo³



Você deve ter reparado que, na imagem acima, aparecemos à direita – Raquel (de óculos e cabelos brancos curtos), depois Flávia (de cabelos negros e longos) e mais uma pessoa (de cabelos avermelhados e óculos). Você sabe quem é eLA? É chegada a hora de trazermos mais gente para tagareLAr sobre os conceitos abordados no primeiro capítulo. Nossa convidada para esticar a prosa é a professora e pesquisadora Glícia Azevedo, da Universidade Federal do Rio Grande

³ A conversa foi gravada em 27 de outubro de 2023.

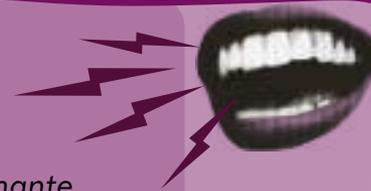
do Norte (UFRN). **ELA** é uma linguista aplicada, muito envolvida com questões sobre letramentos, projetos de letramento, ensino de língua materna, multimodalidade e materiais didáticos, entre outras. A Glícia também é uma curiosa que se interessa por livros e séries sobre investigação. Com características assim, a conversa com a nossa convidada só poderia resultar em um momento de muita reflexão e descobertas sobre a escrita em sua própria vida.

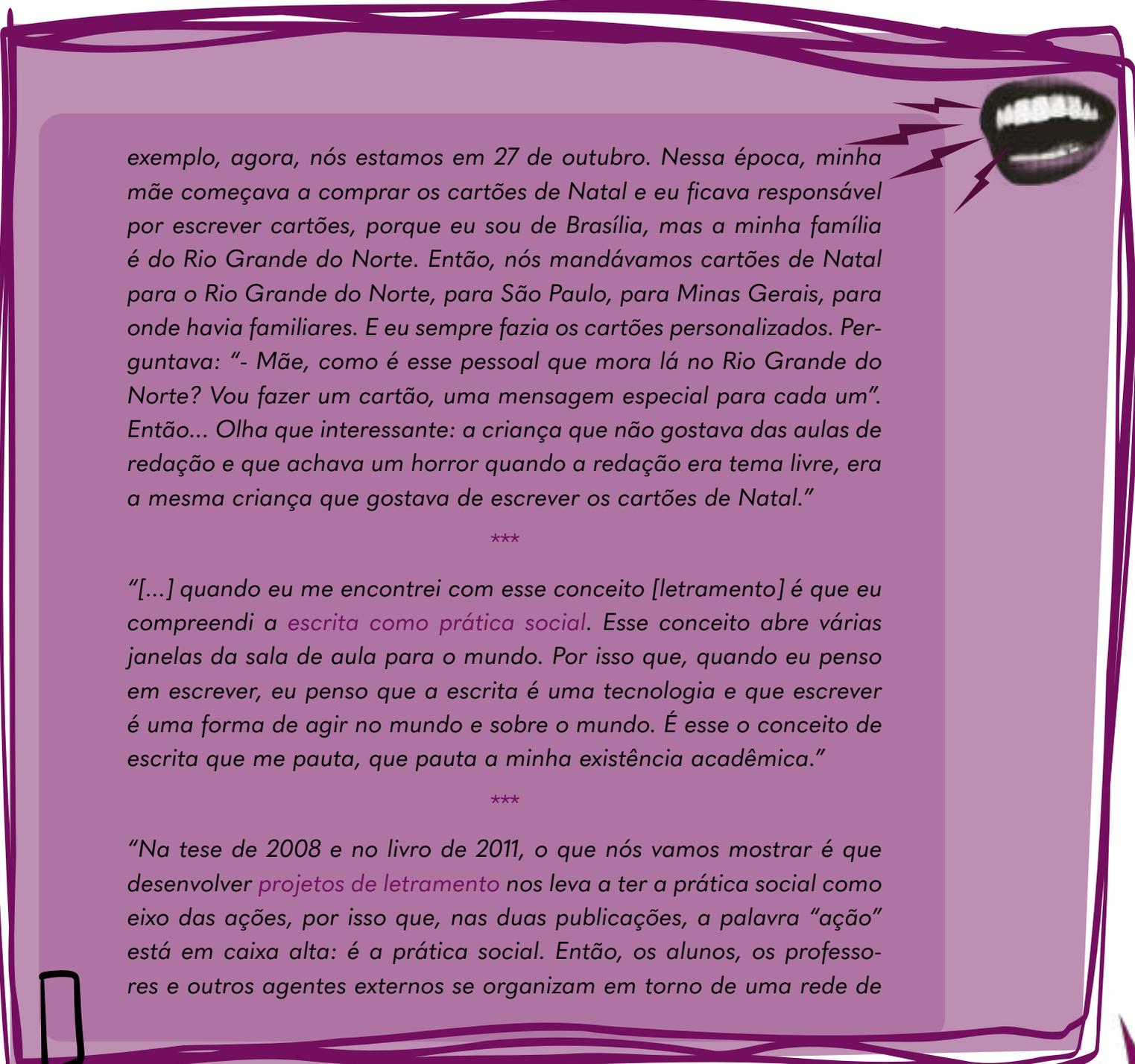
Neste momento, convidamos você para tagare**LA**r conosco, conhecendo o quê e sobre quem falamos. Na sequência, trazemos algumas partícu**LA**s dessa conversa, ou seja, trechos de**LA**, integrais ou adaptados. Você poderá:

1. Ler recortes do que fa**LA**mos nesses excertos:

DECLARAÇÕES DA TAGARE**LA** GLÍCIA AZEVEDO

*“Na educação básica, a **escrita** sempre foi, assim, muito fascinante para mim, mas eu confesso que não gostava das aulas de redação. Quando a redação era tema livre, eu ficava apavorada, porque eu achava o tema livre, livre demais, sabe? Tão livre que me faltavam parâmetros. Mas eu sempre fui aquela criança, aquela adolescente que gostava, por exemplo, de escrever cartas, de mandar cartão de Natal. A minha mãe tinha esse ritual na minha casa. Quando, por*





exemplo, agora, nós estamos em 27 de outubro. Nessa época, minha mãe começava a comprar os cartões de Natal e eu ficava responsável por escrever cartões, porque eu sou de Brasília, mas a minha família é do Rio Grande do Norte. Então, nós mandávamos cartões de Natal para o Rio Grande do Norte, para São Paulo, para Minas Gerais, para onde havia familiares. E eu sempre fazia os cartões personalizados. Perguntava: “- Mãe, como é esse pessoal que mora lá no Rio Grande do Norte? Vou fazer um cartão, uma mensagem especial para cada um”. Então... Olha que interessante: a criança que não gostava das aulas de redação e que achava um horror quando a redação era tema livre, era a mesma criança que gostava de escrever os cartões de Natal.”

“[...] quando eu me encontrei com esse conceito [letramento] é que eu compreendi a *escrita como prática social*. Esse conceito abre várias janelas da sala de aula para o mundo. Por isso que, quando eu penso em escrever, eu penso que a escrita é uma tecnologia e que escrever é uma forma de agir no mundo e sobre o mundo. É esse o conceito de escrita que me pauta, que pauta a minha existência acadêmica.”

“Na tese de 2008 e no livro de 2011, o que nós vamos mostrar é que desenvolver *projetos de letramento* nos leva a ter a prática social como eixo das ações, por isso que, nas duas publicações, a palavra “ação” está em caixa alta: é a prática social. Então, os alunos, os professores e outros agentes externos se organizam em torno de uma rede de

atividades. Algumas atividades são previamente pensadas, outras vão surgindo no fluxo das ações e para que as ações se realizem, é necessário que elas sejam mediadas por gêneros discursivos diferentes. Então, o eixo estruturante dos projetos de letramento não são gêneros, é ação social. Agora, para que as ações sociais se concretizem, os gêneros vão emergindo.”

“[...] quando a gente pensa em projetos de letramento e nessa ideia dos letramentos *autogeradores, vernaculares*, externos à escola, que entram para a escola e que dela saem ressignificados, o que eu percebo é o grande potencial deliberativo de ação democrática que há nos projetos de letramento, tendo em vista que eles se iniciam para a resolução de um problema específico daquela coletividade, daquela comunidade ali. Então, quando eu comecei a analisar, isso depois da tese, agora, coisa de 2015 para cá. Quando eu comecei a colocar os projetos de letramento que eu vinha desenvolvendo e vinha orientando e transversalizei pontos desses projetos, o que eu percebi foi o grande *potencial argumentativo dos projetos de letramento* e, pensando na argumentação como prática social, inclusive para o fortalecimento da democracia.”

“Eu venho investindo muito nessa ideia de como é importante ensinar a argumentar. O que eu estou vendo é que os proje-





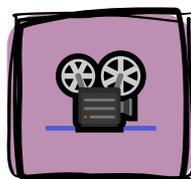
tos letramento me forçam a concretizar a ideia de que o conceito de letramento não está associado apenas à escrita, ao texto verbal. Até porque a nossa escrita está cada vez mais **multimodal**. Um simples 'WhatsApp' que a gente manda para um amigo, a gente manda o texto escrito e manda um coraçãozinho. Então, veja, como essas semioses estão se agregando. E aí, bom, isso significa o quê? Significa que, nessa rede de atividades em que o projeto de letramento se desenvolve, a gente tem um ensino de argumentação, ora para deliberar, ora para reivindicar, ora para formalizar uma situação e, em muitos desses textos orais, escritos, multimodais, a argumentação está ali. Esses textos estão prenhes, estão grávidos de **argumentação**."

"Não dá para a gente pensar mais em texto sendo apenas papel branco com letra preta. Não dá. A gente tem de pensar em textos, por exemplo, o que nós estamos fazendo agora aqui, isso não é uma simples conversa. Estamos até dizendo "tagarelar", "tagarelice", mas essa "tagarelice" é, muitas vezes, quase que uma oralização mesmo de textos escritos, de textos lidos anteriormente. Não é uma conversa... Ela pode até ter um estilo mais informal, mas ela é recheada de conteúdos que outras pessoas escreveram."

2. Clicar no ícone do som para ouvir recortes:



3. Ver recortes interpretados em Libras, clicando no *link* abaixo:



4. Se deu vontade de ler, ver e ouvir o bate-papo, por inteiro, acesse o vídeo, na íntegra, escaneando o QR-code:



Vocês perceberam que a Glícia Azevedo reLAciona outras pessoas na conversa? Ela sugere alguns trabalhos que, certamente, têm outras boas declArações para serem conhecidas. Portanto, resgatamos as sugestões deLA:

 AZEVEDO, Isabel; TINOCO, Glícia Azevedo. Letramento e argumentação no ensino de língua portuguesa. **Revista Entrepalavras**, Fortaleza, ano 9, v. 9, n.1, p. 18-35, jan./abr.2019.

 AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de.; MARIANO, Marcia Regina Curado Pereira.; TINOCO, Glícia Azevedo. Argumentação em projetos de letramento: aspectos didáticos e sociais. In: PIRIS, Eduardo Lopes.; RODRIGUES, Maria das Graças Soares. (Orgs.). **Estudos sobre argumentação no Brasil hoje: modelos teóricos e analíticos**. Natal: EDUFRN, 2020, p. 170-201.

 AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de.; PIRIS, Eduardo Lopes. Pedagogia da esperança e argumentação emancipadora. In: REICHMANN, Carla Lynn.; MEDRADO, Betânia Passos.; COSTA, Walison Paulino de Araújo. (Orgs.). **Nas fronteiras e margens: desenvolvimento de professores de línguas como território de esperanças**. Editora: Pontes Editores, 2023, p. 83-106.

 KERSCH, Dorotea F.; TINOCO, Glícia Azevedo; MARQUES, Renata. Garcia; FERNANDES, Vaneíse Andrade. **Letramentos na, para a e além da escola**. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2020.

 KERSCH, Dorotea F.; MARTINS, Ana Patrícia; SANTOS, Gabriela Krause dos.; TEMÓTEO, Antônia Sueli S. G. **Multiletramentos na pandemia: aprendizagens na, para a e além da escola**. FAPERGS. São Leopoldo: Casa Leiria, 2021. E-book. Disponível em: <https://www.unisinos.br/institutoinovacao/e-books/multiletramentos-na-pandemia>. Acesso em: 30.mai.2023.

 KERSCH, Dorotea F.; MARTINS, Ana Patrícia; SANTOS, Gabriela Krause dos. **Multiletramentos e o trabalho com projetos:** (trans)formando a aprendizagem. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. *E-book*. Disponível em <https://www.pimentacultural.com/livro/multiletramentos-projetos>. Acesso em 30.mai.2023.

 MARTÍNS, Patrícia de Sá.; KERSCH, Dorotea F.; TINOCO, Glícia Azevedo. **Esperançar para (re)agir:** multiletramentos em escolas públicas brasileiras. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. *E-book*. Disponível em: <https://pedro-e-joaoeditores.com.br/produto/esperancar-para-reagir-multiletramentos-em-escolas-publicas-brasileiras>. Acesso em: 26.mai.2023.

 MARTINS, Ana Patrícia; KERSCH, Dorotea F.; TINOCO, Glícia Azevedo; AZEVEDO, Isabel. (Orgs.). **Letramentos e Argumentação** – o ensino de línguas como prática social. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2021.

 OLIVEIRA, Maria do Socorro.; TINOCO, Glícia Azevedo.; SANTOS, Ivoneide Bezerra de Araujo. **Projetos de letramento e formação de professores de língua materna.** 2. Ed., Natal: EDUFRRN, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/1/11787/1/E-book%20Projetos%20de%20letramento.pdf>. Acesso em 26. mar. 2014.

 SILVA, Francisco Geoci da; TINOCO, Glícia Azevedo. Multiletramentos em Tempos de Crise: a escola contra as *fake news*. In: AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de.; COSTA, Renata Ferreira. (Orgs.). **Multimodalidade e Práticas de Multiletramentos no Ensino de Línguas.** São Paulo: Blucher, 2019, p. 189 -210.

 TINOCO, Glícia M. Azevedo de M. **Projetos de letramento:** ação e formação de professores de língua materna. 2008. 254 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1608459>. Acesso em: 25 out. 2023.



TINOCO, Glícia M. Azevedo de M.; FERNANDES, Francisca Vaneíse.; SILVA, José Romerito. Ensino de argumentação sob a perspectiva do letramento. In: MARTINS, Ana Patrícia; KERSCH, Dorotea.; TINOCO, Glícia Azevedo; AZEVEDO, Isabel. (Orgs.). **Letramentos e Argumentação** – o ensino de línguas como prática social. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2021, p. 167-192.

BRICOLAGEM DO CAPÍTULO 1

Escreva **L**arga e desenro**L**adamente sobre as reflexões desenvolvidas por você no Capítulo 1, inclusive, usando a forma e as modalidades que desejar.



CAPÍTULO 2





2. CAPITULAR O QUE SE PERCEBE SOBRE A ESCRITA

Raquel, como você dimensiona os trabalhos que conhece, no Brasil, com escrita e etnografia, por exemplo, orientando ou sendo banca?

Acredito que os estudos da escrita em uma perspectiva etnográfica ou, melhor dizendo, uma “abordagem etnográfica orientada pelo texto” (Lillis, 2008) são bem recentes e ainda escassos no Brasil. Sabemos que ainda predominam, no Brasil, os estudos sobre escrita com base em teorias textuais e discursivas, que iniciaram na década de 1980, em contraposição a estudos com base na gramática tradicional (Pietri, 2007).

Conheço poucos trabalhos nessa abordagem etnográfica orientada pelo texto e destaco, aqui, duas pesquisadoras, Maria Lúcia Castanheira (2007) e Neiva Maria Jung (2019), cujos trabalhos conheço, bem como de seus orientandos.

Penso que a abordagem etnográfica orientada pelo texto, além de ainda ser pouco conhecida no contexto acadêmico brasileiro, envolve um trabalho de campo com acompanhamento do processo de escrita por um período de tempo que nem sempre é viável.

Seguindo com esse assunto, venha você, leitor, também participar da nossa conversa. Os conceitos que abordaremos, no Capítulo 2, dizem respeito a modos de se olhar, analisar, conhecer, pensar a escrita, sobretudo em estudos que se dedicam à temática, mas não só. Também podem ser formas de professores, por exemplo na escola, voltarem-se às produções textuais de seus estudantes e de outras pessoas.

Para tratar deles, mais uma vez, recorreremos às nossas próprias escritas. No capítulo, com e por meio delas, iremos explorar mais três conceitos. A saber:

- Etnografia
- Etnografia como forma de teorização profunda
- Conversas sobre o texto

Reforçamos que os conceitos acima não foram desenvolvidos por nós, mas por autores ligados aos estudos da linguagem e, também, por estudos sociais e antropológicos, entre outros. Todavia, por hora, queremos divulgá-los mais amplamente, trabalhando cada um, a partir de nossas escritas.

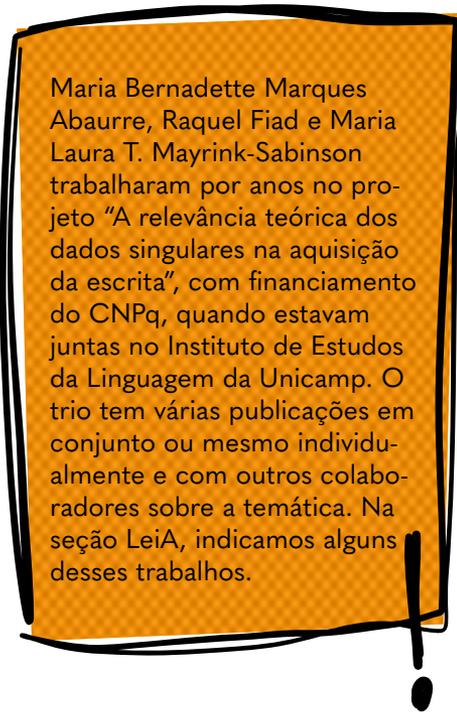
É comum mobilizarmos esses conceitos em nossos trabalhos acadêmicos ou nos valermos de suas contribuições para (re)pensarmos nossas práticas como professoras e até mesmo em nossa atuação como orientadoras de pesquisadores em formação, que estão fazendo pesquisas de Iniciação Científica, Mestrado ou

Doutorado. Por isso, neste capítulo, os exemplos são, maiormente, de escritas reLATivas a momentos diferentes de nossas vidas profissionais como estudosas de práticas de linguagem.

2.1. Nossas escritas de LÁ para cá

Nós duas, além de escrevermos muito, temos voltado constantemente nossos olhares para as escritas de outras pessoas: nossos amigos, nossos parentes, nossas crianças, nossos alunos, nossos orientandos, nossos colegas, nossos participantes de pesquisa... A Raquel, durante muitos anos, participou de um projeto que analisava textos de crianças, em especial na fase de aquisição da escrita. A Flávia, durante bons anos, quando era pós-graduanda, no mestrado e no doutorado, frequentou a sala desse projeto, que ficava no pavilhão dos docentes, no Instituto de Estudos da Linguagem. Ali era um ponto de apoio para perceber as escritas de outros, compartilhar e conversar sobre escrita e também para escrever!

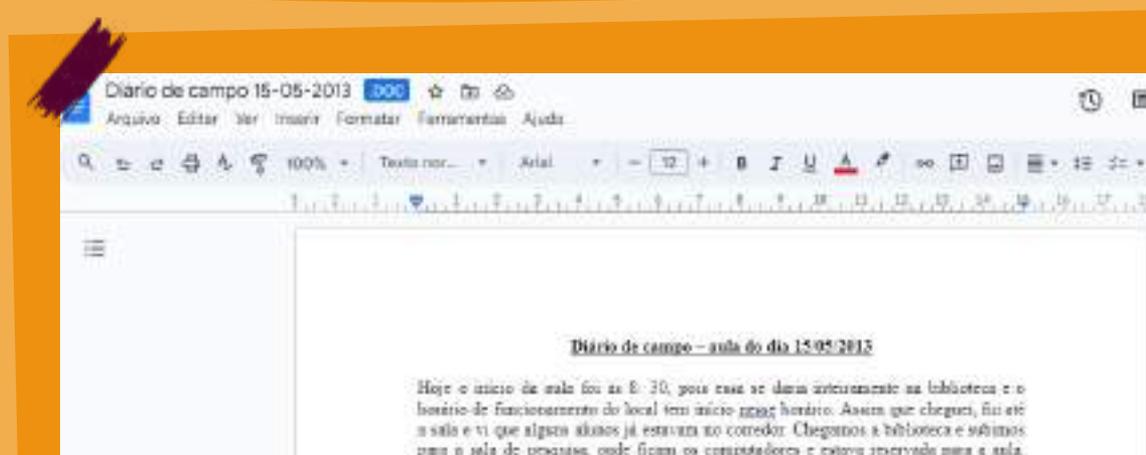
O primeiro exemplo que trazemos para tagareLAR, neste segundo capítulo, pois, foi justamente produzido naquela salinha, numa fase em que a Flávia estava realizando sua pesquisa em campo, na mesma univer-



Maria Bernadette Marques Abaurre, Raquel Fiad e Maria Laura T. Mayrink-Sabinson trabalharam por anos no projeto "A relevância teórica dos dados singulares na aquisição da escrita", com financiamento do CNPq, quando estavam juntas no Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp. O trio tem várias publicações em conjunto ou mesmo individualmente e com outros colaboradores sobre a temática. Na seção LeiA, indicamos alguns desses trabalhos.

cidade, e gerando dados que foram analisados para a produção de sua tese. Aqui, reproduzimos um diário de campo, redigido em 2013, num dos computadores daquela sala, logo após a pesquisadora ter acompanhado as aulas de uma turma de estudantes de Letras, participantes de sua pesquisa e ainda em campo, já que a universidade era seu contexto de investigação:

Exemplo 7 – Diário de campo escrito em pesquisa de doutorado⁴



⁴ Os nomes dos estudantes foram trocados por pseudônimos, o que é comum e necessário em pesquisas que envolvem participantes. São recomendações de ética e, normalmente, cada universidade possui um (ou mais) comitê(s) de ética em pesquisa, vinculado(s) à Plataforma Brasil. No caso do trabalho de doutorado da Flávia, a pesquisa foi aprovada pelo CEP e a opção foi atribuir nomes de escritores da literatura brasileira aos participantes da pesquisa.

Diário de campo – aula do dia 15/05/2013

Hoje o início da aula foi às 8: 30, pois essa se daria inteiramente na biblioteca e o horário de funcionamento do local tem início nesse horário. Assim que cheguei, fui até a sala e vi que alguns alunos já estavam no corredor. Chegamos a biblioteca e subimos para a sala de pesquisa, onde ficam os computadores e estava reservada para a aula. Hoje seria o início da produção do material didático dos alunos, a partir do roteiro que fizeram na aula passada. Estavam presentes: Ana Cristina, Cora, Oswald, Lygia e Hilda.

Raquel chegou e pediu que os grupos comentassem um pouco sobre onde estavam antes de “colocarem a mão na massa” começando a confeccionarem o material.

O primeiro grupo a falar foi o do Cinema.

Cora: “A gente tentou estruturar as atividades do capítulo para que os alunos se apropriem do gênero [...] “a gente tava procurando outra coisa [...] aí a gente achou esse site que tinha um texto super bacana...”

Em seguida, o grupo das profissões foi quem falou:

Adélia chegou às 8: 55h.

Foi, então, a vez do grupo da Adélia falar: Adélia: selecionamos bastantes links

Raquel comentou sobre minha sugestão de os alunos publicarem um texto no SEPEG (Seminário de Pesquisas da Graduação) sobre o material do estágio e acabamos decidindo que o trabalho final “teórico” deles, será fazer um texto que poderia ser enviado ao SEPEG.

Os alunos ficaram produzindo os materiais em grupo, com os computadores ligados e eu e Raquel, auxiliando-nos nas dúvidas e também resolvendo coisas

entre nós. Percebi que, quando eu chegava muito perto deles, ou sentava em um computador próximo, eles ficavam mais acanhados e falavam mais baixinho, por isso, tentei não ficar tão perto, para deixá-los mais à vontade.

Mário chegou às 9: 25 e já foi direto até mim, levando suas anotações. [Eu havia mandando um e-mail para cada um dos alunos, pedindo que me levassem suas anotações das aulas, para que eu fizesse uma cópia e entrasse no meu corpus da tese]. Aproveitei para pedir as anotações de todos. Quando fui fotografá-las a bateria de minha câmera acabou. Tentei fotografar com o celular, mas a memória encheu. Então, com muita raiva, resolvi pegar e levar as anotações dos alunos para tirar xérox. No intervalo que foi de 10: 30 às 10: 45 fui até o xérox, mas vi que não ficava legível as partes que os alunos escreviam a lápis e também, eu perderia as cores, a multimodalidade, que também é importante para a compreensão dos textos. Assim, trouxe as notas dos alunos que tinham folhas de fichário para fotografar e combinei de os alunos que tinham cadernos, levarem suas anotações, novamente, na próxima semana, para que eu pudesse fotografar.

Como o teleduc estava fora do ar, os alunos ficaram trabalhando on-line no google docs e Adélia ensinou a Raquel que ela poderia acompanhá-los enquanto eles mexiam no arquivo em tempo real e também fazer comentários. Ela foi lendo e comentando os arquivos dos alunos e eu também. Também tentava caminhar pela sala para sondar o que conversavam e faziam. Ao final, salvei os arquivos finais dos alunos.

Inserir: a ideia se mostrou tão produtiva que foi recomendada a todos os grupos. Essa ferramenta do G-mail é notória por propiciar escrita colaborativa mediada pela tecnologia digital

No exemplo, a Flávia escreveu, na condição de uma pesquisadora de doutorado, que pretendia tanto registrar o que percebeu em campo quanto enfatizar, por meio de sua escrita, o *que* aqueles estudantes estavam fazendo e *como* o faziam naquele contexto. Este exemplo é um dentre vários diários que foram escritos na época em que estava em campo. Com a leitura do que foi textualizado naquele dia específico, podemos perceber informações relativas ao funcionamento e organização da instituição, como a composição do espaço físico e os recursos disponíveis, e como era o movimento dos participantes antes e durante a aula naquele local.

O diário evidencia a dinâmica dos acontecimentos no evento, com interações entre os participantes e as professoras (Raquel e Flávia), inclusive buscando transcrever a voz dos estudantes, em discursos diretos, em uma forma de mostrar seus posicionamentos. Ainda, perceber as ações dos participantes sem buscar julgá-las, mas visando compreendê-las para interpretá-las na pesquisa que gerava a tese. Um exemplo disso, neste diário, é a parte em que a escrita explicita a existência de um momento não programado pelas professoras e que foi protagonizado por uma das participantes, ao ensinar a docente a usar uma ferramenta

Ficou curioso para ler a tese da Flávia? Você pode acessá-la aqui:

<https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/972905>

A referência completa também está na Lista LeiA, confira Miranda (2016).

tecnológica. Em suma, o diário, entre diversos outros recursos que foram usados pela Flávia, assim como fazem os pesquisadores, compôs um dos métodos para escrever sobre o outro, compor uma **etnografia**.

Quantos elementos do contexto de pesquisa para perceber os movimentos daqueles estudantes vivenciando experiências ali na universidade estão nesta escrita, não é mesmo? Este exemplo tenta demonstrar como a escrita teve foco em descrever “os outros” no campo que estava sendo investigado. Você deve ter notado que tudo isso se volta à percepção das ações dos participantes, suas exposições, o andamento de seus trabalhos, os acontecimentos em torno de suas produções, que eram materiais didáticos, com domínio da descrição para que se possa entender e observar suas escritas naquele contexto, sem avaliações taxativas sobre o que estavam fazendo.

Por outro lado, o diário reproduzido deixou emergir as ações, impressões (e aflições) da Flávia em campo, o que caracteriza uma posição de pesquisadora na **Linguística Aplicada**, isto é, que não se esconde na pesquisa.

Além disso, em vermelho, há um apontamento da Flávia, uma espécie de lembrete para inserir, na escrita de análise dos dados, sua percepção sobre o uso de

O antropólogo educacional Frederick Erickson nos ajuda a entender que “etnografia significa literalmente escrever sobre os outros. O termo deriva do verbo grego para escrita e do substantivo grego (ethnos) que se refere a grupos de pessoas que não foram gregos; por exemplo: társios, persas e egípcios. A palavra foi inventada no fim do século XIX para caracterizar cientificamente os relatos de narrativa sobre os modos de vida dos povos não ocidentais. Monografias etnográficas diferiam das descrições em livros que foram escritos por viajantes e que se tornaram populares entre os europeus ocidentais educados com um interesse no exótico” (Erickson, 2004, p. 3, tradução de Mattos).

Uma importante obra para compreender a LA é a coletânea **Por uma linguística aplicada indisciplinar**, organizada por Luis Paulo da Moita Lopes, em 2006. A referência completa foi indicada na ListA LeiA.

uma tecnologia digital específica, uma vez que um dos focos da tese estava na percepção dessas tecnologias em relação às práticas dos estudantes-participantes. Desse modo, notamos, ao mesmo tempo, uma postura de escrever para si própria, subvertendo, em certa medida, o propósito do gênero discursivo diário, o que mostra como a escrita, em prática, é dinâmica.

O conceito de gêneros do discurso pode ser melhor compreendido em um conjunto de obras de Bakhtin e o Círculo. Sugerimos a leitura de algumas delas, na seção LeiA. Sobre o conceito específico de gênero de discurso, recentemente, o Prof. Dr. Lucas Maciel, da UFSCar, publicou uma obra que nos ajuda a compreender um dos textos mais conhecidos do círculo bakhtiniano, que é "Os gêneros do discurso", a obra **Para entender os gêneros do discurso**. A referência completa dela está na ListA LeiA.

O professor Lucas também tem um canal no Youtube super interessante, em que explica várias obras e conceitos de Bakhtin e o Círculo, o "Saber linguagem". Quer se inscrever? Clique em:

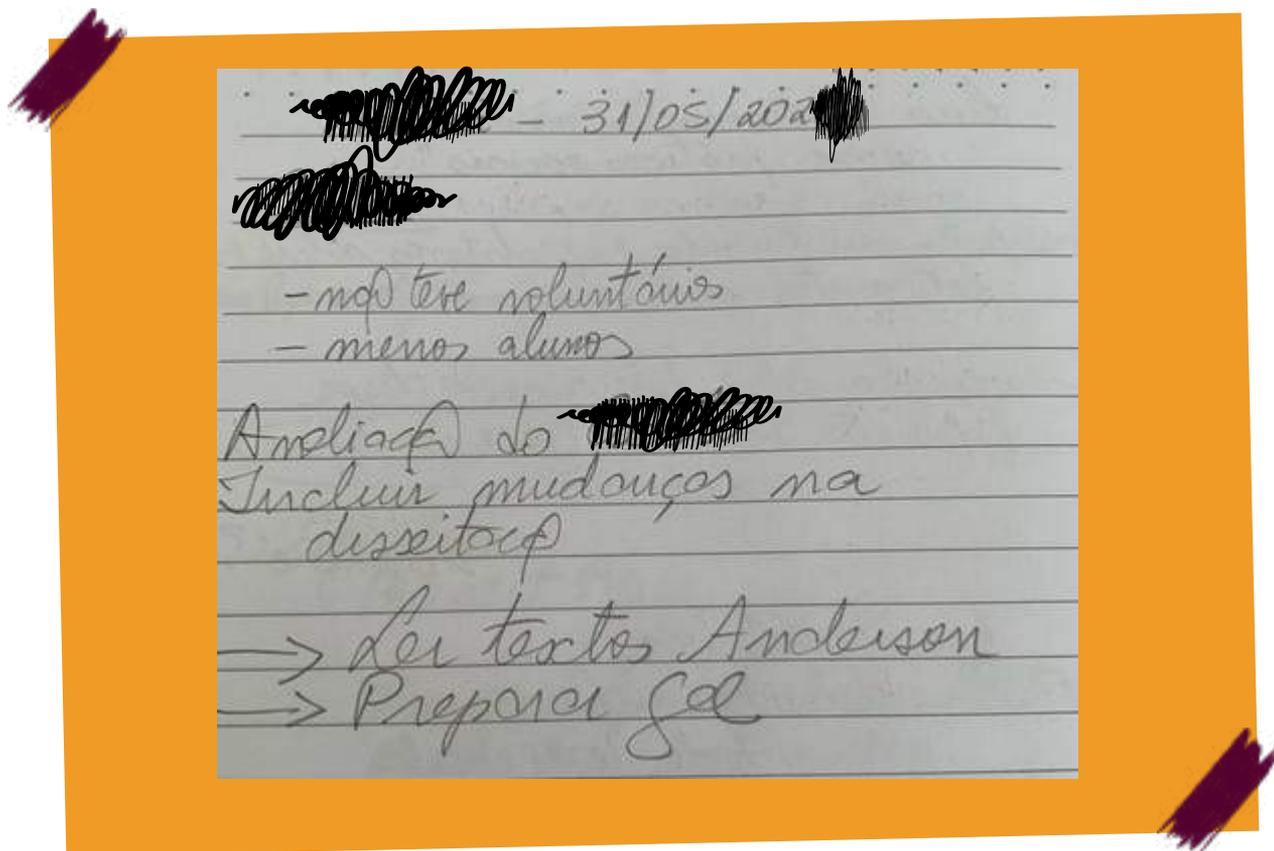
<https://www.youtube.com/@SaberLinguagem>

Eu sempre escrevia um diário após as vivências em campo, nos dias em que havia aula da disciplina cursada pelos participantes da minha pesquisa, as quais eu acompanhava como estagiária docente com a Raquel. Geralmente, eu entrava na salinha do projeto que ficava no pavilhão dos docentes do IEL para fazer isso à tarde, pois a aula era no período da manhã. Então, resgatava as minhas notas de campo e meus pensamentos. Fazia isso reelaborando aprendizados que tive em uma disciplina de metodologia no mestrado, ministrada pela professora Marilda Cavalcanti. Nunca me esqueço das aulas da Marilda em que ela falava sobre as "anotações mentais" no campo investigado. Enfim, agrupando todas essas notas e orientada pela perspectiva etnográfica, o meu desafio era buscar descrever o que estava acontecendo... Naquela sala do projeto onde eu escrevia os diários, tinha uma folha afixada na parede com um desenho da personagem Mafalda e um balão que dizia "E se tudo estiver errado?". Não sei quem pregou aquela imagem ali, mas ela acompanhou a construção de boa parte da minha vida acadêmica. Muitas e muitas vezes eu me indagava com a personagem, ao longo desenvolvimento da tese: "será que estou percebendo o que está acontecendo? Não estou julgando os meus participantes? E se tudo o que eu estiver descrevendo, estiver errado?"

Flávia

No próximo exemplo, trazemos mais uma escrita sobre o outro, de autoria da Raquel, que se insere em uma prática antiga dela, no papel de orientadora de pesquisas na universidade:

Exemplo 8 – Fotografia de página de caderno de anotações dos encontros com orientandos



Fonte: acervo pessoal da Raquel

Essas anotações, em particular, são parte de um contínuo composto por várias delas e que formam uma história do percurso de orientação em um determinado período. São a visão da orientadora sobre uma versão do texto do outro, ou seja, entregue pelo orientando, que leva a sugestões sobre os próximos passos a serem seguidos. O uso dos verbos no infinitivo – “incluir”, “ler”, “preparar” indica as orientações dadas pela Raquel.

A escrita em teLA está registrando as percepções da orientadora sobre um texto do orientando. Logo, pode ser compreendida como alinhada a um movimento etnográfico. Neste caso, não era com a finalidade de pesquisa, mas de acompanhamento da produção de um texto acadêmico de um pós-graduando e do seu fazer como pesquisador, a partir do olhar etnográfico da orientadora. Ação que vai além do registro sobre a escrita do outro, mas também é composta por interlocuções e intervenções, em um processo de negociação e de ensino da escrita.

Aprendi a registrar as sessões de orientações logo que iniciei essa atividade, em 1980, ao me tornar docente em uma universidade e começar a ter orientandos. Aprendi essa prática com um colega já experiente, que me sugeriu. Ele anotava em fichas, que eram muito usadas na época. Como gosto de usar cadernos, é neles que venho fazendo essas anotações, durante e após o encontro, incluindo tarefas do orientando, que serão cobradas no encontro seguinte.

Raquel

A tese de Paris (2021) é uma pesquisa que aborda a escrita de doutorandos e a sua relação com seus orientadores como mediadores. A referência completa também está na Lista LeiA.

Assim como a tese da Flávia, há muitos trabalhos na LA, que se caracterizam metodologicamente como etnográficos, de cunho etnográfico, na perspectiva etnográfica e por aí vai. Eles variam em termos de participantes, contextos, tempo do(a) pesquisador(a) em campo, instrumentos, ações, mas do que não abrem mão é da decisão necessária de mobilizar diferentes métodos para compreender os participantes, cruzando instrumentos, métodos e dados para um entendimento ampliado do contexto.

Ainda em LA, essa forma de perceber o(s) outro(s), não raramente significa buscar entender a escrita do outro em alguns contextos, já que trabalhamos com a linguagem e essa é uma de suas práticas. A ideia é perceber o que as pessoas escrevem, como escrevem, suas motivações, necessidades, apreciações. Isso vale para a pesquisa, isto é, para a investigação sobre as práticas de escrita de nossos participantes, como também pode orientar práticas de ensino da escrita, à medida que os professores passam a desenvolver ações como:

- observar elementos do contexto em que o texto é produzido
- conversar com o estudante/autor sobre suas escolhas e os valores que atribui para aquela escrita

Destacamos os trabalhos do Prof. Dr. Pedro Garcez e de Lia Schulz, no Brasil, um exemplo pode ser conhecido na Lista LeiA.

Ver indicação do livro **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**, da autora Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva, em LeiA.

Ver indicação do artigo da Raquel "Reescrita, dialogismo e etnografia", na Lista LeiA.

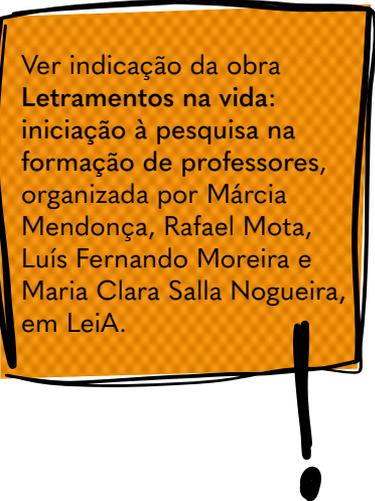
Na Lista LeiA, indicamos um texto de Lillis (2021) que propõe uma orientação pedagógica para a escrita.

- confrontar a escrita do estudante/autor com outros textos que ele produza e leia dentro e fora da escola
- incentivar reflexões do estudante/autor sobre sua(s) escrita(s), por meio de instrumentos como diários, anotações, etc.
- oportunizar que os estudantes também sejam pesquisadores sobre outras escritas.

São algumas, dentre várias possibilidades que a etnografia pode trazer como inspiração para as nossas salas de aula...

Por outro lado, podemos questionar por que essa perspectiva etnográfica não poderia servir ainda para orientar nossas percepções sobre escritas na vida como um todo? Acreditamos que se nossa visão sobre as escritas (nossas e dos outros) fosse diferente, não as julgaríamos como boas ou ruins, melhores ou piores do que determinadas escritas mais valorizadas socialmente ou padronizadas por instituições poderosas. Passaríamos a assumir, como naturais, sem receio, as muitas possibilidades de escrevermos e das outras pessoas escreverem! Isso, felizmente, aprendemos com os estudiosos que trabalham com etnografia.

Voltando aos nossos exemplos, trazemos, agora, mais uma escrita da Flávia, no âmbito da produção de sua tese. Vejamos:



Ver indicação da obra **Letramentos na vida:** iniciação à pesquisa na formação de professores, organizada por Márcia Mendonça, Rafael Mota, Luís Fernando Moreira e Maria Clara Salla Nogueira, em *LeiA*.

Exemplo 9 – Anotações pesquisa de doutorado

Análises

O procedimento vai ser cíclico, olhando para:

Aulas em aúdio: 08/05, 15/05, 22/05, 29/05, 12/06 e 19/06 para diários de campo para

- também olhando os vídeos para refrescar a memória

Ok todo o procedimento acima!

- nos intervalos das aulas, ir olhando o google docs do q não era versão de aula

Ok isso!

PRÓXIMOS PASSOS

- ouvir a entrevista com a Raquel
- ouvir novamente as entrevistas com os alunos
- ouvir novamente as entrevistas com os profs do IEL

DADOS INTERESSANTES PARA ENTRAR NA ANÁLISE

Fonte: acervo da Flávia

Comentário geral: o grupo já começa colaborativo no sentido de trabalhar juntos sobre as mesmas partes, mesmo que em alguns momentos um aluno “tome mais à frente” do que outro. Ao mesmo tempo em que dá pra ver uma “boa” utilização do google docs, também vemos os alunos tentando ser legitimados por nós pelo que fazem, fazendo refletir sobre o poder e a identidade, quando modificam o que estão fazendo, a partir de nossos comentários.

As escritas em questão foram feitas pela Flávia, em arquivos de computador, e em diferentes dias. Elas fazem parte de um longo processo de análise dos dados da investigação do doutorado. Na primeira, podemos notar um esquema para os movimentos de análise que vão desde o planejamento, com orientação etnográfica, ou seja, envolvendo a triangulação de diferentes dados gerados em campo (vídeos, áudios, versões escritas pelos participantes no *Google docs* em aula e fora dela), provenientes de diversas fontes (aulas, entrevistas, documentos) e participantes (alunos, professores que atuam no contexto, a professora da disciplina em foco) até a confirmação de que etapas planejadas na pesquisa já tinham sido cumpridas.

Além disso, na segunda, há um comentário da Flávia, em meio às reproduções dos dados gerados em campo, com apreciações analíticas sobre a escrita de um grupo de participantes, que estava escrevendo um material didático no contexto da disciplina acompanhada em campo.

Este comentário escrito é nomeado como “Comentário geral” e mais do que descrever o que e como os alunos estavam desenvolvendo suas produções, contém reflexões e teorizações acerca do que faziam, com suporte nos dados diferentes que a pesquisa registrou. Desse modo, além de um encaminhamento de uma pesquisa etnográfica, o exemplo caracteriza um uso da etnografia como uma forma de teorização

A estudiosa britânica Theresa Lillis é uma das defensoras da etnografia como teoria. Ao traduzirmos um trecho de uma de suas publicações sobre o assunto, com foco na escrita acadêmica, podemos compreender a caracterização de diferentes compreensões para a etnografia que investiga textos escritos: “Em um nível mínimo, etnografia como método (falar sobre o texto) comumente direciona a atenção dos pesquisadores do texto escrito para uma consideração de alguns elementos da perspectiva dos escritores sobre os textos. Em um segundo nível, etnografia como metodologia, envolvem-se múltiplas fontes de dados e um envolvimento sustentado nos contextos de produção, permite-se ao pesquisador explorar e traçar os dinâmicos e complexos sentido situados e práticas que são constituídas na e pela escrita acadêmica. Em um terceiro, e mais radical nível, a etnografia como ‘teorização profunda’ (Bloomaert, 2007) fundamentalmente desafia os modos com que o texto e contexto na pesquisa escrita são geralmente conceituados como fenômenos separados e sinalizam a necessidade de desenvolver ferramentas analíticas que estreitem a lacuna entre eles” (Lillis, 2008, p. 355, nossa tradução).

profunda. Desse ponto de vista, a etnografia vai além de um método de pesquisa para se transformar em um modo de teorizar, em suma, é usada não somente como metodologia, mas como **teoria**.

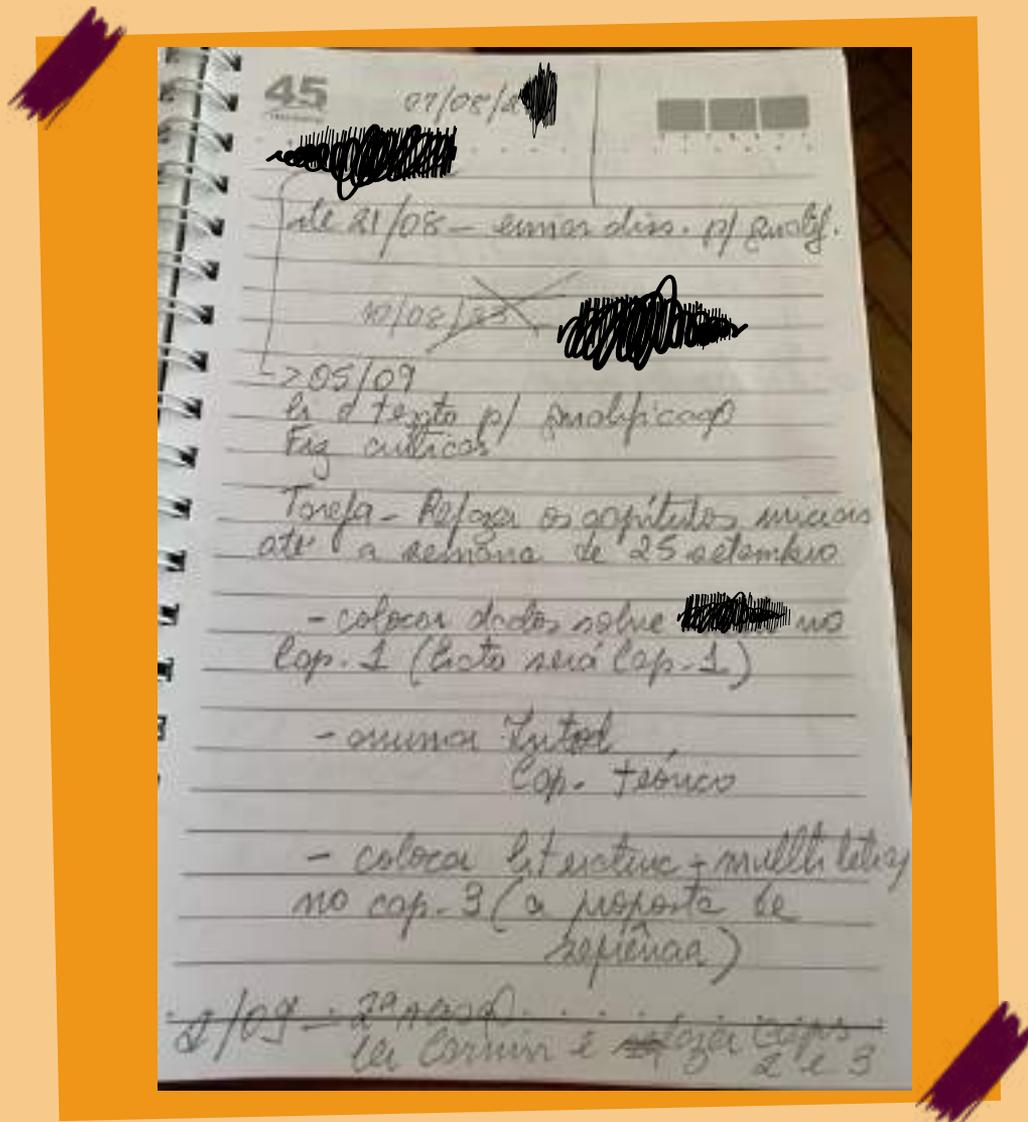
A primeira vez que eu tive conhecimento dessa maneira de conceber a etnografia foi lendo o artigo da Theresa Lillis, de 2008, para estudos na pós-graduação. Desde então, emergiu um desejo de também empreender essa noção, em minha pesquisa. Felizmente, eu tive oportunidade de fazer uma parte do doutorado, no programa de doutorado sanduíche, na Universidade de Rochester, sob supervisão de uma das grandes parceiras de trabalho dessa estudiosa, que é a Prof. Dra. Mary Jane Curry. Com toda a certeza, essa situação de ir para outra universidade, ampliar minhas leituras e participar de outras discussões que envolviam etnografia, principalmente no grupo da Dra. Curry, fez toda a diferença e me encorajou a tentar concretizar essa ideia.

Flávia

Em um texto de 2016, a Raquel já assumia: “Considero que a etnografia se constitui como uma das contribuições vindas dos estudos do letramento à nossa tradição de pesquisas sobre a escrita por possibilitar uma articulação entre o texto e o contexto na abordagem da escrita. Essa preocupação está presente no artigo de Lillis (2008), em que critica a separação, nas pesquisas, entre o texto e o contexto. Defende que etnografia não seja entendida como um método, mas como uma ‘teorização’ para permitir a articulação entre o texto e o contexto na produção escrita” (Fiad, 2016, p. 204).

Continuando nosso movimento, retomamos mais uma página do caderno de anotações da Raquel, com registro de seu acompanhamento dos trabalhos de orientandos para falarmos mais da etnografia como uma perspectiva teórica:

Exemplo 10 – Fotografia de outra página de caderno de anotações dos encontros com orientandos

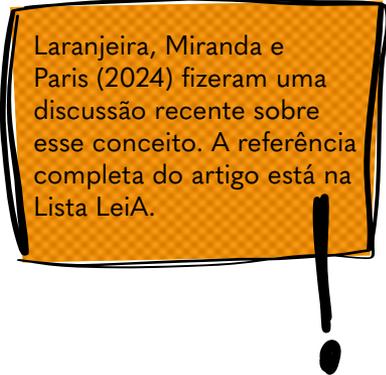


Fonte: acervo pessoal da Raquel

Aqui temos mais anotações sobre a leitura feita por Raquel de parte da dissertação de uma orientanda em processo, em três datas distintas. As anotações não se restringem ao texto entregue pela aluna, pois incluem as atitudes da orientadora em relação à escrita e as reflexões que provoca na mestrande para a continuação da elaboração da dissertação.

Aproximamos esta escrita também do conceito de etnografia como teorização profunda, já que nela há uma preocupação da orientadora em ir além do registro sobre o que a sua orientanda estava escrevendo. A Raquel se detém sobre o texto da aluna em momentos diferentes e teoriza sobre o processo, refletindo, criticando, sugerindo, recomendando.

Ademais, é interessante perceber como essa escrita se relaciona a outras práticas letradas, tais como conversas entre orientadora e orientanda, escrita da pós-graduanda, leitura da professora, envolvendo momentos de oralidade e experiências anteriores de ambas.



Laranjeira, Miranda e Paris (2024) fizeram uma discussão recente sobre esse conceito. A referência completa do artigo está na Lista LeiA.

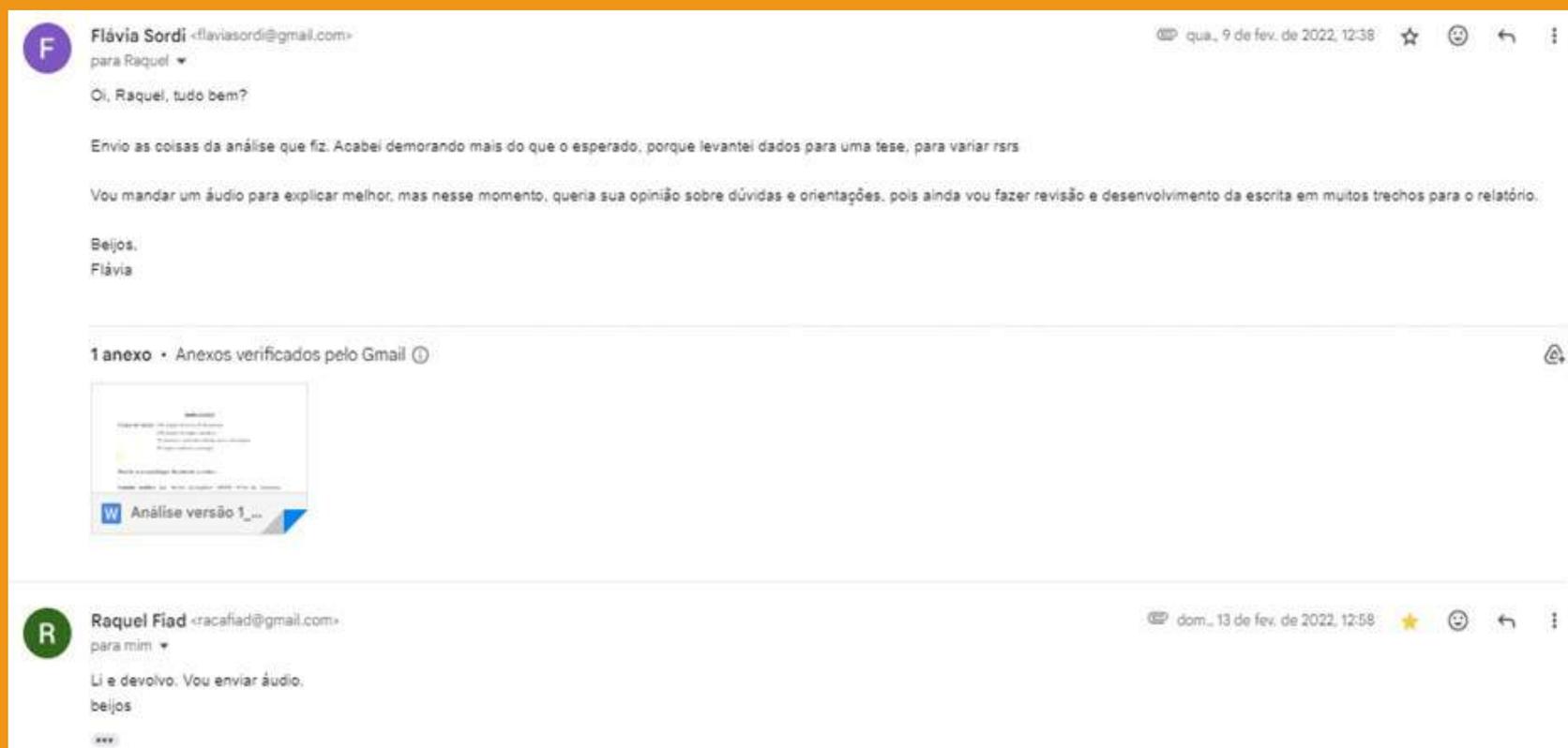
Essas anotações funcionam como diário de acompanhamento da escrita de orientandos. Essa escrita é uma escrita paralela à escrita dos capítulos de uma dissertação, no caso deste exemplo. O encontro com o orientando é uma conversa sobre o seu texto, onde estão presentes minhas impressões, minhas críticas, minhas cobranças. A partir da conversa oral, vou registrando, por escrito, os movimentos desse encontro. Tudo isso é parte da história do texto escrito, entendendo a escrita como um processo.

Raquel

Quando tratamos da escrita nessa perspectiva da etnografia como teorização profunda, outras ações também são requeridas para amparar nossos propósitos. Portanto focar a escrita para compreendê-LA nas práticas de quaisquer contextos (escolares, acadêmicos, profissionais, pessoais etc.) demanda novos agenciamentos de nossa parte, seja como pesquisadoras e pesquisadores, seja como professoras e professores. Entre essas ações, está não nos limitarmos a uma concepção de escrita apenas como habilidade de quem escreve, tampouco a uma análise dos textos escritos voltada exclusivamente para aspectos da língua. Em outra movimentação, passamos a abarcar o(s) processo(s) de produção dos textos, as pessoas que escrevem e/ou estão envolvidas, os contextos diversos, etc.

Uma boa maneira de caminhar nessa direção é faLArmos sobre nossas escritas. Para exemplificar, resgatamos, a seguir, um exemplo que envolve uma conversa da Flávia e da Raquel juntas, a respeito de um trabalho compartilhado, em que a primeira fazia uma pesquisa de pós-doutorado sob a supervisão da outra, em 2022:

Exemplo 11 – Conversas sobre relatório de pós-doutorado



Fonte: acervo das autoras

Assim, parto da análise dialógica de alguns materiais analisados pelos trabalhos do *Corpora da Metapesquisa*, perscrutando possibilidades, identificando princípios (cf. objetivo específico 3). Posteriormente os achados serão sumarizados e, por último, pontos que embasarão um manifesto enumerados.

[Aqui eu tenho vários materiais, que extraí dos trabalhos e estou pensando se eu faço a seleção de um para mostrar ou um apanhado deles... ou as duas coisas. Me oriente, por favor, Raquel :) Falta só isso para fechar a análise :) Mais isso, já daria o terceiro artigo rs] |

★ Sumarizações analíticas

[A ideia aqui é trazer um apanhado do que foi contemplado na análise e fechar com um quadro sintético]

RF

Raquel Fiad
Acho que seleciona um para ilustrar

RF

Raquel Fiad
como

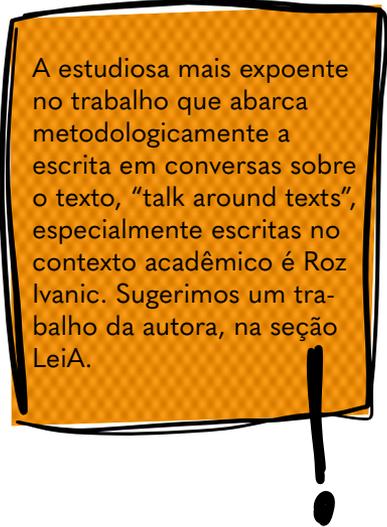
Fonte: acervo das autoras

Em primeiro lugar, é importante olhar para o contexto de produção dessa escrita: o ano de 2022, em momento de finalização do pós-doutorado da Flávia, no IEL, supervisionado pela Raquel. Para o encerramento da pesquisa, depois do trabalho de investigação, era necessário fazer um relatório interno para registro do trabalho que depois poderia ser publicado no formato de artigos. No exemplo, há um

enfoque particuLAR para a análise de dados e como ela seria inserida na escrita do gênero acadêmico relatório.

Em segundo lugar, chamamos a atenção para a cadeia de conversas em torno da produção daquele texto. No *e-mail*, as duas indicam que também conversariam por áudios, via *Whatsapp*, ou seja, a conversa oral ocorreu em diversos momentos desse processo de escrita acadêmica. Se, de um lado, essa interação oral por áudio - que foi, inclusive, precedida por várias reuniões entre as duas - possui relevância, por outro lado, o texto escrito também se inseriu no diálogo. No arquivo do relatório, a Flávia destacou comentários entre colchetes, que foram respondidos por sua interlocutora, nos balões.

Este dado é um exemplo de uma conversa sobre o texto. Conversa essa que não se iniciou, nem terminou ali, mas relacionou-se a uma sequência de diálogos que culminaram na escrita do relatório final. Em nosso caso, o diálogo não tinha uma finalidade de pesquisa, mas os estudiosos que trabalham com escrita, principalmente com a escrita acadêmica, enfatizam como essa é uma metodologia interessante para as investigações, ao apoiar a análise e a compreensão dos textos de nossos participantes, extrapolando a



A estudiosa mais expoente no trabalho que abarca metodologicamente a escrita em conversas sobre o texto, "talk around texts", especialmente escritas no contexto acadêmico é Roz Ivanic. Sugerimos um trabalho da autora, na seção LeiA.

construção textual do ponto de vista estrutural ou sintático. Há pesquisadores que retomam o conceito até mesmo para convertê-lo em um instrumento de apoio para o ensino da escrita.

O que mais me chama atenção nessa metodologia, principalmente, no contexto de pesquisas sobre escrita é a potencialidade que as “conversas sobre o texto” têm de abarcarem muitos elementos que sempre estão envolvidos nas produções e são invisibilizados em algumas análises textuais. Mais recentemente, como orientadora, também é uma ferramenta que tenho adotado para olhar mais holisticamente para a escrita dos meus alunos. É muito comum eu descobrir “coisas” que somente a leitura dos textos deles não me permitia perceber. Isso é um ganho para todos nesses processos, às vezes, tão complexos da escrita acadêmica.

Flávia

Um bom exemplo disso pode ser lido no artigo “Abordagem didática do artigo acadêmico em um curso de Letras: diálogos entre a Sociorretórica e os Letramentos Acadêmicos”, da autora Elizabeth Maria da Silva. No trabalho, a autora relata e analisa sua experiência com universitários que, entre diversas ações envolvidas na escrita de artigos, foram incentivados a participar de conversas sobre os textos deles com a professora. Veja a referência completa na Lista LeiA.

Hoje dispomos de mais recursos tecnológicos para ir registrando as “conversas sobre os textos” – tanto orais quanto escritas – e isso é muito bom, pois permite refletirmos sobre essas conversas. Esse lado “oculto” da escrita aparece nas conversas! Como professora e orientadora, vou entendendo o processo de escrita dos alunos e orientando-os, o que possibilita ajudá-los levando em conta o que dizem sobre seus textos.

Raquel

As conversas sobre os textos dão-se de muitas formas – na oralidade, na escrita, em meios analógicos, em meios digitais etc. Elas são possíveis em textos de diferentes gêneros. Trazemos mais uma escrita para exemplificar:

Exemplo 12 – Página de projeto de tese de doutorado de orientanda

RESUMO: Fundamentando-se em discussões recentes sobre o letramento acadêmico feitas por estudiosos dos Novos Estudos do Letramento, na concepção dialógica de linguagem a concepção dialógica não é da LA, mas de Bakhtin segundo os princípios teóricos da Linguística Aplicada, esta pesquisa busca compreender como se dá a constituição do discurso escrito em práticas de letramento na esfera acadêmica, a partir dos artigos publicados nas revistas científicas das diferentes áreas do conhecimento, de acordo com o Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq): Ciências Biológicas, Ciências da Saúde, Ciências Exatas e da Terra, Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas, Engenharias, Linguística, Letras e Artes, visando a contribuir para o entendimento da constituição dessa escrita nesse contexto. Sendo assim, a abordagem metodológica tem caráter qualitativo-interpretativista, de base documental, pautada numa perspectiva dialógica do discurso da linguagem, tendo em vista o diálogo tecido com um conjunto de documentos: a) documentos que norteiam a Educação Superior no país, como Constituição Federativa do Brasil (ano), Lei de Diretrizes e Bases (LDB), Decretos; b) Decretos dos órgãos governamentais/agências de fomento nacionais que tratam da pesquisa na comunidade acadêmica; c) revistas científicas brasileiras do Substrato A1, de acordo com o WebQualis, das diversas áreas de conhecimento. Além disso, do ponto de vista metodológico, assume-se, o paradigma de investigação proposto por Carlo Ginsburg (1986), denominado de indicação seja a metodologia como baseada em Bakhtin. Veja abaixo. O percurso metodológico terá início com: (a) levantamento dos periódicos nacionais do Substrato A1, de acordo com o WebQualis; (b) investigação e sistematização ("Sobre o tema do artigo"; "Sobre a metodologia e teoria de base do artigo"; "Sobre os aspectos éticos do artigo"; "Sobre a circulação e recepção do artigo"; "Sobre o texto (normatização) do artigo") dos critérios de avaliação presentes nos pareceres encaminhados aos avaliadores, por meio de visitas aos sites dos periódicos e diálogos via e-mail pessoal aos editores das revistas que não disponibilizam tais elementos publicamente; (c) seleção das normas de submissão dos artigos por autores e sistematização das normas recorrentes em cada área de conhecimento – critérios recorrentes e não recorrentes dentro das áreas; (d) investigação de como se configura o Discurso oficial sobre pesquisa e o papel do pesquisador que norteia as práticas de letramento no Ensino Superior, por meio de documentos oficiais que regem a educação nacional, como Constituição e Lei de Diretrizes e Bases da Educação; (e) levantamento do discurso apresentado pelas agências e órgãos governamentais do Ensino Superior, como Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e Fundações de Amparo à Pesquisa em nível nacional; (f) seleção dos periódicos de cada área de conhecimento de acordo com seu foco de estudo, optando-se por aqueles que abarcam de forma ampla a área de conhecimento, não focando em revistas com temas específicos; (g) seleção de um artigo científico para análise de cada revista correspondente a sua área de conhecimento; (h) análise dos artigos científicos à luz das teorias Bakhtinianas no que se refere o estudo dos gêneros discursivos.

Palavras-chave: Constituição. Discurso escrito. Revistas científicas. Artigos científicos. Letramento acadêmico.

Bakhtin, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1929/1986, p. 124:

1. as formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza;
2. as formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias de atos de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal;
3. a partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação linguística habitual.

*
Formatado: Raquel

*
Excluído: J1

*
Formatado: Português (Brasil)

O texto reproduzido é o resumo de um projeto de uma então orientanda da Raquel, que estava iniciando o doutorado na Unicamp. Nesse caso, a “conversa sobre o texto” não se dá na forma de diálogo, como no exemplo anterior, mas por meio de intervenções diretas no próprio enunciado escrito, com uso de uma ferramenta tecnológica de revisão. A Raquel insere comentários diretos e pontuais, que dizem respeito a questões epistemológicas, conceituais, de escrita e para a condução metodológica do trabalho. É uma conversa muito específica sobre um conteúdo particuLAR.

Isso nos sugere como essa atividade pode ir além de uma metodologia de pesquisa em escrita ou mesmo de uma orientação para o ensino de escrita. Ela pode colaborar para a produção do conhecimento, o desenvolvimento científico, uma vez que auxilia e potencializa as práticas da pesquisa e da escrita de pesquisa.

A leitura de textos dos alunos/orientandos desencadeia respostas que, neste caso, são escritas, devido não só ao recurso tecnológico mas também à distância física entre orientadora e orientanda. Enquanto leio, vou comentando, sugerindo, dialogando com a orientanda. O tempo da minha leitura e o tempo da leitura da orientanda permitem que as reflexões de uma e da outra produzam modificações no texto que está em processo de elaboração.

Raquel

Essa expressão foi usada por Rodrigues e Fischer (2021), em trabalho que indicamos, na seção Lista LeiA.

2.2. ALAvancando escritas

Assim como fizemos no capítulo anterior, iremos retomar os conceitos foco deste segundo, propondo que você participe de mais duas práticas. Agora, nosso objetivo é trabalhar modos de se perceber e tagareLAR sobre as escritas. Vamos?



PRÁTICA 3

Reproduzimos outras “conversas sobre o texto”, que já tivemos em torno da escrita da tese da Flávia. Essa é de junho 2015 e nela conversamos por escrito sobre pontos a serem repensados na escrita da tese, após o exame de qualificação, isto é, um momento em que a banca avalia uma escrita preliminar do trabalho de pesquisa. No caso, foi da tese, antes de sua finalização e defesa do doutorado. A conversa escrita que você irá conhecer é um recorte de um documento maior que recebeu o nome de “Plano de trabalho para a tese”. Ele contém diálogos escritos entre nós, então, orientanda (em minúsculas) e orientadora (em maiúsculas):

processo da comunicação, mesmo tentando construir a história do texto. Refazer o conceito de história do texto a partir do dialogismo bakhtiniano. Partindo de Bakhtin/Voloshinov pensar em “Como o discurso verbal na vida se relaciona com o discurso extra-verbal que o engendra?” e como sempre há algo que fica por dizer, mesmo quando pensamos as lacunas. Trazer a questão do “presumido social” novamente. Por exemplo, refazer a figura do grande contexto etnográfico (p. 80) que eu trago, trazendo um espaço para “o que não pode ser dito/visto”, porque já ocorrido ou que faz parte das práticas mais gerais a que não temos acesso, colocando em evidência também aquilo que não pode ser visto. Pensar uma maneira alternativa de construir essa história do texto, tomando o Bakhtin e também Manoel, no texto da Abrahão (2011) OK-MANOEL SE BASEIA EM BAKHTIN, NO CONCEITO DE PRESUMIDO SOCIAL. TRAGA ESSE CONCEITO PARA A TESE PARA AJUDAR A “relativizar” O QUE A ETNOGRAFIA PROPÕE

- Qual é a temática geral deste trecho de “conversa sobre o texto” da tese da Flávia?
- Indique, pelo menos, duas mudanças que a Flávia pretendia fazer na escrita de sua tese, naquele momento.
- Qual foi a principal sugestão da Raquel para a escrita da tese, nesta parte?
- Você conhece os autores que foram mencionados por ambas? Se não, que tal fazer uma pesquisa sobre eles?
- Quando a Raquel comenta sobre “ ‘relativizar’ o que a etnografia propõe”, você compreende que ela está tratando, no excerto, da etnografia como metodologia ou como forma de teorização profunda? Comente.
- Você conhece outros trabalhos, em LA, que se valem da etnografia? Em caso afirmativo, explique como eles a utilizaram. Caso não conheça trabalhos na perspectiva, faça uma pesquisa e liste os dois títulos que você considerar mais interessantes para ler depois.

Se você é professor ou aluno, certamente, já teve conversas em torno de suas escritas com seus pares. Caso você esteja chegando nesse universo da pesquisa acadêmica, verá que os diálogos sobre nossos textos são momentos essenciais de nosso trabalho. Nesta terceira prática, a proposta é acompanhar uma dessas conversas reais, que existiu entre nós, autoras. Na época, éramos orientanda e orientadora e falávamos sobre ações em torno da escrita da tese de doutorado. A Flávia (em preto e vermelho) compartilhou planejamentos: refazer a metodologia, revisar a proposta de construir uma história do texto, reelaborar um quadro, trazer um novo conceito... Raquel sugeriu a inserção do conceito de presumido social, com base no trabalho de Manoel Corrêa que, por sua vez, dialoga com Bakhtin. Além disso, o comentário da Raquel indica uma adesão à ideia da etnografia como teoria, que dá espaço para reflexões, teorizações... Na seção LeiA, há sugestões de obras dos dois autores mencionados para você conhecê-los melhor, se for o caso. Ainda em LeiA, você poderá encontrar mais sugestões de trabalhos que se orientam pela perspectiva etnográfica. 😊

Um trabalho do autor, que toca no tópico mencionado, está indicado na Lista LeiA.



PRÁTICA 4

A tagareLAGem, nesta prática, envolverá a escrita do outro, com inspiração em ações etnográficas. Você irá escrever uma nota de campo, o que pressupõe uma imersão planejada em momento pontual em algum contexto. Para tanto, fazemos algumas recomendações:

- Selecionar um contexto (físico ou digital) em que você sabe que existem pessoas escrevendo e sobre o qual gostaria de conhecer melhor.
- Peça autorização para as pessoas que administram e/ou vivenciam cotidianamente este contexto. Por exemplo, se for em uma escola, peça autorização para a direção, para os professores que pretende observar, para os estudantes (e quando menores para seus pais). Caso seja em uma instituição religiosa, é necessário pedir a autorização para o responsável, para os funcionários, para as pessoas que frequentam o local e as quais pretende observar. Esse pedido de autorização é fundamental para uma atuação ética de sua parte.
- Combine um dia para ir ao campo, após ter as autorizações necessárias e ciência dos envolvidos. Você pode ficar pelo tempo que for possível, como alguns minutos, uma hora, um período do dia, etc.
- No momento em que estiver em campo, observe-o: busque identificar quais escritas há ali, quem são as pessoas que as utilizam e com quais finalidades, como são essas escritas. Se for viável, faça anotações *in loco* sobre suas observações.
- Ainda em campo, busque conversar com alguma(s) pessoa(s) sobre as escritas identificadas e como elas veem essas práticas. Novamente, se puder, faça anotações sobre essas interações.

- Em momento posterior, organize suas anotações e eLABore a nota de campo. Nela, é importante descrever o contexto selecionado e qual(is) a(s) escrita(s) que foram observadas. Você também pode retomar as fotos ou vídeos do local, desde que tenha licença para isso, e incorporá-los em seu registro.
- Buscando fazer alguma teorização sobre sua observação em campo, selecione alguma(s) das escritas para refletir em particuLAR: quais são as relações deste(s) textos com o contexto e vice-versa? Quais suas principais descobertas? Como as pessoas envolvidas usavam e avaliavam essa(s) escrita(s)?
- Finalmente, reflita sobre a questão: a partir dessa experiência com inspiração etnográfica, qual a principal diferença entre buscar compreender a escrita do outro da perspectiva dele?

Nesta prática 4, há uma proposta de escrita para você. Depois de selecionar um contexto em que sabe que há pessoas escrevendo, prepare-se para entrar nele e fazer notas sobre esse processo de observação. Observe a escrita do(s) outro(s), reflita sobre elas, converse sobre elas, perceba como elas são percebidas pelas pessoas, escreva sobre elas! Claro, com respeito aos princípios éticos. Certamente, você fará descobertas interessantes! 🙌

Sobre a prática 4

2.3. Aqui, ali e acoLÁ – com Luanda Rejane Soares Sito⁴



Além de nós, tem mais gente, novamente! Na imagem, última teLA, de cima para baixo, há uma mulher negra, óculos vermelhos, esboçando um sorriso. Conhecem eLA? Trata-se de quem veio para tagareLAR acerca dos conceitos do segundo capítulo, de bem acoLÁ, de outro país. Estamos falando da professora e pesquisadora Luanda Sito (UdeA-Colômbia). A Luanda é mais uma linguista aplicada que se soma a nós e já tagarelou conosco muito tempo antes, nos cor-

⁴ Essa outra conversa foi gravada em 01 de novembro de 2023.

redores e salas de aula do IEL, além de outros momentos em eventos e faLAs compartilhadas e, hoje, mora e trabalha na Colômbia. Com trabalhos que se destacam pela perspectiva sociocultural e etnográfica, eLA tem muito a nos dizer com seu sorriso largo!

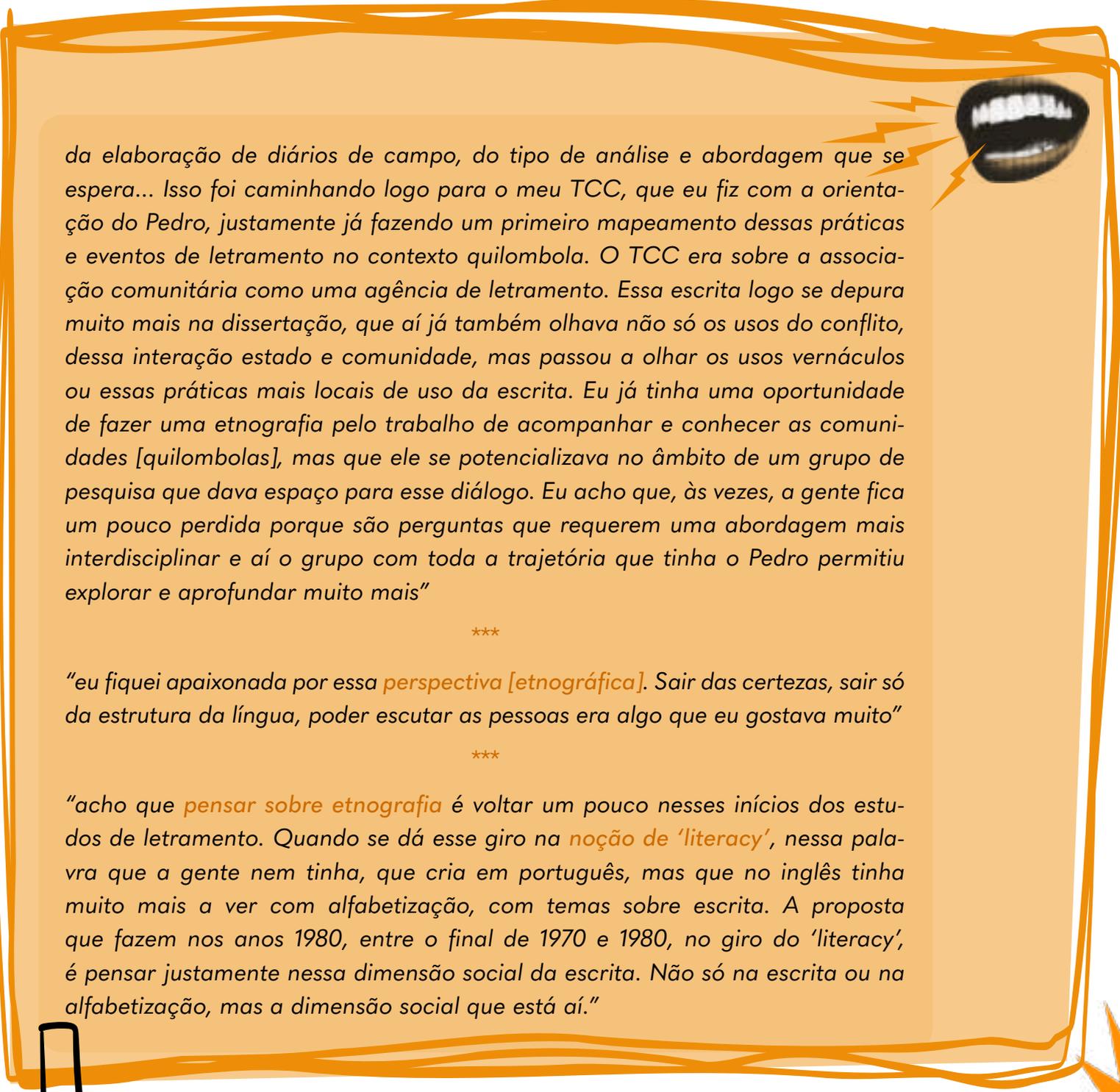
Chamamos, você, para tagareLAr conosco e com a Luanda. Vem? Agora que já conhece a dinâmica desta obra, deguste das partícuLAs dessa conversa, como fez antes:

1. Leia recortes do que faLAmos nesses excertos:

DECLARAÇÕES DA TAGARELA LUANDA REJANE SOARES SITO

*“A possibilidade de estar participando no ISE [Interação Social e Etnografia, grupo de pesquisa liderado pelo prof. Pedro Garcez, na UFRGS], no grupo com o Pedro [Garcez], obviamente me permitiu ver essas conexões dentro da própria área da linguagem: conhecer a Linguística Aplicada, conhecer os estudos que estávamos trabalhando já com essa abordagem social da língua e com **etnografia**. No próprio grupo, a gente fazia leituras sobre etnografia, eu fiz um ou dois cursos também nas Ciências Sociais, de Antropologia I e II, como iniciais, mas que davam muito esses elementos do olhar etnográfico,*





da elaboração de diários de campo, do tipo de análise e abordagem que se espera... Isso foi caminhando logo para o meu TCC, que eu fiz com a orientação do Pedro, justamente já fazendo um primeiro mapeamento dessas práticas e eventos de letramento no contexto quilombola. O TCC era sobre a associação comunitária como uma agência de letramento. Essa escrita logo se depura muito mais na dissertação, que aí já também olhava não só os usos do conflito, dessa interação estado e comunidade, mas passou a olhar os usos vernáculos ou essas práticas mais locais de uso da escrita. Eu já tinha uma oportunidade de fazer uma etnografia pelo trabalho de acompanhar e conhecer as comunidades [quilombolas], mas que ele se potencializava no âmbito de um grupo de pesquisa que dava espaço para esse diálogo. Eu acho que, às vezes, a gente fica um pouco perdida porque são perguntas que requerem uma abordagem mais interdisciplinar e aí o grupo com toda a trajetória que tinha o Pedro permitiu explorar e aprofundar muito mais”

“eu fiquei apaixonada por essa **perspectiva [etnográfica]**. Sair das certezas, sair só da estrutura da língua, poder escutar as pessoas era algo que eu gostava muito”

“acho que **pensar sobre etnografia** é voltar um pouco nesses inícios dos estudos de letramento. Quando se dá esse giro na **noção de ‘literacy’**, nessa palavra que a gente nem tinha, que cria em português, mas que no inglês tinha muito mais a ver com alfabetização, com temas sobre escrita. A proposta que fazem nos anos 1980, entre o final de 1970 e 1980, no giro do ‘literacy’, é pensar justamente nessa dimensão social da escrita. Não só na escrita ou na alfabetização, mas a dimensão social que está aí.”



“Quando eu penso em etnografia, geralmente em letramento, a gente tem dito que é uma abordagem etnográfica pela dificuldade, às vezes, de fazer um trabalho etnográfico de fundo. Talvez, a gente pode pensar no trabalho inicial do [Brian] Street ou no trabalho da [Shirley Brice] Heath, que ficou quase 7 anos nessas comunidades.

Mas, em termos práticos, às vezes, é muito difícil a gente acompanhar tanto tempo as comunidades. Então, preferimos falar melhor de uma abordagem, um caráter etnográfico, reconhecendo etnografia como uma metodologia e método de outro campo de estudo, sobretudo da Antropologia. Mas eu penso que, em diferentes áreas, a gente tem aproveitado, aprendido com Antropologia e reorientado essa metodologia para os nossos interesses. Eu sinto que a área dos estudos de letramento é uma delas.

A gente foi reelaborando e reorganizando esses métodos iniciais do diário de campo, as notas de campo, a entrevista para dar mais densidade às perguntas do próprio campo.

Um dos elementos que eu penso é essa aposta de uma leitura discursiva e de poder que eu acho que sempre está implicada no nosso campo (...) Um dos elementos para nós importantes, nessa **leitura etnográfica de teorização profunda**, é poder desvelar as relações de poder implicadas no uso social da escrita”.

“Uma das coisas que a **etnografia profunda** nos ajudaria a fazer é buscar esses pequenos casos de tensão, de conflito ou de realidades sociais para mostrar mais além do que todos estamos vendo (...). A gente pode melhorar





em termos da descrição. Eu acho que tem grupos, como o que eu conheço da Lulu Castanheira, na UFMG, que tem feito um esforço muito grande com alguns outros colegas, em termos de ser mais detalhado possível, na etnografia. Mas os outros cinquenta por cento é a leitura etnográfica e antropológica que a gente faz dos dados. Essa deve sempre ser uma leitura informada por teorias críticas que estejam a serviço de uma sociedade mais equitativa. Ou não... mas que a gente explicita qual é a agenda. Se não é essa, qual é a agenda?”

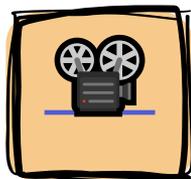
“Eu gosto muito dessa noção de **conversa sobre o texto**. Penso que uma coisa que está mais próxima dessa noção, para mim, é a entrevista semiestruturada ou como eu posso ir um pouco mais além da entrevista, que é semi, mas não deixa de ser estruturada. Como a gente vai pensando em técnicas mais participativas”.



2. Clicar no ícone do som para ouvir recortes:



3. Ver recortes interpretados em Libras, clicando no *link* abaixo:



4. Se deu vontade de ler, ver e ouvir o bate-papo, por inteiro, acesse o vídeo, na íntegra, escaneando o *QR-code*:



De **LÁ**, nossa convidada também fez as suas indicações de trabalhos. Vamos lembrar das sugestões de **LA**:

 ATORRESI, Ana.; EISNER, Laura. Escritura e Identidad: perspectivas socioculturales. **Enunciación**, [S. l.], v. 26, p. -14-35, 2021. DOI: 10.14483/22486798.16747. Disponível em: <https://revistas.udistrital.edu.co/index.php/enunc/article/view/16747>. Acesso em: 31 oct. 2023.

 LARANJEIRA, Rómina de Melo.; MIRANDA, Flávia Danielle Sordi Silva.; PARIS, Larissa Giacometti. **Letramentos Acadêmicos no Brasil**: diálogos e mediações em homenagem a Raquel Salek Fiad. São Carlos: Pedro & João, 2022.

 SITO, Luanda; MORENO MOSQUERA, Emilce. Prácticas letradas académicas más allá del déficit: una revisión crítica de literatura. **Enunciación**, [S. l.], v. 26, p. 149-169, 2021. DOI: 10.14483/22486798.16747. Disponível em: <https://revistas.udistrital.edu.co/index.php/enunc/article/view/16747>. Acesso em: 31 oct. 2023.

 SITO, Luanda Soares.; CADILHE, Alexandre José.; PESSOA, Rosane Rocha. Decolonialidade, letramentos e formação docente na perspectiva de Luanda Rejane Soares Sito. **Calidoscópico**, v. 20, n. 2, 2023.

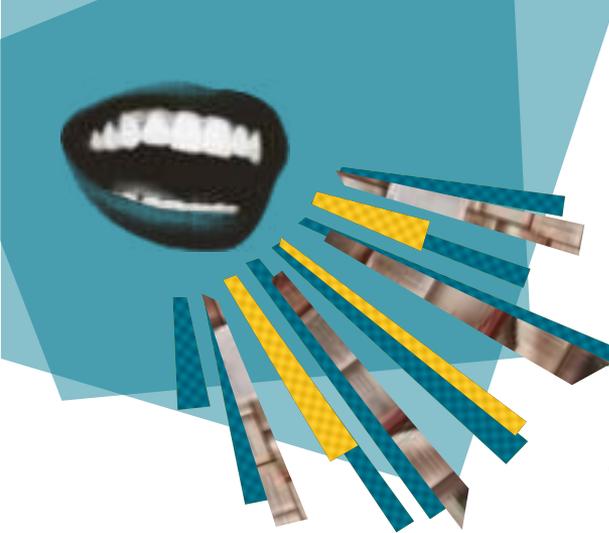
BRICOLAGEM DO CAPÍTULO 2

Escreva **L**Arga e desenro**L**Adamente sobre as reflexões desenvolvidas por você no Capítulo 2, inclusive, usando a forma e as modalidades que desejar.



CAPÍTULO 3





3. CAPITULAR ABORDAGENS DA ESCRITA

Flávia, qual a contribuição dos estudos dos letramentos para suas atividades de pesquisadora e de professora sobre a escrita?

Raquel, é curioso lembrar que eu conheci os estudos dos letramentos em uma disciplina que você ministrou, em parceria com a Denise Braga, no meu primeiro ano de graduação em Letras, na Unicamp! Eu menciono um pouco dessa história no livro da Márcia Mendonça e autores (2023) que eu prefaciei... No entanto, naquela época da faculdade, eu não tinha a menor noção de que um dia esses estudos seriam a principal orientação teórico-metodológica para minhas atividades de pesquisadora e de professora, como são hoje. Acho que posso dizer que sou uma “letramenteira” de carteirinha, puxando o nome do nosso grupo de *WhatsApp*, formado pelos queridos colegas, que os leitores viram no prefácio. Apesar disso, eu sou incapaz de destacar uma contribuição única desses estudos para responder à sua pergunta e só consigo indicar como os princípios que os subjazem – abordar questões de identidade, relações de poder, inclusão etc. (cf. Street, 1984) – descortinaram uma outra maneira de existir na academia e na sociedade para mim, o que sempre busco deixar vivo nas minhas pesquisas e nas minhas salas de aula. Mas, aqui também faço uma crítica: em vários cursos de Letras no Brasil, os estudos dos letramentos têm que entrar pelas “beiradas”, não existindo, por exemplo, uma disciplina específica, como aquela que eu pude cursar no início de tudo...

Desde quando começamos a tagareLAr com você sobre escrita, demarcamos que a entendemos como uma prática social, pois nos filiamos aos pressupostos dos Novos Estudos dos Letramentos. Neste ponto da obra, portanto, você já deve ter percebido que essa nossa visão não limita como olhamos para nossas escritas, nem para a dos outros à nossa volta. Essa é uma abordagem compartilhada por muitos estudiosos que se dedicam/dedicaram a investigar a escrita, incluindo linguistas aplicados.

Neste último capítulo, direcionamos nossa conversa especialmente para essa maneira de assumir a escrita, colocando o foco em duas instituições bastante conhecidas por nós e por você, que são a escola e a universidade. Com essa delimitação, quisemos tanto trazer para a conversa a escrita que está na vida social, como falar um pouquinho de ensino da escrita, o que muito nos interessa e nos preocupa, como pesquisadoras, como professoras e também como cidadãs. Logo, a noção de *letramento(s)* perpassará tudo o que tagareLArmos por aqui! Por fim, os últimos conceitos que exploramos são:

- Letramentos sociais
- Letramentos escolares
- Letramentos acadêmicos

Partiremos de uma reflexão genérica sobre os letramentos, em sua acepção social, para depois particularizarmos nossa TagareLAgem para os letramentos escolares e os letramentos acadêmicos. Queremos que você percorra este caminho com a gente. Começemos?

3.1. Nossas escritas de LÁ para cá

A perspectiva dos estudos dos letramentos é algo que nos une há um certo tempo... A Raquel foi orientadora da Flávia, no mestrado e no doutorado. Portanto, falar um pouquinho da trajetória da Raquel no campo da escrita é relevante aqui. A pesquisa sobre aquisição da escrita veio como decorrência do trabalho de formação continuada de professores de LP que ela vinha realizando, com colegas do IEL, junto a secretarias de educação de diferentes cidades do país. Esse trabalho os colocou em contato com as escritas que vinham sendo realizadas por crianças e jovens do ensino fundamental e que passaram a ser foco de discussão nos cursos de formação continuada e, necessariamente, foco de pesquisa. ELA lembra que isso aconteceu na década de 1980, quando havia um forte movimento de reformulação curricular no país, consequência da abertura política que iniciava e possibilitava mudanças educacionais.

No que se refere especificamente ao ensino de língua portuguesa, já havia questionamentos sobre o ensino tradicional e propostas de um ensino focado no uso da língua, baseado em teorias linguísticas. As escritas escolares eram analisadas com base em teorias de base enunciativa e eram consideradas um lugar privilegiado para que pudéssemos observar a relação entre sujeito e linguagem, pois os movimentos de apropriação da modalidade escrita são oscilantes, variados, em diferen-

tes direções. O olhar de professores e pesquisadores, naquele momento, buscava marcas que pudessem dizer algo sobre a linguagem e sobre o sujeito aí presente. Não o olhar que buscava comparar a linguagem aí presente com a que deveria aí estar, não o olhar que corrige ou procura o que está faltando. A Raquel recorda:

“ Fomos aprendendo a encontrar as marcas do sujeito e a interpretá-las. Essa abordagem concebia um sujeito atuante e marcado socialmente e historicamente. Embora não assumisse explicitamente as teorias de letramento, a perspectiva social estava presente nas pesquisas sobre aquisição da escrita. Ao lado disso, me incomodavam as avaliações feitas, na universidade, sobre a escrita dos nossos alunos acadêmicos. Eram avaliações que apontavam o *déficit* nessas escritas, acompanhadas de uma frustração, por parte de nossos colegas, em relação à expectativa de uma escrita dentro dos moldes esperados na academia. Essas avaliações eram incoerentes em comparação com a perspectiva que tínhamos em relação às escritas infantis! Como eu poderia defender uma perspectiva de aquisição da escrita como um processo junto aos professores nas formações continuadas e observar uma outra perspectiva nas avaliações das escritas universitárias? As pesquisas sobre letramentos acadêmicos decorrentes dos Novos Estudos dos Letramentos me trouxeram a fundamentação para analisar a escrita na universidade e para propor um outro olhar, assim como tinha feito com as escritas infantis ”

Na história da Flávia, o primeiro contato com o conceito de letramento, na perspectiva social, foi logo no primeiro semestre da graduação em Letras, quando cursou as disciplinas conjuntas “Letramento: teoria e prática”. Inclusive, uma delas foi justamente ministrada pela Raquel. Porém, na pesquisa acadêmica, um encontro mais concreto com a perspectiva como base teórico-metodológica para investigação veio somente algum tempo depois, já no doutorado, por meio da orientação da própria Raquel e dos diálogos com outras colegas do grupo de pesquisa liderado por ela, “Escrita: ensino, práticas, representações, concepções”, e que também estavam desenvolvendo trabalhos com letramentos em suas pesquisas.

Juntas, temos produzido pesquisas e publicações em colaboração que abordam a temática, como é o caso desta obra que você está lendo. Ainda assim, neste momento, nossa apropriação do conceito se dará de forma diferente de nossos artigos científicos. Continuando o movimento que temos feito ao longo deste livro, de trazer nossas escritas para tratar de conceitos relativos à escrita, buscamos, também neste capítulo, cujo centro são os letramentos, não remeter a exemplos unicamente advindos de escritas já publicadas por nós na área.

Na ListA LeiA, trazemos a referência desses trabalhos, desenvolvidos pelas queridas colegas: Ângela Francine Fuza, Eliane de Oliveira Feitoza, Eliane Pasquotte-Vieira, Giovana Siqueira Príncipe e Marcela Lima.

Na ListA LeiA, você também encontrará sugestões para ler de textos escritos por Fiad e Miranda ou o contrário, além de trabalhos de tradução de publicações de pesquisadoras estrangeiras que fizemos juntas.

Evocamos, para tanto, mais uma escrita da infância da Flávia. Desta vez, extraída de uma página de um portfólio de catequese, do ano de 1997, num contexto religioso de práticas da Igreja Católica. Em meio a várias atividades que eram feitas na catequese, envolvendo a leitura e a escrita, como cópias, desenhos, respostas a questionários ou solicitação de desenvolvimento de alguma temática, selecionamos uma atividade que correspondia ao comando de representar “uma boa ação”:

Exemplo 13 – Página com “a boa ação”



À época, a Flávia era uma criança e não conseguimos resgatar todo o contexto de produção, como as orientações da catequista, as interações que aconteceram entre os participantes naquele dia de encontro ou mesmo os significados atribuídos pela própria menina que desenvolveu a atividade. Trouxemos o exemplo, contudo, pois ele indica a existência de uma prática social letrada, na esfera religiosa, que acontecia, obviamente de formas diferentes nos diferentes contextos religiosos e tempos, mas cuja escrita tinha lugar, função e avaliação das pessoas envolvidas de alguma maneira, com possibilidades inventivas e restritivas.

Além disso, a atividade revela uma escrita multimodal, em que palavras se integram a elementos visuais, com cores e sentidos. Por exemplo, a disposição dos acontecimentos na página que compõe uma sequência de ações em momentos distintos – o sol sozinho, o casal se encontrando e depois a ajuda da menina, em um quadro seguinte que se destaca por vários riscos em sua borda –; os diálogos dos personagens em balões que revelam suas ações e as narrativas acima e abaixo, na página, que marcam o tempo e a finalização da “boa ação”.

Considerando ainda que se trata de uma criança que vivia no contexto brasileiro, do final da década de 1990, em uma cidade de médio porte do interior do estado de São Paulo, de uma família de classe média, que frequentava a escola e outras instituições, podemos calcular que ela transitava por outros muitos contextos socioculturais letrados, além da Igreja (alguns deles você já viu nesta obra!). Neste, assim como nos outros, a escrita estava presente, mas de um modo particularizado, situado, já que entendemos serem letramentos sociais. Em compensação, eles não podem ser compreendidos em isolamento.

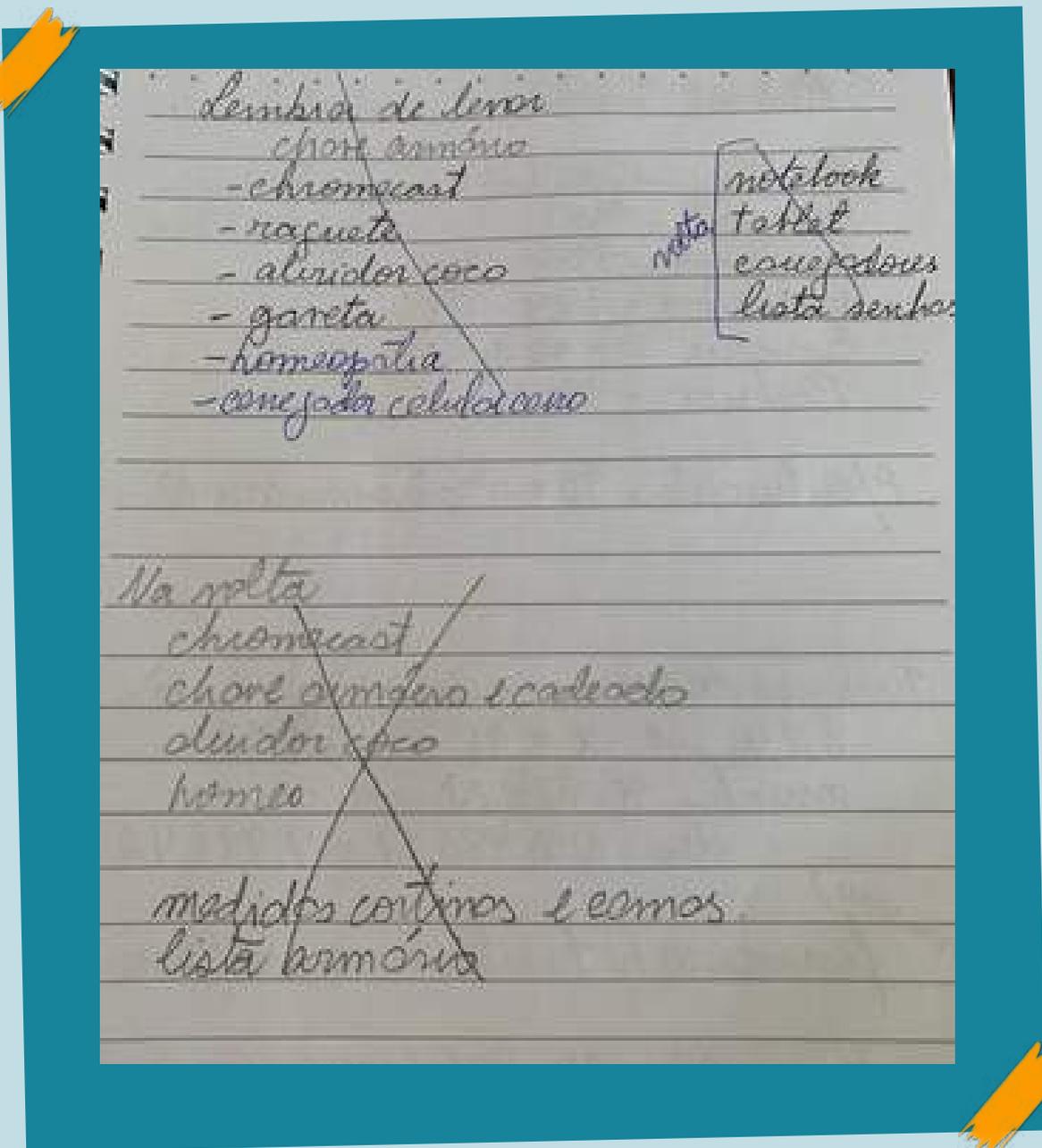
Evocando os dizeres de um dos mais expoentes estudiosos dos letramentos, novamente: “trazemos para um evento de letramento conceitos, modelos sociais relativos à natureza da prática e o que fazem funcionar, dando-lhe significado. (...) Temos de começar a conversar com as pessoas, a ouvi-las e a ligar sua experiência imediata de leitura e escrita a outras coisas que elas também façam” (Street, 2012, p. 76).

Voltando a essas minhas atividades da catequese, fico lembrando da imagem da minha catequista, uma senhora muito amável, de olhos claros e que fazia vários elogios. Alguns deles estão escritos em meio aos meus papéis amarelados. Penso que, para ela, importava muito menos *como* eu usava a escrita naquele contexto, mas *para que* eu a usava, ou seja, se havia correspondência àqueles ensinamentos religiosos. Nisso, a catequese diferia da escola tradicional... Por outro lado, a escrita sempre existia naquele contexto religioso. Também recordo que nós cantávamos, assistíamos a filmes, enfim, tínhamos atividades que envolviam outras linguagens. Mas vejo como, ainda assim, a escrita ocupava um lugar privilegiado, o tal do “centro dela” em nossa sociedade...

Flávia

Já que os letramentos sociais são muitos, trazemos um exemplo relativo às vivências do dia a dia da Raquel, que diz respeito a um hábito dela, o de produzir listas:

Exemplo 14 – Lista de preparação de uma viagem



Esta é uma escrita que teve a função de ajudar na organização de uma viagem. A lista é uma prática social bastante frequente, geralmente feita, hoje em dia, em meios digitais. No caso, foi escrita à mão, em um caderno e apresenta um arranjo multimodal, em diferentes colunas e sinalizações feitas. Chamamos a atenção para o fato de que essa configuração se alinha a temáticas diferentes, ou seja, há uma divisão por categorias dos objetos e assuntos.

Essa lista também aponta para diferentes práticas sociais de que a Raquel participa diariamente: cuidar da saúde, se alimentar, se comunicar, trabalhar etc. Os objetos listados são índices dos movimentos que ela faz/fará em vivências que envolvem a leitura e a escrita.

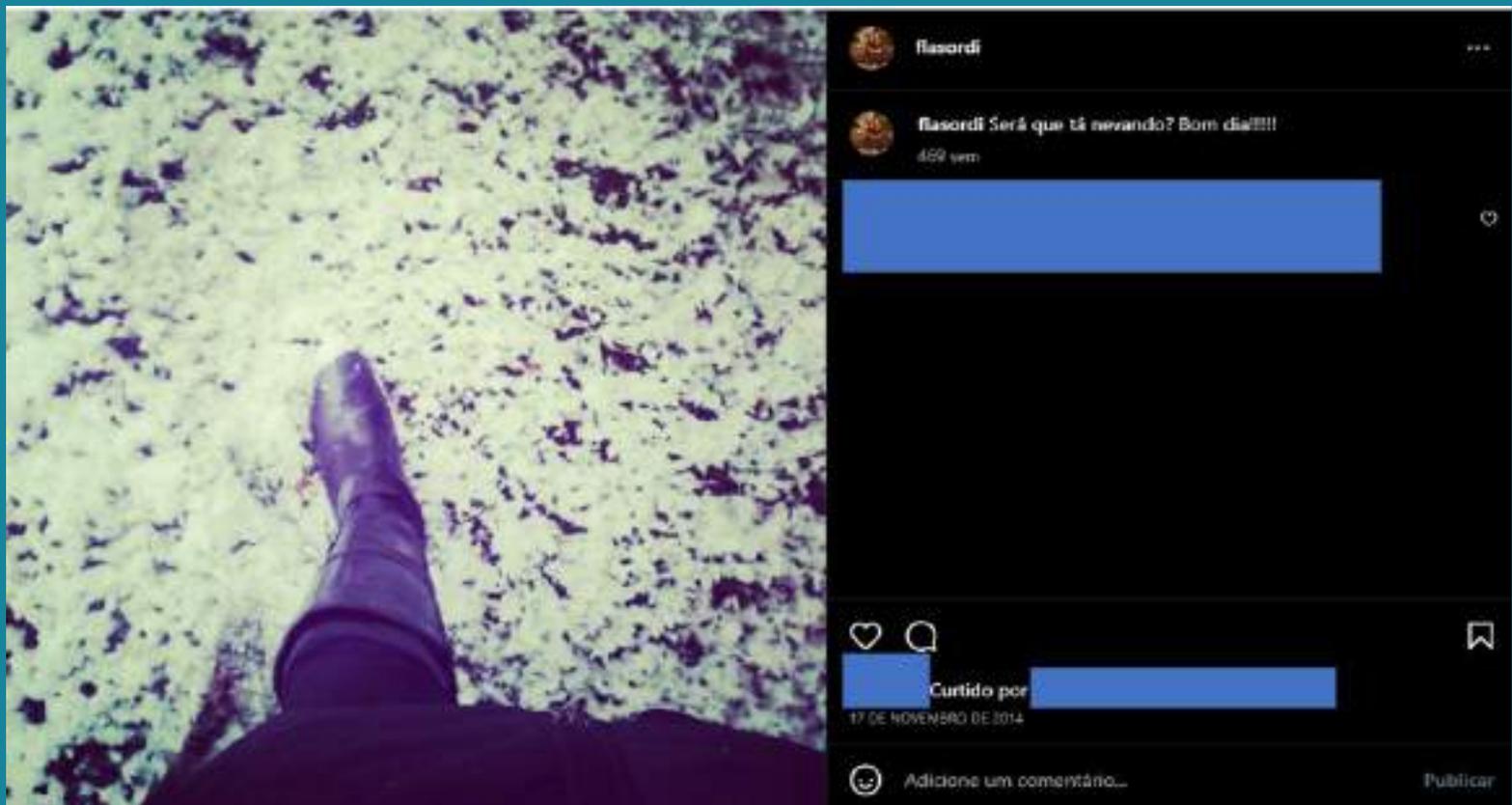
Uma obra que pode ajudar na introdução ao tema da leitura e escrita, na perspectiva dos letramentos é a de Rojo (2009), sugerida na seção Lista LeiA.

Faço listas sempre que vou viajar. Não confio na minha memória para detalhes específicos de cada viagem. Como pode ser visto na lista acima, não estão listados os itens de uso pessoal, como roupas, sapatos etc. São itens referentes a uso doméstico!

Raquel

Para marcar bem a pluralidade de letramentos, neste último capítulo, trouxemos mais exemplos do que nos anteriores para falar do conceito de letramentos sociais. Buscamos reproduzir escritas de diferentes contextos e épocas. Por isso, seguem mais dados, com nossas escritas, para você ler e refletir. Começamos com uma publicação da Flávia, de 2014, em uma de suas redes sociais da *internet*:

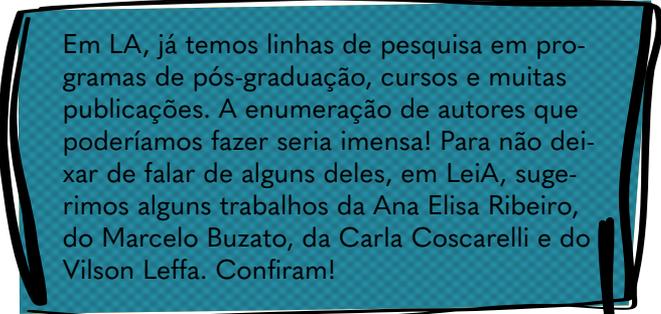
Exemplo 15 – Postagem em rede social (2014)



Fonte: rede social da Flávia

Se você não participa ou nunca acessou nenhuma rede social, provavelmente deve conhecer alguém que utilize alguma das várias disponíveis. Por isso, nos eximimos de explicar como e para que elas funcionam. Simplificamos que, nas redes, as pessoas podem publicar fotos, textos, imagens, etc. para seus amigos e/ou seguidores. Nesta postagem da Flávia, podemos ver um pequeno texto que explica uma foto, ao lado, em que se vê parte do corpo dela, estabelecendo uma conversa entre as palavras e a imagem.

Note que há uma composição multimodal entre a descrição e a foto que produz significado, com uso de ironia, já que a pergunta é respondida pelo que se vê na imagem. Para contextualizar, a foto foi tirada no inverno, em uma época em que a Flávia estava na cidade de Rochester, nos Estados Unidos, fazendo parte de seu doutorado, em uma universidade que fica no norte do país e onde faz muito frio, com neve. De tal modo, fazer aquela publicação na rede social, que envolvia a escrita, mesmo informalmente, é uma ação letrada, inclusive, que pressupõe que os amigos da rede social façam (várias!) interpretações a respeito do conjunto de linguagens que foi usado. É também uma forma de compartilhar um acontecimento, uma história, sendo um costume muito comum na sociedade contemporânea que produz e consome escritas em meios digitais. Em suma, mais usos da leitura e da escrita que indicam que os letramentos são sociais. É importante saber que também a esse respeito as pesquisas em LA têm dado suas contribuições.



Em LA, já temos linhas de pesquisa em programas de pós-graduação, cursos e muitas publicações. A enumeração de autores que poderíamos fazer seria imensa! Para não deixar de falar de alguns deles, em LeiA, sugerimos alguns trabalhos da Ana Elisa Ribeiro, do Marcelo Buzato, da Carla Coscarelli e do Wilson Leffa. Confiram!

Não poderíamos deixar de trazer um exemplo que envolvesse os letramentos nos meios digitais. Tópico sobre o qual tanto se fala e tanto se pesquisa na academia ultimamente... Quando pensamos no contexto escolar, então, nem se fala da enxurrada de usos da leitura e da escrita que são preconizados, por exemplo, pela BNCC. Não daria para desviarmos o olhar dos usos sociais que são feitos da escrita neste meio, nos dias de hoje. E, eu, sou uma dessas pessoas que costuma compartilhar postagens com amigos. Por outro lado, é interessante notar que o exemplo, com mais de uma década, não é recente, o que mostra que essas práticas de linguagem estão aí há um tempinho e já eram abordadas nas pesquisas de linguistas aplicadas, como a Carla Coscarelli e a Ana Elisa Ribeiro, para citar algumas.

Flávia

Os letramentos não estão apenas nas redes sociais e nos meios digitais! Mesmo com o intenso uso de tecnologias digitais, também não deixamos para trás muitas práticas de letramentos analógicas, o que mostra que elas convivem. Para ilustrar, nosso próximo exemplo é mais uma lista elaborada pela Raquel:

Exemplo 16 – Lista de coisas a resolver

Resolvi

<u>Casa</u>	<u>Rua</u>
- peça guachos	- vaso e terra
- amore felicidade	- rodapés
	- vidro cozinho
- Muzilia	- torneira cozinho
	- chuveirinho
	- almofadas cozinho
	- poltronas couro
	- black out
	Substima

Tropecho

- Com. Etica/CNPq	Reserva
- Garantia Dell (email 23/01)	Letter Ho
	...
	Tudo palestra

Outros

- duplicar fotos

Essa é uma prática do meu cotidiano há tempos. Além da agenda de papel, onde anoto os compromissos e planejamentos por dia, faço listas como um auxílio à memória e, também, como organização de “coisas a resolver”. “Coisas” que incluem trabalho, arrumações da casa, compras, enfim, todo tipo de lembrete! Interessante é que as agendas têm, além das páginas com dias e meses, páginas em branco que, suponho, servem de apoio ao que vai sendo distribuído nos dias e meses.

Raquel

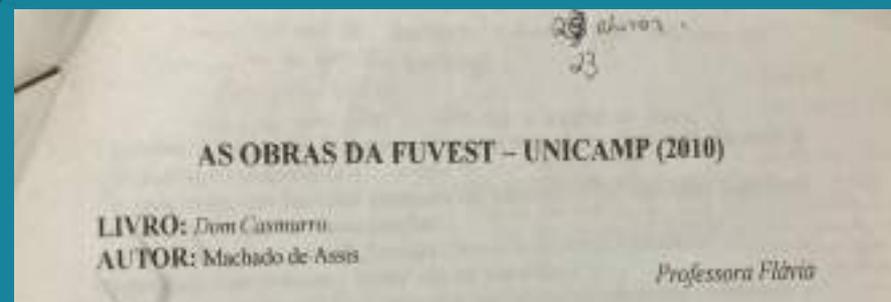
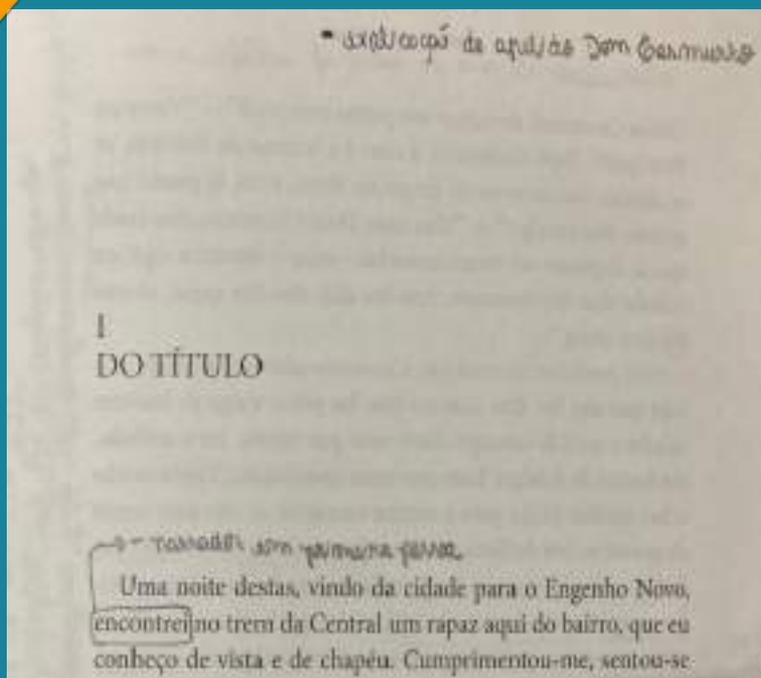
Os exemplos que você acabou de ler foram escolhidos por nós em função de fazerem parte de situações que não são da escola ou da universidade, diretamente. Isso para mostrarmos como a sociedade está repleta de escritas em contextos diversos e nem sempre nos damos conta. Agora, acreditamos ter ficado mais evidente a você que os letramentos são sociais. Em outras palavras, não devem satisfação às instituições de ensino formal.

Então, poderemos, finalmente, tagareLAR sobre os letramentos privilegiados em nossa sociedade, que são os escolares e os acadêmicos e dos quais, com certeza, você já ouviu falar e/ou participou, mas de um outro modo... A diferença é que, aqui, eles serão abordados sem hierarquias ou sem dar a entender que seriam melhores do que os outros. Tentamos abordá-los, não aleatoriamente, no final da obra, para que pudéssemos dissolver posturas de privilégio para eles, ainda mais por estarmos ligadas à universidade.

Nesse intuito, voltamos às buscas em nossas escritas para puxar os exemplos. A vontade seria resgatar práticas de nós como alunas na escola, nossos cadernos, livros didáticos, escritas da época em que estávamos na educação básica. Infelizmente, não tínhamos mais acesso a essas escritas, tanto tempo depois. O jeito, então, foi garimparmos lembranças de outros tipos de letramentos escolares, como professoras.

O exemplo, para começar, é uma montagem com (i) recorte de uma página de um livro de literatura da Flávia, com anotações de apoio para suas “aulas de livro”, quando ela atuava como professora em um Curso Pré-Vestibular, no ano de 2010 e (ii) o cabeçalho do material usado em sala de aula sobre a obra:

Exemplo 17 –Anotações em livro para aula



Fonte: edição impressa de **Dom Casmurro** e recorte de material sobre o livro do acervo da Flávia

No papel de professora de literatura, com foco na abordagem de obras literárias que eram exigidas em alguns exames vestibulares, a Flávia lia previamente esses livros indicados para planejar as aulas, anotando informações (vide primeira coluna), que julgava serem relevantes, para trazer oralmente em sala de aula. Ela também organizava materiais impressos (vide segunda coluna), a partir de suas leituras, que eram entregues aos estudantes.

No caso, há destaque em anotações feitas à mão, nas próprias páginas da obra, sobre o conteúdo e a estrutura narrativa do capítulo inicial de *Dom Casmurro* e um material que era redigido em computador e depois distribuído para os estudantes acompanharem juntamente às aulas.

Essas escritas produzidas como professora da escola perpassavam as ações didáticas em diferentes momentos: planejamento das aulas, desenvolvimento delas, lembretes, escritas no quadro, projeção de *slides* e muito mais! Elas compunham os letramentos escolares naquele contexto.

Bunzen argumenta que “Discutir os significados do letramento escolar, de um ponto de vista mais sociológico e antropológico, é, de certa maneira refletir sobre as condições de produção e sobre os modos de circulação de textos (sempre multissemióticos) no cotidiano da escola” (Bunzen, 2010, p. 99).

A primeira vez que eu pisei, já formada, em uma sala de aula real, como professora, foi naquele cursinho. Ele ficava dentro de uma universidade pública e era mantido por seu centro acadêmico. Por isso, aquela aula, de um sábado de 2010, aconteceu em um anfiteatro bem grande e equipado. Eu me lembro do nervosismo de ocupar aquele novo e esperado papel, das sensações de êxtase de ser ouvida com atenção em sala de aula, até mesmo da roupa que eu estava usando! Eu saí de lá convicta de que faria isso para o resto da vida. E não é que foi o que aconteceu?

Flávia

A próxima escrita é referente à atuação da Raquel como professora na universidade. É um exemplo bem recente, para uma disciplina ministrada em 2023:

Exemplo 18 – Anotações de preparação de aula

Lucas - notas 1
3.15 minutos
5.45 - Texto e Gênero (a 8:12)
até Gen de texto...

→ Texto e Gênero
→ Diferentes orientações teóricas
- conceitos bakhtinianos

Gêneros	L Textual
Textos	AD
	Psicolinguística

→ marcado pela época.
→ referências bibliográficas
Estética (e coletânea) / ed de 1990
Marxismo - autor m Bakhtin

Castor Nouvo Cones
out 1983 a dez 1985
jan 1986 a fev 88 - primo Amador
jan 89 a jan 93 - Luiza Guedes
P. Ferve - Prefeito 89 a 9

Esse é um exemplo de texto produzido pela Raquel como professora de uma disciplina de graduação em Letras. São anotações feitas a partir de um vídeo que os alunos deveriam ter assistido antes da aula e destacam os pontos que seriam discutidos durante àquela. Para sua orientação, a professora anotou os minutos do vídeo que seriam revistos durante a aula. Essas anotações mostram as seleções feitas do material para serem destacadas.

Além disso, revelam o movimento docente que envolve etapas anteriores (e posteriores!) ao tempo de uma aula em desenvolvimento e diversas ações com a leitura, a escrita e a oralidade, aqui, principalmente do lugar da professora. Essa escrita, portanto, faz parte desses letramentos que se relacionam à escola.

Costumo preparar as aulas com anotações em cadernos. A partir dessas anotações, vou conduzindo as aulas. As anotações são os destaques que fui fazendo sobre o tema de cada aula, geralmente com base nas leituras que fiz para as aulas.

Raquel

Por fim, trazemos os últimos exemplos deste livro. Eles fazem parte de nosso contexto de trabalho e de pesquisa atualmente, que é a universidade. São escritas desse universo, as que selecionamos para tagareLAR nesses momentos finais com você. Dessa vez, trazemos duas escritas de nós duas juntas na academia, com finalidades e em épocas diferentes.

A primeira escrita foi produzida na ocasião em que a Raquel ministrava uma disciplina para o curso de Letras da Unicamp e a Flávia participava como professora estagiária dentro do Programa de Estágio Docente (PED), no ano de 2013:

Exemplo 19 – Trechos da organização de uma aula conjunta pelas autoras

Aula para 17/04

1) Iniciar com o texto de Geraldi; Silva e Fíad (1996) “Linguística, Ensino de Língua Materna e Formação de Professores:

a) Uma ideia seria retomar aquela tabela com a história do Ensino de Português que está no Teleduc e ir preenchendo alguns elementos especificamente relativos à formação de professores e às décadas de 70 e 80. Abrir no telão e ir preenchendo juntamente com os alunos. **Os elementos que os alunos irão encontrar para preencher a tabela dentre outros serão:**

- introdução da Linguística na Universidade/ influência da Linguística no Ensino/ Preocupação sobre formação de professores;
- **Década de 70: investimento da formação inicial e continuada de professores, os acadêmicos querem ocupar “brechas no sistema”, o desafio do ensino de língua diante da democratização do ensino/ até aqui a formação de professores se restringia a transmissão de “novos” conteúdos aos docentes da rede.**
- **Década de 80: revisão e questionamento do ensino/a Linguística é chamada a formular propostas de intervenção no ensino e na formação de professores (Ex: 1985: Proposta Curricular no Ensino de Língua Portuguesa do Estado de São Paulo e Programa de 1º grau/ os documentos e propostas sempre apresentam: concepção de linguagem/texto/aspecto social da linguagem/organização do ensino de LP/ Influências da concepção sócio-interacionista de linguagem/texto como trabalho/variedade linguística e práticas de sala de aula em torno da leitura, da produção de textos e da análise linguística/ influência da linguística da enunciação, da Linguística Textual e da Sociologia da Linguagem. Está muito bom**

b) Analisar o "so professor" de alguns documentos para juntos vermos se localizamos tradições/imagens de professor e pensar na pergunta: "De lá para cá, muitos outros documentos e propostas foram produzidos e têm uma visão de professor. Qual é a visão de professor que predomina?" não tem

Flávia
Pensei em pegar os dois documentos que li antes e não de abou et. ca Pohl ("so professor, p. 414 a 420" ("arta do professor", p. 1-2), pensando nisso fundamentalmente

- Frame
- Memória semântica
- Representação Social
- Professor como mediador
- Gênero X prática

Uma ideia que tive, foi escrever esses conceitos em pedaços de papel e sortear entre os alunos para que cada um apresentasse o que sabe do conceito e o que imagina que seja pela leitura do texto de Kleiman e as explicações que ela dá lá. Pensei em guardar o conceito de "agente de letramento", que é o foco do texto para a segunda parte. Caso eles não tenham lido o texto, terão que ler e buscar o conceito no texto para apresentar à classe, não? Isso mesmo, Raquel. É um jeito de fazer eles se preocuparem em ler os textos também! pa

Esta escrita coLABorativa fazia parte do contexto de preparação das auLAs, em que conversávamos sobre o conteúdo e as atividades. A partir de uma bibliografia organizada pela Raquel e distribuída em um cronograma ao longo do semestre, uma das tarefas da Flávia, como estagiária, era propor algumas atividades para os estudantes realizarem. Todas eram lidas pela Raquel, que fazia ponderações, como se pode ver na figura, nos comentários grifados em roxo.

O exemplo se vincuLA a uma situação de ensino, em uma universidade pública brasileira, em que a escrita é usada como forma de diálogo entre as professoras, para organização prévia dos conteúdos a serem trabalhados em sala de aula, em um pLAno de aula colaborativo e tagareLAdo. Com efeito, por ser um uso diretamente relacionado ao ensino superior, para subsidiar o desenvolvimento de uma disciplina de graduação, vemos, claramente, usos dos letramentos acadêmicos e, ainda, que viriam a gerar outros, quando as ações planejadas fossem desenvolvidas pelos estudantes na disciplina.

Dois nomes de referência para os estudos dos letramentos acadêmicos são Mary Lea e Brian Street. Este último já citado outras vezes aqui. Para os autores: "Uma perspectiva dos letramentos acadêmicos concebe leitura e escrita como práticas sociais que variam segundo contexto, cultura e gênero (Barton; Hamilton, 1998; Street, 1984, 1985)" (Lea e Street, 2014, p. 477).

Foi a minha primeira experiência com letramentos acadêmicos do outro lado, isto é, na posição de professora, ainda que estivesse como estagiária. Me lembro com entusiasmo de quando eu e a Raquel preparávamos as aulas, tantas conversas e aprendizados que tive com ela, com sua docência. Tantas ressignificações sobre o que eu entendia por letramentos acadêmicos com os movimentos naquela disciplina.

Flávia

No contexto acadêmico, muitas e variadas são as práticas de letramentos. Minhas experiências de preparação de aulas em conjunto – seja com colegas, seja com estudantes de pós-graduação como nesse exemplo, são muito gratificantes. É muito bom discutir o que vamos fazer em uma aula. A experiência com a Flávia foi muito especial, pois ela sempre propunha algo inovador como metodologia!

Raquel

Já, a segunda escrita acadêmica que selecionamos, provém de um texto que escrevemos juntas para apresentar um dossiê que organizamos, em 2021, com artigos de diversas acadêmicas brasileiras. Vamos ler um trecho inicial, desta apresentação?

Exemplo 20 – Trecho da apresentação de um dossiê organizado pelas autoras

Início / Arquivos / n. 24 (2021): Travessias Interativas - jul-dez/2021 / APRESENTAÇÃO

Apresentação - nº 24

Flávia Danielle Sordi Silva MIRANDA

UFU/UNICAMP

Raquel Salek FIAD

UNICAMP

DOI: <https://doi.org/10.51951/tiv11i24>

Resumo

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ: "PRÁTICAS DE ENSINO DA ESCRITA ACADÊMICA"

(...) utilizo "docentes/pesquisadores" a todo tempo para apontar as pessoas que, dentro da academia, têm um compromisso com a pedagogia (seja, por exemplo, como professor, tutor, especialista em linguagem ou em escrita, assistente pedagógico) e com a pesquisa (entendida em sentido amplo, incluindo quem participa de grandes projetos de pesquisa empírica, assim como quem está envolvido no questionamento contínuo de sua própria prática) (LILLIS, 2021, p. 56



Apresentação

Publicado

O dossiê “Práticas de ensino da escrita acadêmica” emergiu do anseio por ampliar discussões sobre escrita acadêmica, já estabelecidas nacional e internacionalmente (para exemplificar, cf. CURRY; LILLIS, 2014; FIAD, 2017; FISCHER; HOCHSPRUNG, 2017; FISCHER; FERREIRA; SILVA, 2020; FUZA, 2017; KOMESU; ASSIS; BAILLY, 2017; LILLIS; CURRY, 2010; NEVES; GALLI; NASSAU, 2019; entre outros) e em meio às quais nos inserimos como “docentes/pesquisadoras” (cf. LILLIS, 2021, em epígrafe).

Na oportunidade, corroboramos as reflexões de diversos trabalhos ligados ao grupo de pesquisa “Escrita: ensino, práticas, representações, concepções”, vinculado ao CNPq e liderado por Raquel Salek Fiad desde 2006, na ocasião do desenvolvimento da pesquisa de pós-doutoramento² de Flávia Danielle Sordi Silva Miranda, também sob sua supervisão. Por um lado, o dossiê projeta estudos sobre escrita acadêmica nacionais, direcionando-se a uma proposta particular, ao reunir trabalhos cujos interesses destacam análises de dados em torno de ações didáticas no contexto acadêmico: por outro lado, oportuniza o diálogo de pesquisadores do mencionado grupo entre si e com outros.

Fonte: excertos de Miranda e Fiad (2021, p. 4). Disponível em:
<https://periodicos.ufs.br/Travessias/article/view/17014/12457>

Você deve ter notado como essa escrita é completamente diferente da anterior, embora ambas se caracterizem como exemplos de letramentos acadêmicos. Isso porque a situação, nossa posição, a finalidade, os leitores e as relações de poder envolvidas nesta última escrita são também distintos. Neste caso, escrevemos na condição de pesquisadoras que organizaram um número temático de

uma revisa acadêmica. Assim, nossa função era a de descrever e comentar os artigos que, após uma longa trajetória editorial que coordenamos – que envolveu avaliação por pares, aceitação ou negação de textos para publicação, reescritas e adequações – estava, finalmente, chegando a público.

Se você faz parte da universidade, talvez seja o texto mais próximo do que costuma ler em suas disciplinas e para seus estudos, ou mesmo dos que você produz. Essa nossa escrita está repleta de convenções acadêmicas, como citação direta, referências indiretas a outros autores e menções a elementos como grupos de pesquisa e pós-doutorado. Contudo, a escrita em questão não deve ser vista como mais relevante do que a anterior que integra o mesmo contexto acadêmico, mas apenas diferente, ou seja, uma de suas possibilidades, mas reconhecemos que, culturalmente, é a forma privilegiada. Porém, de uma perspectiva que também leva o nome de **Letramentos Acadêmicos**, também conhecidos pela abreviação de ACLITS por conta da expressão *Academic Literacies*, de seu berço, em língua inglesa, decorrente dos já mencionados Novos Estudos dos Letramentos, entendemos que o exemplo não precisa ser o único modo de se (prescre)ver a escrita! Inclusive, a escrita de **publicação**. Podemos **LA**rgar nossas práticas!

Na seção, LeiA indicamos obras, na perspectiva dos Letramentos Acadêmicos. Duas delas são coletâneas brasileiras:

Letramentos acadêmicos: contextos, práticas e percepções, organizado pela Raquel, em 2016.

Letramentos Acadêmicos no Brasil: diálogos e mediações em homenagem a Raquel Salek Fiad, organizado pela Rómima, a Flávia e Larissa, em 2022.

Em um capítulo que enfocou a escrita de doutorandos, Paris, Laranjeira e Miranda defenderam que “há diferentes possibilidades interpretativas para as práticas de publicação e podemos, portanto, questionar algumas que, embora predominantes, geram impasses e contradições” (Paris, Laranjeira e Miranda, 2022, p. 84).

Nós organizamos esse dossiê, quando eu estava fazendo pós-doutorado com a Raquel, na Unicamp, entre 2021 e 2022. Uma grande preocupação nossa, na época, era tratar sobre o ensino da escrita acadêmica. Uma preocupação que continua nos acompanhando e que ainda se mostra muito desafiadora, numa perspectiva de letramentos plurais, sociais.

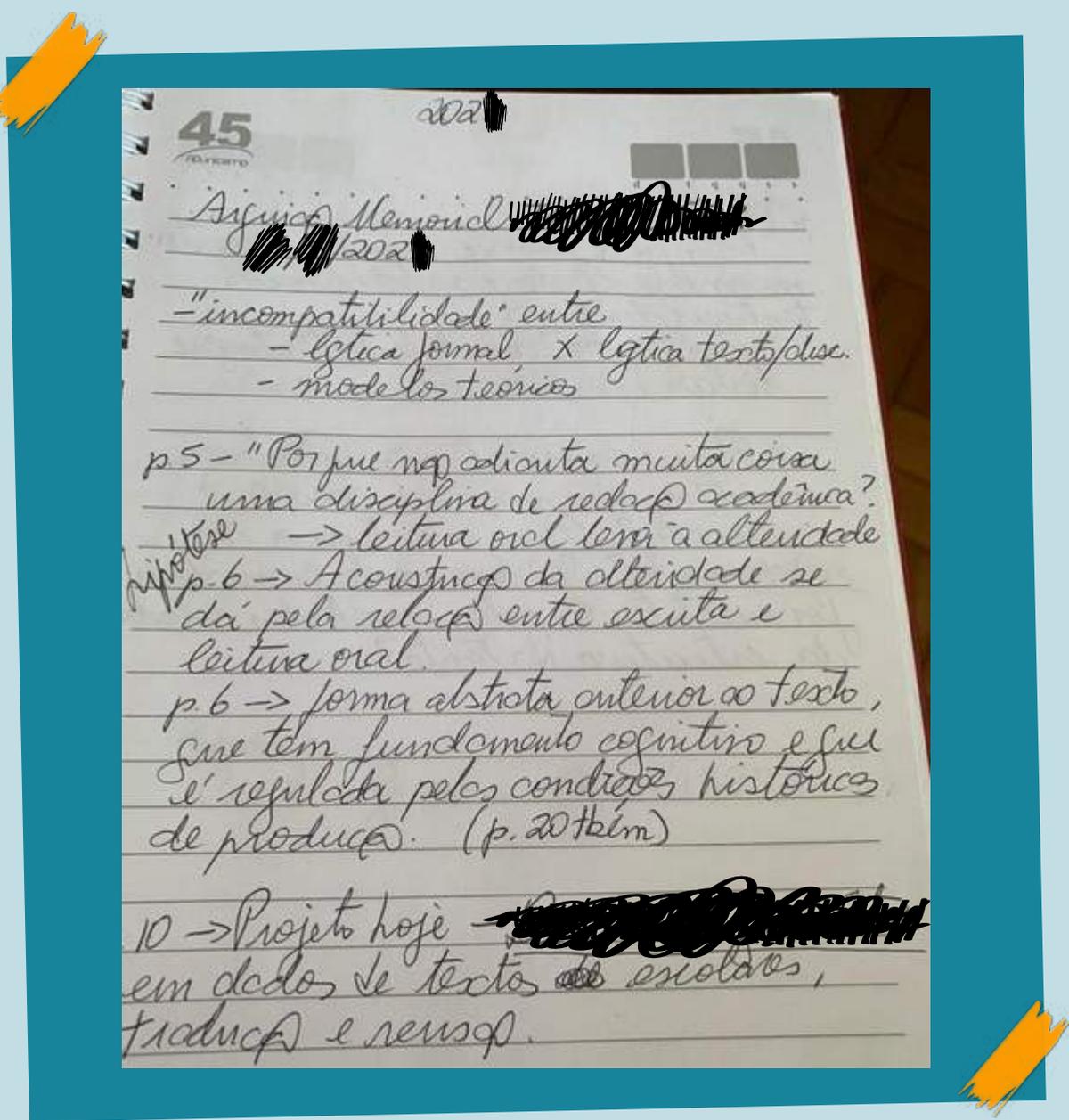
Flávia

Esta foi outra parceria com a Flávia – a organização de um dossiê em um periódico – que possibilitou muitas conversas acadêmicas, muitas discussões. Essa parceria está presente em vários momentos de nossas vidas acadêmicas! Neste caso, ao organizarmos o dossiê, tivemos a oportunidade de contar com artigos de diferentes pesquisadores, selecionamos pareceristas, recebemos avaliações e demos forma ao dossiê. Muitos momentos de trocas acadêmicas!

Raquel

A terceira escrita que selecionamos para abordar o conceito também é considerada acadêmica, embora não se dê em uma disciplina acadêmica, tampouco seja um texto para publicação. Ela foi produzida pela Raquel em um evento de letramento acadêmico específico de avaliação de um professor universitário:

Exemplo 21 – Anotações de arguição em concurso docente



Este gênero também é produzido em outras circunstâncias. Um exemplo é a tese de Sartori (2008), que investigou memoriais de formação. Veja em LeiA.

Na ListA LeiA, sugerimos uma obra organizada por Magalhães, Bueno e Costa-Maciel (2021).

Essa escrita foi feita pela Raquel em um caderno pessoal, depois de ter lido um gênero acadêmico, o memorial, produzido por um professor universitário. Na situação, a Raquel deveria avaliar o trabalho e expor oralmente suas considerações mediante uma circunstância pública. Na condição de avaliadora, ela seleciona páginas do texto para abordar esse gênero escrito em sua argumentação oral. Aquele, por sua vez, dialogava com outros trabalhos acadêmicos. As anotações, assim, adquirem uma função de apoio tanto para retomada do texto em debate, quanto para aquele evento de oralidade. Essa, muitas vezes e erroneamente, é diminuída quando falamos em práticas de letramentos acadêmicos. Entretanto, o rigor de um concurso docente, fundamentado em normas e convenções acadêmicas, incompatibiliza-se com uma noção de oralidade como informal, livre ou não planejada. A esfera acadêmica, pois, está implicando na modalidade, que não possui características por si só.

Este exemplo é interessante ainda por nos ajudar a mostrar como os letramentos acadêmicos também são múltiplos, envolvem diferentes interlocutores, gêneros discursivos, posicionamentos, textos, normas etc.

Essa é uma situação que já vivenciei muitas vezes, com peculiaridades. No caso deste exemplo, é a arguição de um Memorial acadêmico, em banca de concurso para professor titular. Os destaques que faço são a base para meus comentários e perguntas no momento da banca, momento de oralidade e de escritas, a escrita do memorial, a minha escrita nas anotações. É uma prática de letramento acadêmico complexa, com várias pessoas, vários textos orais e escritos.

Raquel

3.2. ALAvancando escritas

Você já conhece o caminho, não é mesmo? Vamos tagareLAR na prática?



PRÁTICA 5

Nesta prática, convidamos você a assistir nós duas tagareLAndo, em uma transmissão ao-vivo, de 13/12/2022, que ficou gravada no Canal TagareLA do Youtube:

Projeto TagareLA
Do ensino de português aos letramentos acadêmicos.

Link para inscrição:
link.com/6dXcg

Prof. Dra Raquel Salek Fiad (Unicamp)

13 de dezembro/ 14:30

Será transmitido em nosso canal:
<https://youtube.com/channel/UC4sZmP7UJANFKyJhbUcNXlyg>
Haverá emissão de certificado.

UFU ileel PROEXC

Acesse o *link* e assista ao vídeo:

<https://www.youtube.com/watch?v=AE2gklUsWQc&t=125s>

- Para você, o que o relato da Raquel sobre o ensino da leitura e da escrita na escola básica, na primeira parte do vídeo, revela sobre o conceito de letramento(s) escolar(es)? Você conhecia essa história sobre o ensino da escrita no contexto brasileiro?
- Como foi a sua história de aprendizagem da leitura e da escrita na escola?

- Para você, o que o relato da Raquel sobre o ensino da leitura e da escrita na universidade, em meados do vídeo e na segunda parte, revela sobre o conceito de letramento(s) acadêmico(s)?

- Como o trecho que segue pode ser relacionado aos conceitos abordados neste capítulo?

“Eu lembro que quando eu trabalhava mais com as questões de aquisição, a gente já falava né, que a aquisição da linguagem é um processo para vida inteira”.

- Refletindo sobre o ensino da escrita, na escola ou na universidade, quais falas da Raquel mais se destacaram para você e por quê?

O canal que você visou tem vários vídeos com profissionais sobre diversos assuntos que se relacionam à LA. No vídeo que você assistiu, em particular, a Raquel nos conta um pouco de sua história e da própria história da escrita, na escola e na universidade. Esperamos que você também possa fazer reLAções com as suas próprias vivências, motivado(a) por nossas indagações. 🍷

Sobre a prática 5



PRÁTICA 6

Vamos tagareLAr mais!

Você irá produzir um diário escrito sobre sua leitura deste livro, registrando suas impressões, reflexões, ideias e até mesmo dúvidas! Não há um formato rígido, mas é importante que haja descrição da sua experiência ao ler essa obra associada às suas reflexões. Algumas sugestões são:

- registrar descobertas que você possa ter feito com a leitura;
- destacar partes que tenham sido mais relevantes para você;
- articular seus pensamentos com outras atividades suas, como seu trabalho, sua vivência social, seu ativismo etc.;
- associar suas reflexões com sua história social e cultural;
- indicar as partes de que mais gostou ou quem sabe de que menos tenha gostado.

Depois que tiver escrito seu diário, que tal compartilhar essa escrita conosco? 😊

Envie seu texto para nossos *e-mails*, pois já queremos tagareLAr sobre ele com você! Nossos endereços eletrônicos são:

flaviasordi@gmail.com

racaftad@gmail.com

livrotagarelas@gmail.com

A última prática é uma escrita especial. Você irá produzir um diário sobre a leitura do nosso livro, com registros de impressões, descobertas, preferências. Confiamos que você terá muito a dizer, ou melhor, escrever, recuperando pensamentos, relações que fez ao longo da leitura, anotações, preferências. Estaremos esperando para conhecer a sua escrita. Não deixe de enviá-la para nós! ❤️

Sobre a prática 6

3.3. Aqui, ali e acoLÁ – com Adriana Fischer⁶



A conversa por aqui não cessa. A convidada deste último capítulo é uma parceira antiga de TagareLAgem: juntas temos publicações, mesas, apresentações, cafés, trocas de fotos no *WhatsApp* e muito mais... enfim, a nossa colega Adriana Fischer, veio, novamente prosear conosco. A Adriana, loura, na segunda tela, é mais uma linguista aplicada que se soma ao nosso grupo. ELA tem muitos anos de experiência como professora e pesquisadora, dedicando-se aos letramentos na

⁶ Por sua vez, essa conversa foi gravada em 31 de outubro de 2023.

escola, na formação de professores, no contexto profissional, em tantos lugares. Como se não fosse pouco, hoje ela é uma das principais referências em letramentos acadêmicos no Brasil e uma interlocutora constante de nós duas.

Quer ler/ouvir/ver partícuLAs de nossa conversa, como fez nos capítulos anteriores?

1. Leia recortes do que faLAmos nesses excertos:



*“Eu estava fazendo um retrospecto: o que são esses **letramentos** em minha vida, na minha trajetória? Lembro que saí da graduação em Letras e entrei no Mestrado em Linguística, na linha de pesquisa *Texto e Ensino*, sob orientação da professora Nilcéa Pelandré, na UFSC. Sempre na vontade de pensar esses usos sociais na língua. Era começo dos anos 2000. O ano 2000, em que nós estávamos problematizando aquele uso só estrutural da língua, pensando os usos efetivos como consequência. Nessa forma, fui fazendo muitas leituras e, por intermédio da professora Nilcéa Pelandré, tendo contato com letramentos”*



“Naquela mesma época [anos 2000], eu começava a me constituir professora no Ensino Superior e fazendo pesquisas no Mestrado, já trabalhando no Ensino Superior, contestando o que sempre vinham



nos dizer nos corredores, nas salas de professores, na graduação: 'esses estudantes chegam ao Ensino Superior e não sabem escrever!'. Então, buscava eu, muitas leituras e problematizar aquilo que eles estavam afirmando de forma tão firme. Foi ao encontro de muito material. Encontrei Cenas de aquisição da escrita, que Raquel é parte organizadora com outras professoras-pesquisadoras do Brasil; outros pesquisadores internacionais, a exemplo de Brian Street, e foi uma interlocução que se iniciou gradativamente para contestar um olhar sobre a língua que era muito estrutural e que queríamos entender como isso faria sentido diverso na formação de professores, na constituição de acadêmicos no Ensino Superior ou em escolas de Educação Básica. Pensar a língua em uso, numa perspectiva mais dialógica. Fui, gradativamente, aproximando os estudos que estava realizando na UFSC, dentro da perspectiva dialógica da linguagem, também *na perspectiva sociocultural dos letramentos*. Dessa forma, os letramentos foram se constituindo, para mim, ao longo dos anos”

“No interior de um texto que ali [livro *Letramentos Acadêmicos no Brasil*] elaborei, eu remeto à minha tese de doutorado, lá em 2007, que mostro a proposição que lá lancei: elaborar uma relação entre a perspectiva dialógica da linguagem, os gêneros discursivos, com o enfoque sociocultural dos letramentos. Nomeei a existência de um *‘modelo dialógico dos letramentos acadêmicos’*. Isso tem me impulsionado, tem me dado vigor para sempre olharmos para essas práticas de letramentos nos contextos”

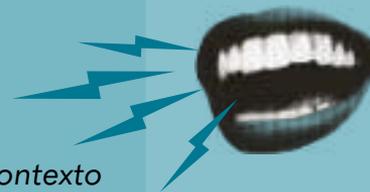


*“os **letramentos acadêmicos** são essas práticas de uso da língua com objetivos para atuar, para partir do contexto acadêmico e também agir em outros contextos. Não ficar só nele. Mas, a abordagem de produção que nós conhecemos de forma recorrente, artigos científicos, falamos aqui de artigos de impacto, é um grande exemplo dos letramentos acadêmicos. Então, são práticas sociais de uso da nossa língua para fins, nesse caso, específicos acadêmicos-científicos, uma publicação científica”*

*“Quando nós falamos de letramentos acadêmicos numa licenciatura, como foi meu caso inicial de pesquisa, em Letras, nós temos conhecimentos da área de formação dos professores de linguagens. Então, que conhecimentos sobre língua portuguesa, sobre língua inglesa, outras línguas para também ter o que dizer nas suas aulas? Como dizer? Exemplo: projetos de letramentos, dentro da perspectiva de letramentos dos professores, que professora Ângela Kleiman, da Unicamp, instituiu no Brasil há algumas décadas, ainda é muito forte. Como nós vamos unindo esses conhecimentos? A mim, isso é uma **expansão do que inicialmente trabalhávamos de letramentos acadêmicos**. Não só ler e produzir textos para a finalidade de ganhar a sua aprovação nas disciplinas, nos cursos, da Graduação e da Pós-Graduação, seja ‘stricto’ ou ‘lato sensu’. Mas também o que conversa com o campo profissional”*

“os letramentos no plural constituem as pessoas. Não é só o ler e produzir para a universidade, mas dentro, a partir da universidade, também para outros contextos. Os letramentos acadêmicos, quando nas licenciaturas, claro que dão

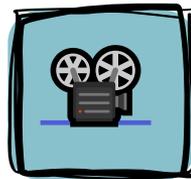
as mãos, muito rapidamente, para letramentos escolares. É um outro contexto que a gente trabalha com e quer contribuir. De lá a gente também busca dados para renovar as nossas construções teóricas. É uma retroalimentação. Os nossos conceitos se revigoram, se transformam e as práticas assim também se transformam, porque nós vamos de um ambiente a outro ou para muitos outros ambientes. Flávia e Raquel, Letramentos acadêmicos a mim, também foi se constituindo um local ou um grande fenômeno de investigação, mas por circular em várias áreas de conhecimento”.



2. Clicar no ícone do som para ouvir recortes:



3. Ver recortes interpretados em Libras, clicando no *link* abaixo:



4. Se deu vontade de ler, ver e ouvir o bate-papo, por inteiro, acesse o vídeo, na íntegra, escaneando o *QR-code*:



E, assim como nossas outras convidadas, Adriana Fischer fez as sugestões de *LA* para você:

 ASSIS, J. A.; KOMESU, F.; FLUCKIGER, C. **Efeitos da Covid-19 em práticas letradas acadêmicas**. 1 ed. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2020, v. 4. 478p.

 FIAD, R. S.; FISCHER, A.; MIRANDA, F. S. Escritas acadêmicas com tecnologias digitais: práticas de letramentos em cursos brasileiros de Letras. In: Fabiana Komesu; Juliana Assis. (Org.). *Práticas discursivas em letramento acadêmico: questões em estudo*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2019, v. 1, p. 5-139.

 FISCHER, A. Práticas de letramentos acadêmicos com tecnologias digitais: problematizações em contextos formativos. In: Rómima de Mello Laranjeira; Flávia Danielle Sordi Silva Miranda; Larissa Giacometti Paris. (Org.). **Letramentos Acadêmicos no Brasil: diálogos e mediações em homenagem a Raquel Salek Fiad**. 1ed.São Carlos: Pedro & João Editores, 2022, v. 1, p. 89- 120.

 FISCHER, A. Entrevista com o Prof. Dr. Manoel Luiz Gonçalves Corrêa: a escrita na formação do professor e pesquisador. **SCRIPTA**, v. 23, p. 177-185, 2019.

 FISCHER, A.; SCHLICHTING, T. S. Letramentos acadêmicos: princípios, potencialidades e proposições. In: Rodrigo Acosta Pereira; Terezinha da Conceição Costa-Hübes. (Org.). **Práticas de linguagem na esfera acadêmica**. 1ed.São Carlos: Pedro & João Editores, 2023, v. 1, p. 19-50.

 KOMESU, F. ASSIS, J. A. (Orgs.). **Ensaio sobre a escrita acadêmica**. 1. Ed, Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2019. v. 1. 139p.

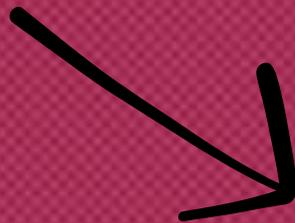
 RODRIGUES, L. D I.; SILVA, J. Q. G. (Orgs.). **Práticas discursivas em letramento acadêmico: questões em estudo: estudos aplicados à prática da escrita acadêmica: colocando a mão na massa**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2020 v. 3. 266p.

 SILVA, J. Q.; LOPES, M. A. P. T. (Orgs.). **Práticas discursivas em letramento acadêmico: questões em estudo: entrevistas sobre a escrita acadêmica.** Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2020 v. 2. 208p.

 VICENTINI, M. A.; OLIVEIRA, G. M.; BONA, R.; FISCHER, A. Práticas de letramentos em podcasts: espaços de afinidade para discussões sobre a pandemia da Covid19. **ECCOM - EDUCAÇÃO, CULTURA E COMUNICAÇÃO.**, v.13, p.169 - 180, 2022.

BRICOLAGEM DO CAPÍTULO 3

Escreva **L**arga e desenro**L**adamente sobre as reflexões desenvolvidas por você no Capítulo 3, inclusive, usando a forma e as modalidades que desejar.



CONCLUSÃO





UM FINAL QUE INTERPELA!

Você, leitor, esteve ao nosso LAdo, nessas conversas que tivemos ao longo dos três capítulos que formaram esta obra, seja entre nós mesmas, seja com nossas queridas convidadas, seja lembrando interlocuções que tivemos com outras pessoas por meio da escrita. Que bom que você quis tagareLAR com a gente!

Para nós duas, fazer este material foi uma experiência diferente de tudo o que já tínhamos realizado antes. Ainda estamos aprendendo a fazer divulgação científica em nossa área e nos desafiamos a uma nova proposta que julgávamos pertinente não para atender à demanda imperiosa que se tem feito para essa atividade: apostamos em um formato que, partindo de nossas múltiplAs escritas, grande parte delas até então desconhecidas por muitos, nos favorecesse faLAR de conceitos caros à LA, direcionando o diálogo para o tópico da escrita, com o qual trabalhamos há tempos.

Ainda assim, a tarefa não foi fácil! Lidamos com uma série de dificuldades de naturezas distintas, que foram desde a necessidade de nos desprendermos de padrões de escrita acadêmica a que estávamos acostumadas, passando pela intenção de não cair em um lugar comum da divulgação científica, que também nos forçasse a reproduzir outros padrões.



Essa busca nos confrontou com um paradoxo: a liberdade para criar e agir de forma menos comprometida com as normas acadêmicas, descoLAda, e o desconhecimento sobre como faríamos isso, depois de tantos anos na universidade. Apesar da complexa questão a resolver, decidimos de um modo reLAtivamente simples: textualizarmos o que já fazíamos na prática, ao longo de nossos anos de parceria juntas, nos quais sempre tagareLAmos, não só sobre os nossos trabalhos e de outros estudiosos, mas sobre nossas vidas, atividades, histórias...

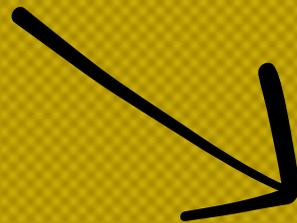
Se por um LAdo, a solução não foi buscada tão de longe, por outro LAdo, nos vimos angustiadas quando, depois da decisão de faLAr a partir de nossas escritas individualmente e/ou em conjunto, nos demos conta de que tanto exporíamos parte de nossas vidas íntimas quanto teríamos um trabalhoso esforço de resgatar materiais para exemplos, que não seriam simples de serem achados, muitas vezes, porque, na escrita da vida real, sequer temos a preocupação de guardar nossos registros ou mesmo em função do longo tempo que se passou.

Contudo, na baLAnça dos prós e contras, resolvemos seguir (e que bom!) e assumimos, para nós, a gostosa e perturbadora tarefa de fazermos uma obra singular e, ao mesmo tempo, LArga de modo que pudesse caber neLA um montão de gente para tagareLAr junto!

Esperamos que tenham sido momentos interessantes para você e, acima de tudo, provocativos. A visão de escrita com a qual temos trabalhado e defendemos ainda entra em embate com visões normativas que já estão circulando há tanto tempo pelas principais instituições e seus participantes, dentre as quais se inclui a própria universidade. Desse modo, nosso trabalho também é de uma divulgação esperançosa de que mais pessoas e mais colegas conheçam a perspectiva da

escrita como prática social, enfim, dos letramentos como práticas sociais. Abordagem essa que, como reiteramos várias vezes, não fomos nós quem criamos: ela tem tradição e muitos estudos no Brasil e fora dele. Abarca diferentes áreas como a Antropologia, a Educação e a própria LA.

Como nossa ideia é tagareLAR, a interlocução não termina aqui, nem agora. Queremos que eLA se estenda para seu trabalho, sua pesquisa, seu modo de vida, suas rodas de conversas com amigos da academia ou não... Por ser assim, também nos colocamos no lugar de quem interpeLA e é com um questionamento que finalizamos este livro: afinal, quantas possibilidades há para a escrita?



REFERÊNCIAS



TAGARELAMOS COM ELAS E ELES

-  BARTON David. **Literacy**: na introduction to the ecology of written language. USA: UK: Austrália: Blackwell Publishig, 2007
-  BUNZEN, Clécio. Os significados do letramento escolar como uma prática sociocultural. In: VÓVIO, Cláudia Lemos.; SITO, Luanda.; DE GRANDE, Paula. Baracat. (Orgs.). **Letramentos**: rupturas, deslocamentos e repercussões de pesquisas em Linguística Aplicada. Campinas: Mercado de Letras, 2010. p. 99-120.
-  CASTANHEIRA, Maria Lúcia., GREEN, Judith L.; DIXON, Carol N. Práticas de letramento em sala de aula: uma análise de ações letradas como construção social. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 20, p. 07-36, 2007.
-  ERICKSON, Frederick. Descrição etnográfica. Trad. de Carmen Lúcia Guimarães de Mattos. In: MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães. (Trad.). **Etnografia na educação**: textos de Frederick Erickson. Rio de Janeiro: NetEdu, 2004. E-book.
-  FIAD, Raquel Salek. (Org.). **Letramentos acadêmicos**: contextos, práticas e percepções. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016.
-  GERALDI, João Wanderley. (Org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2011.
-  HEATH, Shirley Brice. **Ways with words**: language, life, and work in communities and classrooms. New York: Cambridge University Press, 1983.
-  JUNG, Neiva Maria., MACHADO e SILVA, Regina Coeli., PIRES SANTOS, Maria Elena. Etnografia da linguagem como políticas em ação. **Calidoscópico**, v. 17, n. 1, p. 145-162, 2019.

 LARANJEIRA, Rómima de Mello.; MIRANDA, Flávia Danielle Sordi Silva; PARIS, Larissa Giacometti (Orgs.). **Letramentos acadêmicos no Brasil: diálogos e mediações** em homenagem a Raquel Salek Fiad. São Carlos: Pedro & João Editora, 2022.

 KLEIMAN, Ângela B. (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva** sobre a prática social da escrita. São Paulo: Mercado de Letras, 1995.

 LEA, Mary.; STREET, Brian. O modelo de “letramentos acadêmicos”: teoria e aplicações. Trad. de Adriana Fischer e Fabiana Komesu. **Filologia e Linguística Portuguesa**, v. 16, n. 2, p. 477-493, 2014.

 LILLIS, Theresa. Ethnography as Method, Methodology, and “Deep Theorizing”: Closing the Gap Between Text and Context in Academic Writing Research. **Written Communication**, Thousand Oaks, v. 25, n. 03, p. 352-388, jul. 2008.

 LILLIS, Theresa.; SCOTT, Mary Defining academic literacies pedagogy: dialogues of participation. **Journal of Applied Linguistics**, v. 4.1, p. 5-32, 2007.

 LILLIS, Theresa.; HARRINGTON, Kathy.; MITCHELL, Sally.; LEA, Mary. (Orgs.). **Working With Academic Literacies: Case Studies Towards Transformative Practice**, Perspectives on Writing, 2015.

 MIRANDA, Flávia Danielle Sordi Silva.; FIAD, Raquel Salek. “Dossiê Práticas de Ensino da Escrita Acadêmica”: apresentação. **Travessias Interativas**. São Cristóvão, v.11, n. 24, p. 04–07, jul-dez/2021.

 PARIS, Larissa Giacometti.; LARANJEIRA, Rómima de Mello.; MIRANDA, Flávia Danielle Sordi Silva. Efeitos da valorização de uma produtividade quantitativa em práticas de escrita acadêmica no doutorado. In: LARANJEIRA, Rómima de Mello.; MIRANDA, Flávia Danielle Sordi Silva; PARIS, Larissa Giacometti (Orgs.).

Letramentos acadêmicos no Brasil: diálogos e mediações em homenagem a Raquel Salek Fiad. São Carlos: Pedro & João Editora, 2022.

 PIETRI, Emerson. A constituição da escrita escolar em objeto de análise dos estudos linguísticos. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 46, dez. 2007, pp 283-297.

 RIBEIRO, Ana Elisa.; COSCARELLI, Carla. **Linguística Aplicada:** ensino de português. São Paulo: Contexto, 2023.

 SILVA, Rafael Carlos Lima da. **Libras:** aprendizagem na vida cotidiana. São Paulo: Editora Dialética, 2022.

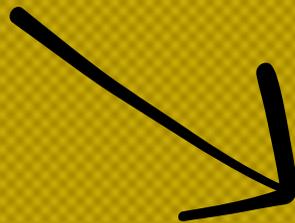
 SILVA, Wagner Rodrigues (Org.). **Contribuições sociais da linguística aplicada:** uma homenagem a Inês Signorini. Campinas: Pontes Editores, 2021.

 STREET, Brian V. **Letramentos Sociais:** abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

 STREET, Brian V. Eventos de letramento e práticas de letramento: teoria e prática nos Novos Estudos do Letramento. In: MAGALHÃES, Isabel. (Org.). **Discursos e práticas de letramento:** pesquisa etnográfica e formação de professores. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012, p. 69-92.

 STREET, Brian V. **Literacy in theory and practice.** New York: Cambridge University Press, 1984.

 ZAVALA, Virgínia. Quem está dizendo isso?: Letramento acadêmico, identidade e poder na educação superior. In: VÓVIO, Cláudia Lemos.; SITO, Luanda.; DE GRANDE, Paula. Baracat. (Orgs.). **Letramentos:** rupturas, deslocamentos e repercussões de pesquisas em linguística aplicada. Campinas: Mercado de Letras, 2010, p. 71-95.



LEIA



LISTA LEIA

Para quem está iniciando os estudos em LA ou para aqueles que queiram revisar leituras, preparamos uma listagem especial de obras que pensamos ser essenciais para estudo na área. Esperamos que, possam, assim, TagareLAR ainda mais!

 ABAURRE, M. B. M. ; FIAD, R. S. ; MAYRINK-SABINSON, M. L. **Cenas de Aquisição da Escrita: O Trabalho do Sujeito com o Texto.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 1997.

 ABAURRE, M. B. M. ; FIAD, R. S. ; MAYRINK-SABINSON, M. L.; GERALDI, J. W. O caráter singular das operações de refacção nos textos representativos do início da aquisição da escrita. **Estudos Linguísticos** (São Paulo), São Paulo, SP, v. XXIV, p. 76-84, 1995.

 BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

 BUZATO, M EL K. **Entre a fronteira e a periferia: linguagem e letramento na inclusão digital.** 2007. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Universidade Estadual de Campinas.

 CORRÊA, M. Relações intergenéricas na análise indiciária de textos escritos. In: **TLA** 45, jul/dez 2006, pp 205-224.

 CORRÊA, M. Encontros entre práticas de pesquisa e ensino: oralidade e letramento no ensino da escrita. In: **Perspectiva**, Florianópolis, v. 28, n. 2, 625-648, jul./dez 2010

-  COSCARELLI, C.; RIBEIRO, A. E. **Letramento digital**: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. Belo Horizonte: Ceale: Autêntica, 2011.
-  COSTA, A. R.; BEVILAQUA, A. F.; FIALHO, V. R. Entrevista com Vilson J. Leffa. **RBLA**, v. 22, n, 4, p. 807-815, 2022.
-  CURRY, M. J. LILLIS, T. M. Estratégias e táticas na produção do conhecimento acadêmico por pesquisadores multilíngues. Tradução de Raquel Salek Fiad e Flávia Danielle Sordi Silva Miranda. In: FIAD, R. S. (Org.). **Letramentos acadêmicos**: contextos, práticas e percepções. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016, p. 11-64.
-  CURRY, M. J. LILLIS, T. M. Uma crítica ao 'inglês como língua franca' da publicação de periódicos acadêmicos. Tradução de Raquel Salek Fiad e Flávia Danielle Sordi Silva Miranda. **Revista Roseta**. 2018.
-  FIAD, R. S.; FISCHER, A.; MIRANDA, F. D. S. S. Escritas acadêmicas com tecnologias digitais: práticas de letramentos em cursos brasileiros de Letras. In: Fabiana Komesu; Juliana Alves Assis. (Org.). **Práticas discursivas em letramento acadêmico**: questões em estudo - Ensaio sobre a escrita acadêmica. 1ed. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2019, v. 1, p. 104-121.
-  FIAD, R. S. Pesquisa e ensino de escrita: letramento acadêmico e etnografia. **Revista do GEL**, v. 14, p. 86-99, 2018.
-  FIAD, R. S. Bakhtin e estudos sobre escrita, sua aquisição e seu ensino. In: Raquel S. Fiad; Luciano N. Vidon. (Org.). **Em(n)torno de Bakhtin**: Questões e Análises. 1ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013, p. 57-67.
-  FIAD, R. S. Reescrita, dialogismo e etnografia. **Linguagem em (Dis)curso (Impresso)**, v. 13, p. 463-480, 2013.

- FIAD, R. S. Diálogos entre propostas de ensino de escrita em documentos oficiais. In: Raquel Salek Fiad; Inês Signorini. (Org.). **Ensino de língua: Das reformas, das inquietações e dos desafios**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012, v. 1, p. 106-120.
- FIAD, R. S. A escrita na universidade. **Revista da ABRALIN**, v. 2, p. 357-369, 2011.
- FIAD, R. S.; SILVA, L. L. M. da . Escrita na formação docente: relatos de estágio. **Acta Scientiarum. Language and Culture (Online)**, v. 31, p. 123-131, 2009.
- FIAD, R. S. **Escrever é reescrever**. Belo Horizonte: CEALE/FaE/UFMG, 2006.
- FUZA, A. F. **A constituição dos discursos escritos em práticas de letramento acadêmico-científicas**. 2015. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Universidade Estadual de Campinas.
- GARCEZ, P. M.; SCHULZ, L. Olhares circunstanciados: etnografia da linguagem e pesquisa em Linguística Aplicada no Brasil. In: **D.E.L.T.A**, v. 31, n. especial, 2015, p. 01-34.
- IVANIČ, R. **Writing and identity: the discursal construction of identity in academic writing**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1998.
- LILLIS, T. **Principios para construir una pedagogía inclusiva de la escritura. Escritura e inclusión en la universidad: Herramientas para docentes**. Editorial Universitaria, 2021.
- LARANJEIRA, R. M.; MIRANDA, F. D. S. S.; PARIS, L. G. Etnografia como teorização profunda em Linguística Aplicada: a relevância do diário de escrita acadêmica. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, Dossiê, v. 21, n. 1, p. 10132-10148, jan./mar. 2024.

 KLEIMAN, A. B. Trajetórias de acesso ao mundo da escrita: relevância das práticas não escolares de letramento para o letramento escolar. **Perspectiva** (UFSC), v. 28, p. 17-40, 2010.

 LIMA, M. **O blogging como prática dialógica**: processo de produção do gênero Review de Tecnologias. 2014. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Universidade Estadual de Campinas.

 MACIEL, L. V. DE C. **Para entender os gêneros do discurso**. Araraquara: Letraria, 2022.

 MAGALHÃES, T. G.; BUENO, L.; COSTA-MACIEL, D. A. G. (Orgs.). **Ora- lidade e gêneros orais**: experiências na formação docente. Campinas: Editora Pontes, 2021.

 MENDONÇA, M. R. S.; MOREIRA, L. F.; NOGUEIRA, M. C. S. **Letramen- tos na vida**: iniciação à pesquisa na formação de professores. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023.

 MIRANDA, F. D. S. S.; PARIS, L. G.; LARANJEIRA, R. de M.; FIAD, R. S.; LILLIS, T.; KOMESU, F.; ASSIS, J. A.; FISCHER, A.; MENEGASSI, R. J.; FUZA, A. F.; ANDRADE, L. T.; SILVA OLIVEIRA, F. B. Manifesto acadêmico: por nova(s) pedagogia(s) de escrita para o Ensino Superior. In: LARANJEIRA, R. de M.; MIRANDA, F. D. S. S.; PARIS, L. G. (Orgs.). **Letramentos Acadêmicos no Brasil**: diálogos e mediações em homenagem a Raquel Salek Fiad. 1ed. São Carlos: Pedro & João, 2022, v. 1, p. 233-251.

 MIRANDA, F. D. S. S.; FIAD, R. S. Apresentação. **Travessias Interativas**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2021.

 MIRANDA, F. D. S. S. **Letramentos acadêmicos (en)formados por relações dialógicas na universidade**: ressignificações e refrações com tecnologias digitais. 2016. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Universidade Estadual de Campinas.

 MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

 OLIVEIRA, E. F. **Letramentos acadêmicos**: o gerenciamento de vozes em resenhas e artigos científicos produzidos por alunos universitários. 2015. Tese (Doutorado em doutorado em Linguística Aplicada) - Universidade Estadual de Campinas.

 PAIVA, V. M. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

 PASQUOTTE-VIEIRA, E. A. **Letramentos acadêmicos**: (re)significações e (re)posicionamentos de sujeitos discursivos. 2014. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Universidade Estadual de Campinas.

 PARIS, L. G. **Letramentos acadêmicos de doutorandos**: entre mediações e publicações. 2021. Tese (Doutorado em Doutorado em Linguística Aplicada) - Universidade Estadual de Campinas.

 RIBEIRO, Ana Elisa. **Multimodalidade, textos e tecnologias**: provocações para a sala de aula. São Paulo: Parábola, 2021.

 RIBEIRO, A. E. Textos multimodais na sala de aula: exercícios. **Revista Triângulo**, Uberaba - MG, v. 13, n. 3, p. 24–38, 2020.

 RIBEIRO, Ana Elisa. **Textos multimodais**: leitura e produção. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

 RODRIGUES, D. L. D. I.; FISCHER, A. O discurso relatado na escrita de pesquisa: problematizações teóricas e didático-discursivas em práticas de letramentos acadêmicos. **Travessias Interativas**, [S. l.], v. 11, n. 24, p. 88–103, 2021.

 ROJO, R. **Letramentos múltiplos: escola e inclusão social**. Parábola Editorial, 2009

 SARTORI, A. T. **Os professores e sua escrita: o gênero discursivo “Memorial de formação”**. 2008. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Universidade Estadual de Campinas.

 SILVA, E. M da. Abordagem didática do artigo acadêmico em um curso de letras: diálogo entre a sociorretórica e os letramentos acadêmicos. **Travessias Interativas**, [S. l.], v. 11, n. 24, p. 104–124, 2021.

 SOCORRO, M. A. N. Macedo. **Interações e Práticas de Letramento em Sala de aula: uso do livro Didático e da Metodologia de Projetos**. 2004. Tese (Doutorado em Estudos Literários) - Universidade Federal de Minas Gerais.

 TINOCO, G. M. A. **Projetos de Letramento: ação e formação de professores de língua materna**. 2008. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Universidade Estadual de Campinas.



SOBRE NÓS

A DUPLA



Fonte: acervo da Flávia, desenho feito por sua filha Helena, com 5 anos

FLÁVIA DANIELLE SORDI SILVA MIRANDA

Sou formada em Letras pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), onde conheci a LA e me tornei mestra, doutora e pós-doutora. Já atuei na Educação Básica e em um cursinho Pré-Vestibular Social, antes de começar como professora universitária. Já trabalhei em universidades particulares e na Universidade Federal de Alfenas. Hoje, estou na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Se você for no meu LAttes, saberá mais sobre meu trabalho... Mas, para descolar da academia um pouquinho, pois sou (somos!) múltiPLA, queria contar que sou mãe da Helena, casada com o Tadeu, a filha mais velha da Ana e do Doni, encabeçando um time massa que também tem a Bárbara, a Bruna e o Lucas. Faço parte de uma família grande e barulhenta! Também sou tutora do Bakhtin, vulgo Tim Tim. Tenho paixão pela arte de modo geral, especialmente a dança. Gosto extremamente de escrever, sou católica, amo chocolate e café. Gosto de TagareLAr - desde pequena, segundo a minha mãe - com meus alunos, familiares, minha filha e amigos, incluindo a Raquel, uma das minhas pessoas favoritas 😊

RAQUEL SALEK FIAD

Estudei no Rio de Janeiro até a minha graduação em Letras (Português-Latim), na UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro). Lá também iniciei minha vida de professora, concomitante à graduação, atuando em Cursos pré-vestibulares e em escolas particulares, como professora de Português e de Latim. O mestrado

em Linguística foi na Unicamp, seguido pelo doutorado, também em Linguística, na *State University of New York* (EUA). Após o doutorado comecei a ser professora universitária, inicialmente na Universidade Federal da Bahia e, depois, na Unicamp, onde me aposentei, em 2020. Da Linguística para a Linguística Aplicada foi um trânsito em via de mão dupla, dado meu interesse pela linguagem e seu ensino. A sala de aula é um dos lugares onde me torno mais tagarela e onde também gosto de tagarelar com meus alunos. Fora desse contexto, sou mais quieta, gosto de ler, de lugares tranquilos, especialmente do mar.



AGRADECIMENTOS

LADO A LADO

Agradecemos, de um LAdo, a todos e a todas que nos apoiaram no desenvolvimento desta obra, mas sobretudo:

- aos integrantes do Grupo de Pesquisa “Escrita: ensino, práticas, percepções, concepções” pela interlocução direta, que se manifesta desde o prefácio do livro;
- às três convidadas que dialogaram conosco, dispendo de seu tempo e compartilhando reflexões;
- ao Rafael Carlos Lima da Silva, pela parceria gentil, na interpretação de trechos dos vídeos, em Libras, além da colaboração na edição deles;
- à Larissa Paris pela leitura cuidadosa, com apontamentos para revisão;
- à Mayra Munhoz pela edição dos vídeos;
- à Isabela Bortoleto e à Larissa Gomes por cuidarem dos QR-Codes para os vídeos;
- aos nossos amigos e familiares do entorno por amorosamente nos incentivarem.

Agradecemos, de outro LAdo, ao suporte institucional, a saber,

- Às nossas universidades (UFU e Unicamp) que oportunizaram a licença para capacitação e o desenvolvimento da mesma, respectivamente;
- Ao CNPq, pela concessão da Bolsa de Produtividade em Pesquisa de Raquel Salek Fiad (Processo 313630/2021-6), que financiou a publicação deste trabalho, através do Adicional de Bancada.

Copyright © Autoras

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras.

Flávia Danielle Sordi Silva Miranda; Raquel Salek Fiad

TAGARELAS: uma abordagem da escrita com outras escritas. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. 157p. 25x25 cm.

ISBN: 978-65-265-1471-9 [Digital]

1. Letramentos vernaculares. 2. Letramentos acadêmicos. 3. Perspectiva etnográfica. 4. Escrita. I. Título.

CDD – 410

Capa: Gabrielli Ambrozio e Samara Coutinho

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Projeto Gráfico e Diagramação: Gabrielli Ambrozio e Samara Coutinho

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patrícia da Silva (UERJ/Brasil).



Pedro & João Editores
www.pedroejoaoeditores.com.br
13568-878 – São Carlos – SP
2024

ISBN 978-65-265-1471-9



9 786526 514719 >

